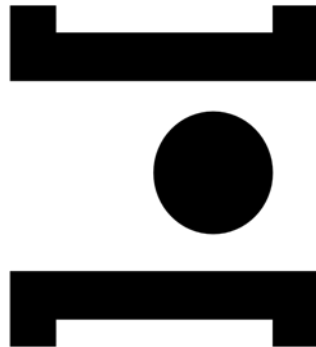


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação de Santarém



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**Desenvolvimento da Imaginação e Criatividade nas Crianças
em Educação Pré-Escolar- Perspetiva de Profissionais de
Educação**

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Raquel Filipa Mendes Franco

Orientação:

Marta Nunes da Silva Minaúla Tagarro

novembro, 2023

“A infância vive a realidade da única forma honesta, que é tomando-a como uma fantasia.”

Agustina Bessa-Luís (2000)

Agradecimentos

Uma longa caminhada de seis anos, feita de muitas emoções, de muitos esforços emocionais e físicos chega ao fim.

Esta conquista final não será celebrada apenas por mim, mas também por todos aqueles que me apoiaram e que apesar de muitos momentos baixos sempre estiveram aqui para mim, sempre se disponibilizaram com o seu tempo, com a sua ajuda, com a sua paciência para que esta etapa final do meu percurso académico finalmente chegasse.

Primeiramente à minha orientadora Marta Tagarro que me ajudou durante todo este processo, que é uma excelente profissional e sabe que por detrás de um estudante há uma pessoa, com sentimentos, com dificuldades e adversidades na vida. Sempre se disponibilizou para me ajudar, para me guiar e orientar, partilhou comigo os seus conhecimentos as suas experiências e vivências, de modo a encontrar-me nesta investigação e trabalhá-la. Uma professora e uma profissional de mérito na sua área. Um agradecimento, também, as todas as restantes professoras que passaram pela minha vida académica, bem como as educadoras e profissionais com quem pude partilhar o espaço e estagiar ao longo de todos estes anos, pois sem esta interação e partilha de momentos não seria possível o meu desenvolvimento e crescimento na área.

Um obrigado à minha família, que tamanho sentimento tenho por eles, aos meus pais, Helena e Mário, que, respeitando o meu tempo sempre me motivaram e deram forças para começar e recomeçar e continuar esta jornada que tanto me custou, eles que tantas vezes me fizeram lutar pelo meu futuro, pela ambição de uma carreira que me faz tão feliz, por terem sido os que estiveram sempre do meu lado toda a minha vida, desde as fraldas até aos dias de hoje, àqueles que nunca me irão abandonar seja qual for o motivo, um enorme obrigado aos meus pais. À minha irmã Carolina, uma força da natureza, uma inspiração, a minha guia, agradeço-lhe por me acompanhar nesta caminhada da vida e por me apoiar e dar motivação para que termine esta etapa, esta luta que tem sido. Um especial obrigado a estas três figuras na minha vida, à minha família de sangue e de coração.

Ao meu namorado Gonçalo, um agradecimento pelos anos todos de companheirismo, um obrigado por fazer parte desta caminhada e me ver crescer

enquanto pessoa, estudante e profissional, dando sempre apoio e palavras de motivação para nunca desistir.

Ao meu melhor amigo Luís, ao meu parceiro, ao meu sol quente nos dias mais frios, por me puxar sempre para cima, por me dar sempre palavras de apoio, motivação e força de vontade, um grande obrigado, pois esta etapa não seria feita da mesma forma sem as suas palavras, sem a sua força. Das pessoas que mais me apoiou sempre na vida e que espero levar para sempre comigo na vida presente e no coração, sei que festejará esta como se fosse dele, porque acima de tudo somos um só, almas cruzadas numa outra vida que se reencontraram. Obrigada por tudo.

Às minhas melhores amigas, Raquel Figueiredo, Ana Carolina e Joana Fróis pela amizade que têm comigo, pela paciência, pela preocupação e generosidade que têm para comigo. Nunca desistiram de mim e sempre me deram forças para continuar e dar mais de mim para que finalmente terminasse o meu trabalho final, levantaram-me sempre para cima e caminharam comigo até ao fim. O seu apoio estará sempre gravado na minha memória.

Por fim, às minhas maiores forças, quem me fazem andar para a frente e quem eu quero orgulhar, os meus queridos avós Zé Miguel e Maria de Lurdes que se encontram longe de todos nós fisicamente, mas que estarão sempre no meu coração, à vossa.

A todos o meu profundo e sincero obrigado por me acompanharem nesta caminhada de desafios, conquistas, obstáculos e que nunca me deixaram cair sozinha.

Resumo

Este relatório perspetiva o percurso investigativo e também formativo, como forma de obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar que se divide em duas componentes, teórica e prática. No primeiro capítulo são apresentados todos os estágios realizados na unidade curricular de Práticas de Ensino Supervisionadas (PES) em contexto de Creche e Jardim de infância, com a sua descrição e reflexão sobre os percursos efetuados.

O segundo capítulo apresenta a revisão de literatura que assenta sobre a imaginação e criatividade na infância abordando Vygotsky (2009;2012), Taylor (1955), Sousa (2003; 2017; 2019), Sakamoto (1999; 2000), etc. É, ainda, composto pela investigação prática, mostrando a metodologia adotada e a análise de dados. A metodologia da componente investigativa prática dá conta de um estudo de natureza qualitativa. Com base numa aproximação prévia ao tema em estudo, definiu-se como pergunta de investigação: O que é a imaginação e criatividade na infância? dando, por sua vez origem às seguintes questões: Q1. Quais os tipos de imaginação e criatividade? Q2. Quais as estratégias de promoção da imaginação e criatividade? Q3. Qual a importância do papel dos profissionais de educação na promoção da imaginação e criatividade? Q4. Qual a importância do desenvolvimento da imaginação e criatividade? Como instrumentos de recolha de dados recorreu-se a entrevistas que permitiram responder, através da perspetiva de três intervenientes no ramo da educação, às questões orientadoras inicialmente formuladas. Os resultados da investigação apontam para a importância da promoção da imaginação e criatividade através de atividades livres que possibilitem a exploração do mundo e da autonomia da criança; para a implementação de estratégias para o desenvolvimento da imaginação e criatividade, através do uso de materiais diversificados; e para o importante papel do profissional de educação na criação de ambientes propícios ao desenvolvimento do pensamento criativo.

Palavras-Chave: Imaginação; Criatividade; Pré-Escolar; Desenvolvimento; Aprendizagem.

Abstract

This report looks at the investigative and also training path, as a means of obtaining a Master's degree in Pre-School Education, which is divided into two components, theoretical and practical. In the first chapter, all internships carried out in the curricular unit of Supervised Teaching Practices (PES) in the context of Nurseries and Kindergartens are presented, with their description and reflection on the paths taken.

The second chapter presents the literature review based on imagination and creativity in childhood, addressing Vygotsky (2009;2012), Taylor (1955), Sousa (2003; 2017; 2019), Sakamoto (1999; 2000), etc. It is also composed of practical research, showing the adopted methodology and data analysis. The methodology of the practical investigative component is a study of a qualitative nature. Based on a previous approach to the subject under study, the following research question was defined: What is imagination and creativity in childhood? giving rise, in turn, to the following questions: Q1. What types of imagination and creativity? Q2. What are the strategies for promoting imagination and creativity? Q3. How important is the role of education professionals in promoting imagination and creativity? Q4. What is the importance of developing imagination and creativity? As instruments for data collection, interviews were used, which made it possible to respond, through the perspective of three players in the field of education, to the guiding questions initially formulated. The research results point to the importance of promoting imagination and creativity through free activities that allow the exploration of the world and the child's autonomy; for the implementation of strategies for development of imagination and creativity, through the use of diversified materials; and for the important role of education professionals in creating environments conducive to the development of creative thinking.

Key words: Imagination; Creativity; Preschool; Development; Learning.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I – Práticas de Ensino Supervisionada.....	3
1.Caracterização do contexto de estágio em Creche.....	3
1.1 Caracterização da instituição.....	3
1.2 Modelo pedagógico e projeto educativo da instituição.....	4
1.3 Caracterização e projeto de sala.....	5
1.4 Caracterização do grupo.....	7
1.5 Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio “Crescer e aprender a brincar com os sentidos!”.....	8
1.6 Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto.....	9
2. Caracterização do contexto de estágio em Jardim de Infância.....	13
2.1 Caracterização da instituição.....	13
2.2 Caracterização e projeto da sala.....	14
2.3 Caracterização do grupo.....	14
2.4 Modelo pedagógico e projeto educativo.....	15
2.5 Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio “Cabeças no Ar”.....	17
2.6 Atividades desenvolvidas em estágio em Jardim de Infância.....	19
3. Balanço geral de todos os estágios.....	22
Capítulo II: Investigação.....	24
1. Percurso Investigativo: Problema, questões e objetivos da investigação.....	24
2. Revisão da Literatura.....	25
2.1 Imaginação e criatividade.....	25
2.2 Cinco tipos de criatividade definidos por Colin Taylor.....	30
2.3 Estratégias para a promoção da imaginação e criatividade.....	31
2.4 A importância da promoção do desenvolvimento da imaginação e criatividade.....	33
2.5 Fatores que influenciam o desenvolvimento da criatividade.....	35
3. Metodologia da Investigação.....	38
3.1 Tipo de investigação.....	39
3.2 Instrumentos da recolha de dados.....	39
3.3 Participantes da investigação.....	40
3.4 Procedimento de recolha de dados.....	41
3.5 Análise e discussão de resultados.....	42

Considerações Finais	50
Referências Bibliográficas.....	52
Anexos	58

Índice de Anexos

Anexo A - Planificações das atividades realizadas em contexto de estágio.....	58
Anexo B – Guião das entrevistas.....	68
Anexo C – Transcrição das Entrevistas.....	71
Anexo D - Quadro de análise das entrevistas.....	114

Índice de Figuras

Figura 1- Planta da sala 2D.....	5
Figura 2- Plano da sala 3D.....	5
Figura 3- História criada.....	10
Figura 4- Interação com os bonecos de feltro.....	10
Figura 5- Bonecos de feltro.....	10
Figura 6- Execução da atividade da estrelinha.....	10
Figura 7- Resultado da atividade da estrelinha.....	10
Figura 8- Atividade da caixa em curso.....	11
Figura 9- Atividade do tapete em curso.....	11
Figura 10- Atividade do tapete em curso 2.....	11
Figura 11- Plano da sala 2D.....	14
Figura 12- Planos da sala 3D.....	14
Figura 13- Criança procurando inspiração no livro.....	20
Figura 14- Atividade do mural em curso.....	20
Figura 15- Amostra do livro abordado.....	20
Figura 16- Criança com o resultado final do seu trabalho.....	20
Figura 17- Atividade em curso, criança a explicar porque gosta do seu trabalho.....	20
Figura 18- Exemplo do livro.....	20
Figura 19- História apresentada.....	21

Índice de Tabelas

Tabela 1 Atividade história da estrelinha.....	58
Tabela 2 Atividade da estrelinha.....	59
Tabela 3 atividade “Caixinha mágica das sensações”.....	60
Tabela 4 atividade “Tapete mágico das sensações”.....	61
Tabela 5 atividade “O nosso museu e a nossa arte”.....	62
Tabela 6 atividade “Eu gosto do meu bico porque...”.....	64
Tabela 7 atividade “Esta história também é tua”.....	66

Índice de Abreviaturas

EA- Entrevistada A

EB- Entrevistada B

EC- Entrevistado C

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

JI – Jardim de Infância

MEM – Movimento da Escola Moderna

PES – Prática de Ensino Supervisionada

SPAT - Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia

UC- Unidade Curricular

Introdução

O presente Relatório Final de Estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, mais precisamente na unidade curricular (UC) de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada (PES), tendo como principal objetivo a obtenção do grau de mestre, orientado pela docente Marta Tagarro.

No que concerne à estrutura e organização deste relatório, este apresenta-se dividido em duas partes, centrando-se a primeira no trabalho realizado em estágios desenvolvidos durante os três semestres de mestrado, sendo que o primeiro estágio apresentado foi realizado em creche, seguido por dois estágios concretizados em contexto de jardim de infância (JI), realizados na mesma instituição, com o mesmo grupo de crianças, devido às alterações que os planos escolares sofreram com o aparecimento do corona vírus.

A primeira parte contempla, ainda, caracterizações das instituições, do ambiente educativo, das salas onde ocorreram os estágios e ainda uma breve descrição da prática pedagógica em cada um dos contextos. Inclui, também, um balanço geral de todos os estágios, destacando pontos positivos e dificuldades sentidas, as principais aprendizagens que fui realizando e uma reflexão sobre os projetos implementados.

A segunda parte foca-se sobre o processo investigativo, nomeadamente, a definição dos objetivos que foram: Perceber quais os tipos da criatividade; Procurar conhecer quais as estratégias de promoção da imaginação e criatividade; Saber qual a importância do papel dos profissionais na promoção da imaginação e criatividade; e Perceber qual a importância do desenvolvimento da imaginação e criatividade e os fatores que influenciam as mesmas.

Inclui, também, a revisão de literatura, incidindo esta sobre os conceitos de imaginação e criatividade, os tipos de criatividade definidos por Taylor (1955, citado por Sousa, 2003), as estratégias para a promoção da imaginação e da criatividade, bem como a importância de as trabalhar e ainda os fatores que influenciam o desenvolvimento da criatividade.

Finalmente, esta segunda parte ocupa-se das questões metodológicas e o processo investigativo a partir da questão em estudo, explicitando-se o tipo de investigação, quais os instrumentos de recolha de dados utilizados, a amostra de participantes no estudo, o procedimento de recolha de dados e por fim uma análise e discussão sobre os mesmos.

Posteriormente, é feita uma reflexão final de todo o percurso realizado no mestrado frequentado, relacionando esse mesmo percurso com as informações retiradas da investigação, e qual o contributo da mesma para o futuro enquanto profissional na área da educação. Para finalizar este relatório, apresentam-se as referências bibliográficas e os anexos utilizados durante toda a elaboração da pesquisa.

O presente estudo permitiu compreender que, apesar de haver pouca formação sobre esta temática nos percursos académicos dos entrevistados, estes procuram promover o desenvolvimento da imaginação e criatividade nas crianças, reconhecendo a sua importância. O educador deve promover a criatividade de modo livre e orientador, abrindo caminhos para a descoberta e exploração do mundo, tendo sempre em conta as necessidades e interesses de cada indivíduo.

Capítulo I – Práticas de Ensino Supervisionada

Neste primeiro capítulo estará presente uma breve descrição dos dois contextos onde foram realizados os estágios. O primeiro estágio ocorreu na valência de Creche e o segundo e terceiro na valência de Jardim de Infância. É importante destacar que estes estágios foram realizados no distrito de Santarém e de Lisboa, sendo que os dois últimos (Jardim de infância) foram realizados na mesma instituição devido aos constrangimentos decorrentes da pandemia de covid-19 que afetou os calendários escolares, obrigando ao adiamento e reorganização dos estagio curriculares, tendo-se revelado mais vantajosa a opção de tornar seguidos os dois últimos estágios, o que permitiu dar maior continuidade ao trabalho desenvolvido.

Seguidamente serão apresentadas as caraterísticas de cada uma das instituições, os respetivos projetos, a caraterização das salas e dos grupos e serão ainda apresentados os projetos criados e desenvolvidos com cada um deles, bem como, algumas das atividades implementadas durante os estágios.

1.Caracterização do contexto de estágio em Creche

O primeiro estágio que se realizou em contexto de creche numa Instituição Particular de Solidariedade Social, com valências de berçário, creche e JI e C.A.T.L., concretizou-se de 26 de novembro de 2019 a 18 de janeiro de 2020, tendo uma duração aproximada de seis semanas.

1.1 Caracterização da instituição.

Esta instituição foi criada com o intuito de dar resposta à população mais desfavorecida, propondo-se apoiar as famílias em situação de carência económica ou com situações de risco familiar, contribuindo para a educação e bem estar das suas crianças.

O principal objetivo desta instituição é a inserção da criança na sociedade como um ser autónomo, livre e solidário e as suas linhas de ação visam o desenvolvimento da criança tendo em conta o seu bem-estar, as suas capacidades e necessidades, favorecendo o seu desenvolvimento pessoal, social e religioso. No momento do estágio

a instituição abarcava cerca de 240 crianças, entre berçário, creche e pré-escolar, funcionando entre as 7h e as 19h.

A instituição era composta por dois pisos: o rés do chão, com direito a jardim exterior, e o primeiro andar. O rés do chão era composto por uma sala de berçário (4 aos 12 meses), dormitório e copa para a sala de berçário, quatro salas de creche (duas de 1 anos e duas de 2 anos) totalmente equipadas para as necessidades diárias das crianças e educadoras, como casas de banho anexadas às salas, muda fraldas, espaços para brincar e explorar. O rés do chão era ainda composto por lavandaria, cozinha, refeitório, sala de funcionários, casas de banho, copa, despensas de apoio às salas, secretaria e acesso às escadas para o primeiro piso, sendo que no exterior, as crianças tinham à sua disposição um jardim com uma boa área, dois pisos sintéticos, parque de areia, zona de cultivo, galinheiro, pombal e muitos materiais e brinquedos para usufruírem. O primeiro piso era composto pela área do pré-escolar e área do A.T.L, ambas tendo como espaços partilhados o acesso ao pavilhão polivalente, e casas de banho. A área do pré-escolar era composta por 4 salas (duas de 3/4 anos e duas de 4/5 anos) e despensas anexas para guardar materiais, estando todas as salas bem equipadas para a promoção de um ambiente educativo saudável e rico. A área do A.T.L era composta por uma sala para usufruto das crianças que faziam parte deste centro de atividades.

1.2 Modelo pedagógico e projeto educativo da instituição.

Os modelos pedagógicos adotados eram o Movimento da Escola Moderna (MEM) e High Scope. Ambos os modelos se centram na aprendizagem ativa da criança no sentido de ser a principal atriz das suas aprendizagens.

De acordo com o Projeto Institucional (2019/2020) a aprendizagem ativa defende que a sala de atividades deve ser interativa, que a criança não pode ser somente um recetor de informações, mas que se entusiasme para procurar o conhecimento por conta própria. Desta forma, a postura como educador deve ser a de facilitar e motivar para que a criança se coloque autonomamente no caminho da descoberta, observe, veja, descubra, vivencie, experimente, partindo sempre do concreto, pois é assim, que esta consegue perceber e compreender aquilo que a rodeia, questionando, levantando hipóteses, descobrindo, ultrapassando obstáculos, procurando soluções e vencendo as dificuldades. Como instrumentos avaliativos das aprendizagens eram utilizadas, na creche, os registos do Manual da Qualidade na Creche, nomeadamente Perfil de Desenvolvimento e o Plano de Desenvolvimento Individual (quando necessário).

1.3 Caracterização e projeto de sala.



Figura 1- Planta da sala 2D.

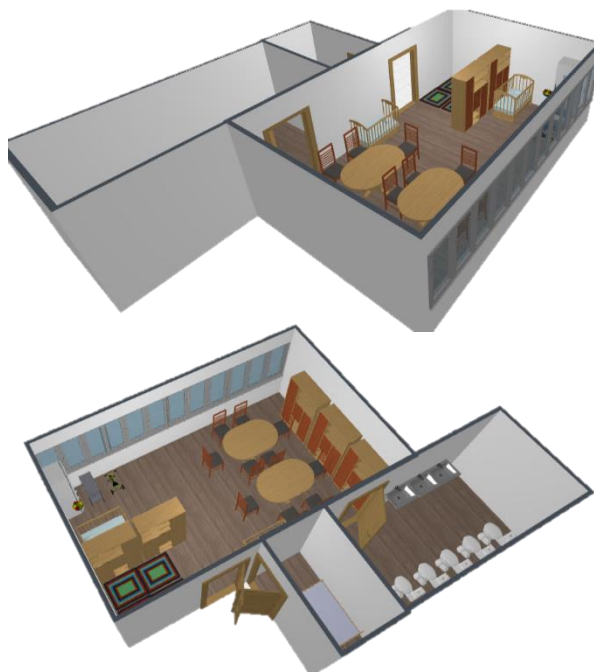


Figura 2- Plano da sala 3D.

Foi numa sala de 2 anos que se realizou o meu estágio. Nas OCEPE, Orientações Curriculares Ensino Pré-Escolar (2016), defende-se que os educadores devem atender a alguns critérios sobre a organização do espaço educativo e às possibilidades que este pode oferecer, de modo a contribuir para o desenvolvimento da independência e autonomia das crianças com que trabalham. A sala era composta por fraldário, casa de banho, cantinho da leitura/mantinha, cantinho da casinha, cantinho dos jogos e da garagem, e disponibilizava ainda 2 mesas para as crianças realizarem algumas atividades e fazerem a sua hora de refeição, fornecendo, também, camas que eram disponibilizadas pela instituição para as crianças usarem na hora da sesta. A sala era ampla, espaçosa e com bastante luz natural, uma vez que possuía grandes janelas que envolviam grande parte da mesma. A meu ver, esta sala apresentava condições adequadas às necessidades de cada criança, uma vez que tinha muito espaço para que as crianças conseguissem explorar livremente.

O projeto de sala tinha como tema anual “A Magia da Comunicação” e alguns dos seus objetivos eram:

- a) Desenvolver diferentes formas de comunicação;
- b) Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;

- c) Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação.

O projeto de sala contemplava as opções/intenções educativas da educadora e a forma como esta pretendia orientar os momentos de aprendizagem/desenvolvimento do grupo, tendo em conta os modelos pedagógicos adotados pela instituição. “A Magia da Comunicação”. Este projeto citava Gabriel D’Annuzio, “devemos colocar nas mãos das crianças todos os objetos necessários para ativar o seu desenvolvimento intelectual e emocional.” Uma atividade lúdica fisicamente equilibrada e variada, estimulante e desafiante, deve constituir um repto à imaginação, à criatividade e à exploração dos limites do corpo e mente. Tendo atenção ao grupo a que se destina, este projeto deu maior relevo à prestação de cuidados, às rotinas, à higiene, tendo em conta também atividades revestidas de intencionalidade educativa, em torno da qual a criança processa as suas aprendizagens e estrutura o seu desenvolvimento.

A segunda autora citada neste projeto era Gabriela Portugal (1998), “aquilo que as crianças necessitam é de atenção às suas necessidades físicas e psicológicas, uma relação com alguém em quem confiem, respeito, um ambiente seguro, saudável, de afetos e adequado ao seu nível de desenvolvimento, oportunidades de interagir com outras crianças e liberdade para explorar utilizando todos os seus sentidos”, portanto verificou-se que este projeto seguia os 10 princípios referidos por esta autora:

Princípio 1 – envolver as crianças nas coisas que lhes dizem respeito; Princípio 2 – Investir em tempos de qualidade procurando-se estar completamente disponível para as crianças; Princípio 3 – aprender a não subestimar as formas de comunicação únicas de cada criança e ensinar-lhe as suas; Princípio 4 – Investir tempo e energia para construir uma pessoa “total”; Princípio 5 – Respeitar as crianças enquanto pessoas de valor e ajudá-las a reconhecer e a lidar com os seus sentimentos; Princípio 6 - Ser verdadeiro nos nossos sentimentos relativamente às crianças; Princípio 7 – Modelar os comportamentos que se pretende ensinar; Princípio 8 – Reconhecer os problemas como oportunidades de aprendizagem e deixar as crianças tentarem resolver as suas próprias dificuldades; Princípio 9 – Construir segurança ensinando a confiança; Princípio 10 – Procurar promover a qualidade do desenvolvimento em cada fase etária, mas não apressar a criança para atingir determinados níveis de desenvolvimento.

Para além de ser um projeto que foi pensado e construído de forma a trabalhar todas as áreas de conteúdo previstas nas OCEPE, a educadora definiu, ainda, um conjunto de estratégias para o envolvimento das famílias. Como exemplo:

- Sensibilizar para a importância da creche;
- Chamar à atenção para a evolução da aprendizagem e desenvolvimento da criança;
- Solicitar a participação em algumas atividades ao longo do ano.

1.4 Caracterização do grupo.

A sala de 2 anos onde se realizou o estágio era composta por 17 crianças, sendo 6 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. O grupo era heterogéneo com idades compreendidas entre os 12 e os 36 meses, sendo 15 crianças nascidas em 2017 e 2 nascidas no início de 2018. Quase todo o grupo transitou da sala de 1 ano, apenas 1 criança ingressou na creche pela primeira vez.

Era um grupo com diferentes graus de desenvolvimento, dada a diversidade etária. As duas crianças mais novas iniciaram a marcha no decorrer do meu período de estágio. Considerei um grupo bastante autónomo a nível de exploração do espaço e as crianças conheciam bem as rotinas da sala.

A nível da alimentação era um grupo bastante autónomo. Algumas crianças ainda precisavam de ajuda a comer a sopa, não por falta de autonomia, mas sim por não gostarem de comer sozinhas.

Algumas crianças do grupo já tinham iniciado o controlo dos esfíncteres diurno e também durante a sesta. Destas, 6 já não usavam fralda durante o dia todo e 7 crianças iam ao bacio a seguir ao almoço e depois da sesta. Apenas 4 crianças ainda não tinham o controlo dos mesmos.

Era um grupo muito assíduo e a sua adaptação ao espaço, aos adultos da sala e aos seus pares foi facilitada por todos se conhecerem, segundo as informações da educadora.

As sestras também eram feitas de uma forma muito calma, adormeciam sozinhas e no geral faziam sestras de, sensivelmente, duas horas e meia. A maior parte do grupo usava chucha ou a fralda de pano para dormir.

A nível da linguagem, observei que o discurso das crianças mais novas era o espectável para a sua faixa etária, ou seja, elaboravam frases muito simples, ou utilizavam gestos para se expressarem, necessitando, assim, de serem estimuladas para desenvolverem o seu discurso. Os mais velhos já apresentavam um discurso mais

perceptível, e apenas 1 criança de 1 ano e meio, a segunda mais nova, apresentava um discurso muito avançado, com palavras “ricas” e corretamente ditas.

1.5 Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio “Crescer e aprender a brincar com os sentidos!”.

A escolha deste tema veio de uma conversa com a educadora sobre as necessidades das crianças e o que se poderia trabalhar, até porque as primeiras semanas coincidiram com o período natalício, obrigando-me a adequar a minha intervenção às dinâmicas próprias desse período. As atividades planificadas e implementadas para o desenvolvimento do projeto tiveram como principal objetivo o desenvolvimento da motricidade global e fina das crianças, por meio da exploração de novas sensações e novos materiais e várias texturas, do desenvolvimento dos sentidos e movimentos corporais, estimulando assim a criança para novas aprendizagens. Isto, para que as crianças se sentissem mais confiantes de si próprias e menos dependentes dos adultos.

Todas as atividades foram realizadas mais do que uma vez por semana, para que houvesse uma continuidade no processo de aprendizagem e para que houvesse mais adesão por parte das crianças. Uma das maiores dificuldades que senti na altura foi a introdução de novos materiais para a realização das atividades, como por exemplo, pincéis, carimbos e balões, pois ao haver um primeiro contacto com estes materiais para a realização de uma atividade planificada e não apenas para brincar (balão) era normal que as crianças não vissem aqueles objetos como algo que tivesse mais que uma função.

Este projeto tinha como principais finalidades:

- Dar a conhecer novas experiências a nível de texturas e objetos;
- Despertar a criança para novas sensações;
- Desenvolver o movimento corporal da criança;
- Desenvolver na criança a sua autonomia;
- Transmitir confiança, autoestima e segurança às crianças;
- Desenvolver o sentido de exploração;
- Tornar as crianças mais ativas a nível motor;
- Desenvolver a competência social e comunicacional.

O papel dos profissionais da área de educação é fundamental, uma vez que devem apresentar diversos valores como o respeito pelos outros, a entreatajuda, a cooperação, a sensibilidade, disponibilidade, o trabalho em equipa, a autonomia e a capacidade de gestão de conflitos. Outra questão fundamental na ética é o respeito e proteção da privacidade de cada criança, sendo que foi importante elaborar uma autorização para recolha de imagens e vídeos das crianças. A postura e a linguagem que se utilizava durante o estágio também foi muito importante, teve que ser adequada ao contexto, cuidada e respeitadora. Foi necessário mostrar às crianças afeto, apoio emocional, responder às suas necessidades, estar disponível, etc.

1.6 Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto.

Consideram-se neste ponto apenas algumas das atividades desenvolvidas ao longo deste estágio. As atividades implementadas foram diversificadas e centradas nos objetivos descritos no projeto criado. A título de exemplo, mencionam-se aqui 4 delas, agrupadas duas a duas, por se considerar que são as que mais marcaram a prática em creche: “A história do natal”/ “A nossa estrelinha” e “Tapete mágico das sensações” / “Caixinha mágica das sensações”.

Atividade “A história do natal” e “A nossa estrelinha”

As atividades “A história do natal” (anexo A - Tabela 1) e “A nossa estrelinha” (anexo A – Tabela 2) foram planificadas para trabalhar a época do ano em que nos encontrávamos. Como o natal estava a ser um assunto muito falado em sala na altura, decidi inventar uma história mais simples sobre o natal que incluísse as personagens sagradas, respeitando a natureza da instituição, complementando-a com montagens de imagens para que se assemelhasse o melhor possível a um livro. Após a conclusão e impressão da história decidi recriar as personagens em bonecos de feltro com velcro atrás para que se pudessem prender a um tecido que se utilizava para cenários na sala. Estes bonecos em feltro tiveram como intenção facilitar o reconto da história criada por mim de outra maneira. Tivemos oportunidade de fazer duas sessões de leitura, uma com o “livro” e de seguida com os bonecos, onde as crianças tiveram oportunidade de pôr e tirar os bonecos do cenário. Para complementar esta atividade, no dia seguinte, passámos à realização da nossa estrelinha de natal, uma atividade de estampagem em

que as crianças utilizaram pela primeira vez o balão como recurso para a realizar, diversificando os materiais a que estavam habituados. Estas atividades pretendiam: Desenvolver na criança a sua autonomia; Transmitir confiança, autoestima e segurança às crianças; Desenvolver o sentido de exploração; Dar a conhecer novas experiências a nível de texturas e objetos; Despertar a criança para novas sensações; Desenvolver a competência social e comunicacional.

Foram atividades bastante apelativas em que as crianças demonstraram grande interesse participativo. Foi mais uma atividade de novas aprendizagens em que todos participaram com vontade e em que se deu atenção individual a cada criança.



Figura 5- História criada.



Figura 4- Interação com os bonecos de feltro.



Figura 3- Bonecos de feltro.



Figura 6- Execução da atividade da estrelinha.



Figura 7- Resultado da atividade da estrelinha.

Atividade “Tapete mágico das sensações” e “Caixinha mágica das sensações”

As atividades que a seguir se descrevem denominam-se “Tapete mágico das sensações” (anexo A – tabela 4) e “Caixinha mágica das sensações” (Anexo A – tabela 3). Na primeira atividade, as crianças, uma a uma, tinham que se descalçar e passar por cima do tapete para que pudessem sentir as diferentes texturas, no entanto, era também proposto que mexessem com as mãos para notarem a diferença das sensações das mãos e pés. Nesta atividade tinham à sua disposição, no tapete, algodão, relva sintética, cortiça, massa, caixas de ovos e esponjas. Visto que foi uma atividade que expunha mais o corpo da criança teve-se sempre em conta a vontade e predisposição da criança para a execução da mesma, aceitando as condições propostas pelas crianças para a execução da atividade, como por exemplo, querer passar de meias, não se descalçar, ou utilizar apenas as mãos para sentir as texturas.

No que concerne à “Caixinha mágica das sensações” era proposto às crianças passar por dentro de uma caixa, onde tinham guizos, luzes, música, fitas, etc., para puderem explorar enquanto passavam por dentro dela. A atividade foi feita com uma criança de cada vez, respeitando sempre o seu ritmo e as suas vontades, podendo parar dentro da caixa para explorar os materiais disponibilizados.



Figura 8- Atividade da caixa em curso.



Figura 10- Atividade do tapete em curso.



Figura 9- Atividade do tapete em curso 2.

Conclusão das atividades

Foram atividades que requereram muito trabalho prévio da minha parte, pois elaborei todos os materiais utilizados para a sua realização. A caixa e o tapete tinham vários acessórios e materiais que despertassem os sentidos das crianças, desde massas, algodão, luzes, guizos, etc., como previamente descrito. Para estas atividades decidi dar atenção individual a cada criança pois cada uma merecia ter o seu tempo de descoberta e de experiência de sensações. Mexeram, ouviram e sentiram coisas com as quais, normalmente, no dia a dia, não têm contacto. Estas atividades tinham como objetivos: Proporcionar novas experiências a nível de texturas e objetos; despertar a criança para novas sensações; Desenvolver o movimento corporal da criança; Desenvolver na criança a sua autonomia; Transmitir confiança, autoestima e segurança às crianças; Desenvolver o sentido de exploração; Tornar as crianças mais ativas a nível motor e Desenvolver a competência social e comunicacional. Em suma foi um conjunto de atividades que lhes despertou os sentidos visuais, táteis, motores, auditivos e que lhes proporcionou muita diversão e entusiasmo. Todas as atividades ao longo deste estágio me deram gosto em realizar por terem sido pensadas e dinamizadas com o propósito de contribuir para o desenvolvimento das crianças, refletindo assim a minha intencionalidade educativa. Estas duas atividades foram particularmente caras por ser visível o envolvimento das crianças que tiveram oportunidade de estimular os seus sentidos, despertar emoções e explorar e descobrir coisas novas.

Como futura profissional devo ter sempre em atenção a necessidade de cada criança e explorar os seus interesses pessoais de modo a criar um ambiente educativo saudável. Durante todas as minhas intervenções pedagógico-didáticas, senti-me à vontade e confiante, procurando soluções quando era necessário, pois a educadora e auxiliares apoiaram-me sempre, desde as ideias das atividades, até à execução das mesmas, o que me permitiu ter confiança para alterar o rumo das mesmas, caso sentisse necessidade. Fui sempre natural, expressiva e atenta, de modo a interagir com todas as crianças. No que concerne à avaliação da intervenção pedagógica-didática, foi realizada através da observação direta, realização de um diário de bordo, e ainda através de conversas com a educadora e com as auxiliares sobre a minha prestação enquanto estagiária.

2. Caracterização do contexto de estágio em Jardim de Infância

Na sequência da pandemia Covid-19, este estágio realizou-se de 20 de outubro a 15 de janeiro, pois, com os ajustes que tiveram de ser feitos pela Escola Superior de Educação de Santarém, os períodos de estágio relativos aos segundo e terceiro semestres realizaram-se, acabando por serem feitos na mesma instituição com o mesmo grupo de crianças. O estágio teve um total de 174h em contexto de Jardim de Infância, sendo realizado numa instituição da rede pública.

2.1 Caracterização da instituição.

O jardim de infância situava-se num espaço amplo, rodeado de natureza e de outras instituições de cariz educativo e de apoio social, sendo que não faziam parte da instituição em que estagiei. O principal objetivo desta instituição era assegurar a formação geral das crianças e garantir condições para que estas pudessem desenvolver as suas capacidades e aptidões. Esta instituição era constituída por duas salas (sala 1 e sala 2), dispunha de 1 refeitório com copa, 1 sala de arrumos, 1 sala de educadoras e 2 casas de banho, uma para adultos e outra para utilização das crianças das duas salas. Dispunha de dois pátios exteriores com diversos materiais, entre eles duas casas de brincar, triciclos e brinquedos. No espaço situado na frente da instituição existia, ainda, uma horta a cuidado das educadoras e crianças.

2.2 Caracterização e projeto da sala.

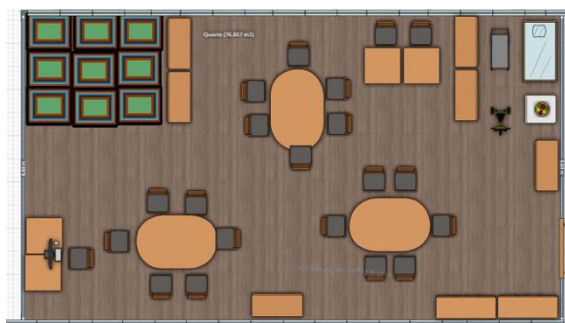


Figura 11- Plano da sala 2D.

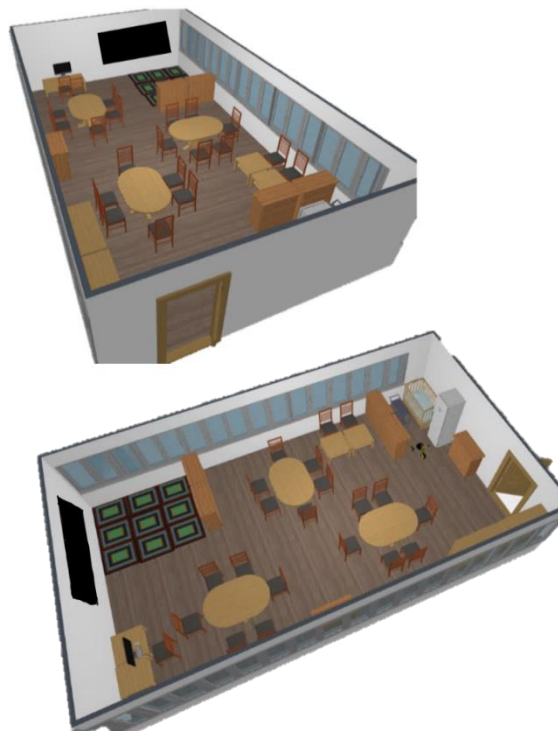


Figura 12- Planos da sala 3D.

A sala era composta por cantinho da leitura/mantinha, cantinho da casinha, cantinho dos jogos e da garagem. Disponibilizava ainda 9 mesas para as crianças realizarem algumas atividades. A sala era ampla, espaçosa e com bastante luz natural, uma vez que possuía grandes janelas que envolviam grande parte da mesma. A meu ver, esta sala apresentava condições adequadas às necessidades de cada criança, uma vez que tinha espaço para as crianças explorarem.

2.3 Caracterização do grupo.

A sala 1 era composta por 20 crianças, sendo 8 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. O grupo era heterogéneo com idades compreendidas entre os 3 e 6 anos. Este grupo incluía uma criança do sexo masculino com necessidades especiais.

Era um grupo com diferentes graus de desenvolvimento, pois pertenciam a faixas etárias diferentes. Apesar das suas diferenças de idades e ritmos de desenvolvimento, eram crianças que se davam todas bem e interagem muito bem umas com as outras, fosse a nível verbal ou físico.

A nível da alimentação tratava-se de um grupo bastante autónomo e com poucas barreiras a nível de comida. Era um grupo muito assíduo e a sua adaptação ao espaço,

aos adultos da sala e aos seus pares foi facilitada pelo facto de a maior parte se conhecer, segundo a informação da educadora, o que também ajudou na integração dos mais novos na sala. A nível da linguagem, observei que todos se expressavam de forma perceptível, estruturando um discurso coerente, mesmo os mais pequenos, embora com um pouco de dificuldade na dicção das palavras. Em relação à sesta só uma criança é que a fazia, embora estivesse em processo de deixar.

No que concerne os pontos fortes do grupo, verifiquei que eram curiosos e gostavam muito de explorar, tanto a nível de brincadeira livre, como em atividades planeadas. Era um grupo participativo e nunca recusou a participação em atividades propostas por mim. No entanto, no início percebi que algumas crianças do grupo revelavam falta de confiança, o que prejudicava o desenvolvimento da sua autonomia. Foi um aspeto a que estive particularmente atenta, procurando dar sempre o apoio que permitisse reforçar a sua autoconfiança e autonomia.

2.4 Modelo pedagógico e projeto educativo.

O agrupamento a que pertence o JI onde estagiei assume como missão o desenvolvimento de um ensino eficaz e de qualidade, visando a formação integral de indivíduos preparados para a aprendizagem ao longo da vida e para o exercício de uma cidadania responsável e empreendedora. O agrupamento almejava ser uma referência pela qualidade ao nível do ensino e da formação, pelo desenvolvimento de práticas educativas inovadoras, pela qualidade na formação de cidadãos responsáveis, empreendedores, críticos, conscientes e livres.

A Educação Pré-escolar deve fomentar atitudes positivas que estão na base de toda a aprendizagem. O projeto educativo da sala procurava estabelecer um conjunto de experiências e oportunidades de aprendizagem nas diferentes áreas de conteúdo, considerando a evolução do grupo e a progressão de cada criança. Tinha como intencionalidade educativa promover a superação dos problemas diagnosticados, o desenvolvimento de estratégias e atividades educativas que possibilitassem progressivamente, de acordo com o desenvolvimento individual, atingir maioritariamente as aprendizagens definidas nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Pretendia, ainda, favorecer a convivência com o ambiente escolar do 1º Ciclo com a participação em diversas atividades das crianças de 5/6 anos de forma a que o processo de transição fosse facilitado. A ação educativa coerente assegurava a continuidade entre as duas etapas iniciais da escolarização da criança, sendo esta

indispensável para que o processo de desenvolvimento da criança se desenrolasse de forma contínua e global assegurando-se assim a qualidade das aprendizagens e a minimização do impacto de transição. Este projeto referia que a frequência do ensino pré-escolar, deve proporcionar à criança, experiências e oportunidades de aprendizagem, que lhe permitam desenvolver as suas potencialidades pessoais, sociais, emocionais e cognitivas, que lhes facultasse, as ferramentas necessárias para o sucesso nas diversas aprendizagens ao longo da vida. Pretendia envolver as famílias e a comunidade escolar nas iniciativas previstas no PAA (Plano Anual de Atividades), bem como a Autarquia. O desenvolvimento de uma atitude positiva em relação a si próprio, aos outros, à comunidade e à natureza, serviam de suporte a uma orientação pró-social e construtiva do mundo para a educadora. Procurava implementar medidas, quer em contexto de grupo, quer nas dinâmicas com as famílias, delinear estratégias que reforçassem o bem-estar emocional tendo por base as normas/regras definidas em grupo pelo diálogo e cooperação, bem como estratégias que favorecessem a concentração e a resolução dos problemas evidenciados.

A prática pedagógica da educadora era centrada e baseada no trabalho cooperativo e de equipa. As linhas orientadoras do seu trabalho tinham como objetivos envolver as crianças em momentos de aprendizagens significativas, estimulando de alguma forma os seus interesses e as suas curiosidades naturais, os seus desejos de saberem e compreenderem as coisas, proporcionando oportunidades para o desenvolvimento de atitudes e de qualidades pessoais, tais como a cooperação, a perseverança, a predisposição para se questionarem, a terem confiança em si próprias, a refletirem, a comunicarem. Era intenção da educadora propiciar um ambiente educativo estimulante, coerente e consistente que intencionalmente promovesse e permitisse às crianças:

- Serem autónomas e responsáveis;
- Terem uma autoestima positiva;
- Serem capazes de interagir com os outros e o mundo que os rodeias;
- Compreenderem mensagens orais em diversos contextos;
- Serem capazes de participar nas decisões relativas ao seu processo educativo;
- Reconhecerem e valorizarem as suas características individuais;
- Mostrarem confiança nas suas capacidades;
- Defenderem as suas ideias;
- Envolverem-se e manifestarem prazer, concentração e persistência nas atividades;

- Serem capazes de colocar questões e hipóteses;
- Contribuírem para a aprendizagem dos outros;
- Respeitarem as opiniões dos outros;
- Manifestarem curiosidade e criatividade.

A educadora procurou criar espaços e tempos para que as crianças intervissem livre e responsabilmente, e promoveu, de forma sistemática, na sala de aula e fora dela, atividades que permitissem às crianças fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores. Procurava abordar os conteúdos de cada área de conteúdo, associando-os a situações e problemas presentes no quotidiano, nas rotinas diárias.

No decorrer do trabalho e tendo em vista a concretização dos objetivos a que se propôs no projeto de sala, era realizado um trabalho individualizado atendendo ao desenvolvimento e características pessoais de cada criança. Caso se justificasse seriam efetuados os encaminhamentos necessários para encontrar respostas e apoios que permitissem superar dificuldades/problemas diagnosticados.

2.5 Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio “Cabeças no Ar”.

A imaginação e a criatividade são essenciais para a construção do mundo imaginário da criança, contribuindo para um desenvolvimento social, afetivo, imaginativo e linguístico. São também essenciais para a construção, exploração e desenvolvimento do mundo real. O mundo real e imaginário são dois mundos que coexistem que se completam e estimulam-se reciprocamente (Vygotsky, 2012).

O presente projeto teve como nome “Cabeças no ar”, porque é quando as crianças estão a ter o seu momento, estão com a “cabeça no ar”, em modo exploratório, que nos trazem as ideias e conversas com mais criatividade e imaginação com que já contactei. Assim, este nome surgiu após ter vivenciado estes momentos com o grupo que acompanhei em contexto de JI.

Este projeto teve como intenção ajudar no desenvolvimento da imaginação e criatividade de cada criança, respeitando os seus ritmos e as suas particularidades, tendo as seguintes finalidades:

- Dar a conhecer novas experiências;
- Despertar a criança para novas sensações;
- Desenvolver na criança a sua autonomia;
- Transmitir confiança, autoestima e segurança às crianças;
- Desenvolver o sentido de exploração;
- Desenvolver a competência social e comunicacional;
- Trabalhar a imaginação e criatividade.

Neste projeto procurei basear-me, não só, mas também, nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Segundo as OCEPE (2016, p.31), “Consideram-se as “áreas de conteúdo” como âmbitos de saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos, mas também atitudes, disposições e saberes-fazer. Deste modo, a criança realiza aprendizagens com sentido, sendo capaz de as utilizar noutras situações quotidianas desenvolvendo atitudes positivas face às aprendizagens e criando disposições favoráveis para continuar a aprender.”

Todas as atividades foram pensadas e realizadas em dois dias com a intenção de proporcionar às crianças um maior envolvimento em cada atividade e, dessa forma, realizar aprendizagens significativas. Devido à colaboração e flexibilidade dos adultos da sala e do grupo, considero que, não tive muitas dificuldades na apresentação e execução das atividades, sendo que tinha sempre em especial atenção a criança que tinha necessidades especiais, pois, para esta, as atividades mudavam muitas vezes de rumo, o que me obrigava a procurar soluções prévias para esse possível acontecimento, algo que, por sua vez, um profissional de educação deve ter sempre em atenção, sendo que as crianças são todas diferentes e temos que ter a capacidade de nos adaptar ao grupo e a cada criança como ser individual.

2.6 Atividades desenvolvidas em estágio em Jardim de Infância.

Considera-se neste tópico, com carácter exemplificativo, apenas das algumas atividades desenvolvidas ao longo deste estágio.

Atividades planeadas a partir da história “O Melro Artista”

Após um conhecimento mais sólido do grupo e do projeto de sala construído pela educadora, o projeto de intervenção que desenvolvi estava particularmente centrado na promoção da criatividade, da imaginação, da autoestima e da autonomia das crianças. A partir da história “O melro artista” e da sua leitura desencadearam-se várias atividades: criação de um moral com pinturas feitas pelas crianças a recriar as pinturas observadas na história, e execução de um bico de pássaro para cada criança.

Fazendo uma breve contextualização, “O melro artista” é uma história onde o Melro é igual a todos os outros melros com uma particularidade: as suas pernas magrinhas. Decide, então, fazer algumas mudanças. Começa por fazer exercício e mudar a alimentação, mas as suas pernas continuam iguais. Uma visita a um museu de arte, inspira-o a pintar o bico alternando entre vários estilos de diferentes artistas. E assim nasceu o Melro Artista. Os seus amigos admiram agora o seu novo bico e já não fazem troça das suas pernas magrinhas. Um livro recomendado para crianças a partir dos 3 anos, sobre o poder da arte e a autoconfiança.

“O nosso museu e a nossa arte”

Na atividade do mural (anexo A – tabela 5) as crianças tiveram a oportunidade de recriar as pinturas observadas na leitura da história, pois nela se encontram várias obras de arte de artistas conhecidos a nível mundial. Então a partir daí deu-se liberdade às crianças de escolherem as pinturas dos seus artistas preferidos para, posteriormente, pintarem com as suas técnicas.

Na atividade realizada as crianças mostraram muito interesse e curiosidade. A meu ver gostaram verdadeiramente da história trabalhada, o que facilitou a realização da atividade. Todas as crianças participaram e mostraram mais de si, partilhamos muitas ideias e conhecimentos através das perguntas colocadas após a história, alcançando os objetivos definidos. Foi um dia de promoção da imaginação e criatividade, bem como

de aquisição de novos conhecimentos, com um feedback muito positivo por parte das crianças e educadora.



Figura 13- Criança procurando inspiração no livro.



Figura 14- Atividade do mural em curso.



Figura 15- Amostra do livro abordado.

“Eu gosto do meu bico porque...”

Nesta atividade (anexo A – tabela 6), para além da promoção da imaginação e criatividade, tive como objetivo trabalhar a autoconfiança, pois sentia que algumas crianças não tinham confiança em si mesmas e, como o melro também não tinha ao início, decidi pegar a história por aí e propus que as crianças fizessem como o melro e criassem o seu próprio bico e o enfeitassem como desejavam, para que, posteriormente, nos pudéssemos sentar todos em conjunto e falar sobre os nossos bicos e dizer o que gostávamos nele, prosseguindo o objetivo predefinido de trabalhar e desenvolver autoconfiança de cada criança.



Figura 18- Criança com o resultado final do seu trabalho.



Figura 17- Atividade em curso, criança a explicar porque gosta do seu trabalho.



Figura 16- Exemplo do livro.

Atividade Planeada através da história “Esta História (também) é Tua”

Este grupo gostava imenso de histórias, então pensei em levar-lhes um desafio diferente em que desta vez tinham que ser eles a criar a sua própria história. Com esta atividade surgem, como objetivos, a promoção de imaginação e criatividade, liberdade, autoestima, etc.

Juntámo-nos todos no cantinho das histórias e mostrei-lhes o livro “Esta história também é tua” Zero a Oito (2020), e expliquei que o objetivo era darmos um nome ao nosso livro e a partir das imagens construíamos a nossa história.



Figura 19- História apresentada.

Conclusão das Atividades

Estou convicta de que fiz um bom trabalho ao selecionar e desenvolver as atividades de acordo com o projeto delineado, e que a ajuda da educadora cooperante foi fundamental para o enriquecimento das diversas atividades. Sempre tive liberdade para trazer novas atividades. O grupo mostrou sempre interesse e curiosidade pelos momentos que lhes proporcionava, fosse um momento de conversa, atividade direcionada ou brincadeira livre. Na minha ótica as atividades foram uma mais-valia, como por exemplo, a atividade de grande grupo em que as crianças tiveram de dizer o que mais gostavam no seu bicom, deu-lhes a oportunidade de sentirem que tinham o seu próprio momento, que o seu trabalho era importante e seria visto por todos, potenciando o aumento de confiança e autoestima, um dos problemas identificados no grupo no início do estágio.

Na atividade de criar uma história a partir de imagens, as crianças mostraram-se muito interessadas, participativas, comunicativas, entre outros. Senti que foi uma atividade muito boa para fazer com este grupo, visto que é um grupo de idades variadas e deu para perceber como se ajudavam e interagiam entre si para atingir o objetivo final

de criar uma história, bem como, perceber a linha de pensamento de cada criança, para descobrir mais um pouco de si, de como é, de como reage e de como produz o seu discurso perante determinada situação. Gostei bastante das atividades que fiz e do rumo que tomaram, levando-me a crer que os objetivos foram mais uma vez alcançados.

3. Balanço geral de todos os estágios

Em forma de autodiagnóstico, neste ponto aborda-se de uma forma reflexiva todas as práticas e aprendizagens realizadas e vivenciadas durante o meu percurso académico, bem como todas as dificuldades e obstáculos que fui encontrando no meu caminho e como consegui superar essas adversidades. Ao longo deste ano e meio de mestrado foi-me possível, com todas as práticas pedagógicas que realizei, aprender com todas as profissionais que cruzaram o meu percurso, tendo a possibilidade de pôr em prática o que aprendi nas unidades curriculares, desenvolvendo assim uma boa prática profissional.

A realização destes três estágios no âmbito do mestrado foram extremamente importantes e proporcionaram muitos momentos de aprendizagens para pôr em prática e desenvolver num futuro profissional. Os estágios, apesar de começarem sempre com receios e alguns medos, que posteriormente foram desaparecendo, foram o consolidar do sentimento de certeza da minha escolha profissional, foram as oportunidades que precisava para mostrar o empenho e trabalho que sou capaz de executar e para perceber o quanto as crianças me fazem feliz.

No meu primeiro estágio entrei com alguns receios, pois ainda não tinha superado totalmente a minha dificuldade em falar abertamente com as crianças por estar constantemente a pensar que estava a ser avaliada, o que me causava bastante pressão. Aos poucos, fui tentando trabalhar esses obstáculos pessoais em conjunto com o meu trabalho em sala. Tinha medo de não utilizar as palavras e postura corretas, bem como, temia que a minha falta de à-vontade inicial fosse mal interpretada e que não demonstrasse as minhas capacidades enquanto estagiária. Contudo, foi algo que foi passando com o tempo e que, realmente, com a atitude flexível e de abertura da educadora e auxiliar fui capaz de me ir libertando e de ter um diálogo mais fluido nas horas em que eu assumia o grupo e dinamizava as atividades, como na hora da maninha, etc. Neste estágio destaco a atividade do túnel das sensações, pois foi sem dúvida, uma atividade em que senti que as crianças tinham um grande à vontade comigo e que eram bastante recetivas às minhas propostas.

Relativamente ao meu estágio de jardim de infância que, como já referido, teve uma maior duração por reunir dois períodos de estágios distintos, foi um dos que mais me marcou na minha vida académica. Entrei muito entusiasmada e confiante, tendo finalmente, a coragem de ser eu mesma, de não pensar constantemente no facto de estar a ser avaliada. Foi uma instituição que me deu muito amor e liberdade, onde me senti feliz, autónoma e muito bem recebida por todos, incluindo o grupo de crianças com quem tive oportunidade de trabalhar, que não demorou muito a criar afetividade, apesar de haver uma ou outra criança que exigiu mais tempo e atenção, o que é normal em todos os estágios. O facto de ser um espaço pequeno, com apenas duas salas, facilitou a integração e uma maior proximidade com toda a gente. Um dos pontos que destaco neste estágio é sensação de liberdade, proporcionada pela total confiança que foi depositada em mim para liderar o grupo, mesmo quando ficava temporariamente sozinha na sala, o que me fazia sentir como uma verdadeira profissional, correndo tudo lindamente. Neste estágio ganhei muita confiança em mim mesma, eu lia imensas histórias, aliás eu vivia as histórias, dava-lhes a entoação que elas precisavam para serem ouvidas, e para cativarem atenção, brincava muito com as crianças e ajudava-as em várias coisas, uma delas desenvolvendo a autoestima, algo que faltava a algumas crianças nas realizações de atividades. Empenhava-me em o puxá-las para cima, dar-lhes confiança e, acima de tudo, dar-lhes o meu tempo e disponibilidade, integrando-me no meio delas, e não ser uma figura distante. Enfrentei alguns desafios porque era uma sala heterogénea e com uma criança com NEE, mas nunca foi motivo para duvidar do meu trabalho e ligação com o grupo. Outro destaque incide sobre os pais das crianças. Felizmente apanhei pais maravilhosos que conversavam bastante comigo, que me aceitaram muito bem e que até aos dias de hoje me falam, perguntam se não gostava de voltar, e como vai o curso.

A possibilidade de realizar estágios supervisionados ao longo do meu percurso académico foi uma mais valia para mim, pois com eles aprendi a desenvolver o meu trabalho, aprendi que não é igual em todo o lado e que apesar disso há uma coisa que permanece igual de instituição para instituição, que é a genuinidade e pureza das crianças para connosco, porque não houve um dia de estágio em todo o meu percurso em que não me risse, em que pensasse que este trabalho não era para mim, e de facto ser educadora não é só gostar das crianças, é saber lidar com elas e com a comunidade envolvente, e então sinto que estou preparada para tal.

Capítulo II: Investigação

1. Percurso Investigativo: Problema, questões e objetivos da investigação

A presente análise investigativa surgiu das vivências enquanto aluna estagiária no curso profissional de apoio à infância, seguida da licenciatura em educação básica e posteriormente mestrado em Educação Pré-Escolar. Ao longo da minha formação académica fui tendo estágios em salas de creche, jardim de infância, 1.º ciclo, serviço de pediatria em hospitais, e uma das questões que sempre me motivou a seguir esta via profissional foi a promoção da imaginação e criatividade na infância, pois passei por diversos estágios em que esta questão parecia cair em esquecimento, impondo sempre o que se conhece por “real”, o que é certo, o que é errado, visto que era tudo muito regrado e na base do concreto, da verdade. A partir daí surgiu-me a inquietação de reformular estas aprendizagens sistemáticas, tendo como objetivo propor algo diferente, experiências diferentes, fora do que a realidade nos diz, fora de um significado só, como por exemplo desmitificar o pensamento em que o céu é apenas azul, ou que um objeto tem uma só função, em que não se exploram as diversas capacidades/utilidades que algo do nosso quotidiano tem. Ao longo destas experiências coloquei as minhas próprias questões à volta do que é a imaginação e criatividade, do conhecimento que os profissionais têm sobre as mesmas, que estratégias podemos utilizar para pudermos proporcionar atividades e momentos que promovam a imaginação e criatividade, e a importância que os profissionais de educação dão a este tema.

Como referia Camilo Castelo Branco (1865), “A infância é como a água que desce da bica, e nunca mais sobe”, então se não podemos regressar à nossa infância e alterar as práticas utilizadas, porque não reinventá-las, tentar novas abordagens, fugir ao comum e experimentar o diferente? Cremos num futuro melhor, num futuro em que possamos proporcionar às nossas crianças novas formas de ver o mundo, despertar novamente a criatividade nos adultos para que estes possam ensinar às gerações futuras a magia de ser um ser imaginativo e criativo, pois, a imaginação enquanto processo psicológico e, sobretudo de desenvolvimento humano, acabou por ser subvalorizada e tomada, muitas vezes, como algo que merecia destaque menor por ter natureza distinta da razão. Ademais, a imaginação não deve ser ignorada pelas práticas docentes e deve ser valorizada e alimentada pelos professores que, por sua vez, devem atuar como mediadores e subsidiadores de recursos simbólicos que a estimulem.

Deste modo, elaborou-se a seguinte questão de estudo: “o que é a imaginação e criatividade na infância?”.

Para aprofundar o tema, definiram-se as seguintes questões orientadoras:

Q1. Quais os tipos de imaginação e criatividade?

Q.2 Quais as estratégias de promoção da imaginação e criatividade?

Q.3 Qual a importância do papel dos profissionais de educação na promoção da imaginação e criatividade?

Q.4 Qual a importância do desenvolvimento da imaginação e criatividade?

2. Revisão da Literatura

Neste ponto são clarificadas as ideias teóricas que fundamentam a parte investigativa deste relatório, tendo por base o tema: imaginação e criatividade na infância. Esta revisão de literatura conduziu-nos aos autores lidos e cuja visão sobre o tema aqui deixamos.

2.1 Imaginação e criatividade.

2.1.1 Imaginação.

Para Paixão e Borges (2018), a imaginação é um processo psicológico de importância imprescindível para o desenvolvimento humano, porque expande a experiência da pessoa para além da sua realidade imediata e que se reporta ao passado, ao mesmo tempo que vislumbra o futuro, e cria um presente alternativo. Para Zittoun e Gillespie (2016, citado por Paixão & Borges, 2018) esse movimento de expansão de experiência é possibilitado pelos artefatos culturais e, a depender do contexto cultural, pode ser permitido ou reprimido. Dada a sua importância no desenvolvimento humano e reportando-nos ao processo educacional, Hilppö et al. (2018, citados por Paixão & Borges, 2018) creem que a imaginação não deve estar ausente das discussões sobre aprendizagem das crianças, prática docente e

documentos curriculares, pois, a imaginação envolve a experimentação de novas ideias sem a limitação da “vida real”, o que proporciona novas aprendizagens.

Girardello (2011) aborda a imaginação diretamente no mundo da criança, afirmando que esta é para a criança um espaço de liberdade e de descolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se juntamente com a informação que esta vê por todo o lado no mundo.

Para Girardello (2011) a imaginação, que é sensível ao “novo,” é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. A criança tem necessidade da emoção imaginativa que habita em redor da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o quotidiano que aceita. Para complementar, Girardello (2011) refere, que a imaginação infantil pode ser educada, pois, não se trata de um dom ou de um dado objetivo e quantificável da subjetividade da criança, visto que está ligada à inteligência e às emoções.

Segundo Vygotsky (2009), a imaginação não surge subitamente, mas de forma gradual e lenta, ascendendo de formas elementares e simples a outras mais complicadas, adquirindo em grande etapa do seu crescimento uma expressão peculiar, uma vez que a cada período infantil corresponde a sua própria forma de criação. Posteriormente, não ocupa um compartimento isolado do comportamento humano, mas mantém-se imediatamente ligada a outras formas da nossa atividade e, em particular, à nossa experiência acumulada. Vygotsky (2009) refere que para se compreender melhor o mecanismo psicológico da imaginação e da atividade criadora com ela relacionada, é necessário que se analise o tipo de ligação que existe entre a fantasia e a realidade no comportamento humano, mostrando quatro formas de ligação entre elas. A primeira forma de ligação consiste no facto de toda a reflexão baseada em dados hipotéticos ou imaginários compor sempre elementos retirados da realidade e extraídos da experiência anterior do homem, ou seja, seria um milagre que a imaginação pudesse criar algo a partir do nada, sem ligação a experiências já vividas, pressupondo, assim, que toda a imaginação constrói-se sempre com materiais tomados do mundo real. A segunda forma de ligação entre a imaginação e a realidade é considerada por Vygotsky (2009), mais complexa, pois não se efetua entre elementos de construção fantástica e a realidade, mas entre produtos preparados da fantasia e determinados fenómenos complexos da realidade. No que concerne à terceira forma de ligação entre a imaginação e

realidade, esta é a conjunção emocional, onde todo o sentimento, toda a emoção tende a manifestar-se em determinadas imagens que concordam com ela, como se a emoção pudesse escolher impressões, ideias, imagens congruentes como estado de espírito que nos dominasse nesse instante. Esta influência do fator emocional na combinação da imaginação, é denominada de lei do sinal emocional comum, o que significa que todas as coisas que nos causam um efeito emocional coincidente tendem a unir-se entre si, apesar de poder não se ver semelhanças entre elas. O resultado é uma combinação de imagens com base em sentimentos comuns ou um mesmo sinal emocional aglutinador dos elementos heterogêneos conjugados. Por fim, a quarta e última forma de ligação da imaginação e realidade destacados por Vygotsky (2009) consiste em que o edifício construído pela imaginação pode representar qualquer coisa de completamente novo, de não existente na experiência humana, e qualquer coisa que não é, também, semelhante a nenhum outro objeto real, em que, quando recebe uma imagem nova, assumindo uma nova encarnação material, esta imagem, convertida em objeto, começa a existir no mundo real e a exercer a sua influência sobre outros objetos, ou seja estas imagens ganham vida, adquirem realidade (Vygotsky, 2009).

2.1.2 Criatividade.

Tem se vindo a observar que este conceito tem evoluído na sua complexidade. Ao investigarmos a definição de criatividade, Sousa (2003) faz ponte com o Dicionário Enciclopédico Lello em que desconstrói a palavra criar, esclarecendo o leitor que esta deriva das palavras criar (*create*) e criação (*creation*), sendo que criar é “Dar existência a (...) gerar, produzir (...) originar (...) inventar (...)” e criação é o “Ato ou efeito de criar”. Constata-se que esta é a “Função da inteligência humana que torna o homem superior ao que ele mesmo cria. Personalidade criadora insuperável própria do homem” (Martins et al., s.d, p.106).

A criatividade é um fenómeno com múltiplas facetas e, é por isso, que desafia uma definição precisa. Para uma aproximação científica à criatividade, é necessário ter uma definição suficientemente aceitável que permita encontrar modelos científicos para este fenómeno (Torrance, 1988, citado por Seabra, 2007). Nos primórdios deste conceito e, por vezes, na atualidade, há quem acredite que a criatividade está associada às artes e filosofia. Contudo, também há quem acredite que a criatividade é encarada como um dom, que não é uma particularidade de todos os seres humanos, pois só alguns é que o possuem, sendo que, esta opinião mudou nos anos sessenta (David & Morais, 2012).

Criatividade pode ser considerada, até hoje, um conceito com diversas definições, pois vários autores mostram-nos diferentes perspetivas da mesma, ainda que sejam, normalmente, dentro da mesma linha de pensamento. Para Stein (1974, citado por Alencar & Fleith, 2003), a criatividade consiste na criação de algo novo, sendo que este refere que tem que ser algo útil ou satisfatório para enumeras pessoas em algum instante.

Já para Torrence (1988, citado por Seabra, 2008) a criatividade passa por ser um fenómeno com facetas variadas que desafiam uma definição exata, não obstante o autor descrever o pensamento criativo como o processo que envolve conhecimento das dificuldades, dos problemas e a formulação de hipóteses que, possivelmente, à posteriori, são revistas e comprovadas, terminando na comunicação dos resultados obtidos após a reflexão destes processos.

Sakamoto (1999) afirma que a criatividade é a expressão de um potencial humano de realização, que se manifesta através das atividades humanas e gera produtos na ocorrência do seu processo. Porém, admite que a sua conceção mantém uma lacuna inerente à dimensão do relacionamento humano ou do contexto existencial que diz respeito à vida humana, na qual as ações criativas se manifestam. Entende-se, então, que o conceito de criatividade é bastante complexo e quase impossível de ser traduzido num sentido universal, dependendo, frequentemente, de culturas ou subculturas específicas (David & Morais, 2012). Existem diversos autores que abordam a criatividade variando o nível de aprofundamento que, muitas vezes conduz à categorização, e no geral são este tipo de interpretações que se obtêm da mesma.

De modo a entender a profundidade do conceito da criatividade, Vygotsky (2012), psicólogo russo, aborda dois tipos de atividade que esta exerce, a atividade criadora e a atividade reprodutora. Chamamos de atividade criadora toda a realização humana responsável pela criação de qualquer coisa de novo, quer corresponda aos reflexos deste ou daquele objeto do mundo exterior, quer a determinadas construções do cérebro ou do sentimento que vivem e se manifestam somente no próprio ser humano (Vygotsky, 2012).

Vygotsky (2012) revela que se nos fixarmos no comportamento do homem, em toda a sua atividade, apercebemo-nos facilmente que podemos distinguir nele dois tipos de impulso fundamentais. Poderíamos chamar a um deles reprodutor ou reprodutivo, que corresponde ao que está habitualmente ligado à nossa memória, ou seja, a capacidade de o homem reproduzir ou repetir normas de conduta já

criadas e elaboradas ou repisar traços de impressões antigas. Vygotsky (2009) afirma que o nosso cérebro e os nossos nervos são dotados de uma enorme plasticidade, pelo que modificam com facilidade a sua estrutura extremamente fina sob a influência de diversas pressões, mantendo as marcas dessas modificações, contando que as pressões sejam suficientemente fortes ou se repitam com bastante frequência.

Além da atividade reprodutora, Vygotsky (2012) afirma que, é fácil encontrar outro tipo de atividade, que combina e cria, ou seja, a atividade que não se limita à reprodução das experiências ou de impressões vividas, mas que cria novas imagens e ações. A psicologia chama imaginação ou fantasia a este tipo de atividade criadora do cérebro humano baseada na combinação, considerando irrelevante a sua conceção científica, em que por imaginação e fantasia se entende o desajuste da realidade. Como base de toda a atividade criadora, a imaginação manifesta-se igualmente em todos os aspetos da vida cultural, facilitando a criação artística, científica e técnica.

Tal como refere Ribot (1901, citado por Vygotsky, 2012):

Toda a invenção, grande ou pequena, antes de se realizar de facto e de se fortalecer, foi concebida exclusivamente pela imaginação, como uma estrutura elaborada pela mente através de novas combinações ou conexões.” e “[...] A imaginação é sempre revelada em todas as circunstâncias, qualquer que seja o modo como é apresentada: individualmente ou em grupo. (p.24)

Se considerarmos os processos criativos nestes termos, verifica-se que estes são observáveis já em toda a sua intensidade na primeira infância. Uma das questões mais importantes da psicologia da educação é o problema da criatividade, do seu desenvolvimento e promoção, e do significado da atividade criativa para o desenvolvimento geral e maturação da criança. Desde os primeiros anos da infância, encontramos processos criadores que se refletem, principalmente, nos seus jogos. (Vygotsky, 2012).

Para promover a criatividade na prática, para gerir as ideias como se gerem todos os outros recursos, Brabandere (2000) interpretador filosófico, refere que existe uma metodologia, que se baseia numa constatação muito simples, em que se diz que o cérebro é um motor a dois tempos, praticando o pensamento divergente e convergente. O segundo tempo é aquele que nos é mais familiar, é o tempo em que o cérebro escolhe, compara, planifica, separa, luta contra o desperdício, é o tempo

da convergência e decisão. Contudo, o primeiro tempo é aquele que não recebe tanta atenção, pois, é aquele em que o cérebro imagina, sonha, sugere, antecipa e abre horizontes, é o tempo de divergência e da exploração, aquele que permite a verdadeira mudança. Os dois tempos devem alternar-se constantemente, pois, um é tao importante quanto o outro, mas que de modo algum se podem misturar, sob pena de verem a mecânica das ideias autodestruir-se e o surgimento do pensamento único (Brabandere, 2000).

Um pensamento único é, em si, claramente abnóxico. Quando as opiniões começam a confundir-se, quando os padrões se uniformizam e quando os uniformes padronizam, o pouco que sobra do choque das ideias deixa de produzir muita luz, a que é necessário manter entre dois tipos de pensamento, o pensamento mágico e o pensamento lógico, onde o motor do pensamento parece ter, também, dois tempos. O pensamento único é, de certa forma, a negação do pensamento, pois corresponde a deixar de pensar de todo. Pois bem, é da confrontação das ideias, e não dissolução de uma delas numa outra, que a imaginação se vai nutrir. É, então, importante promover o pensamento múltiplo, abundante e plural. Ao promover o pensamento múltiplo, Brabandere (1998) revela que questionar é sem sombra de dúvida uma arte com dois níveis de criatividade. O primeiro surge como a aptidão para imaginar uma pergunta nunca antes surgida, e o segundo é a capacidade de fornecer uma resposta inédita a um dado problema, pelo que, uma das características do procedimento intelectual é a capacidade constante de procura de estruturas, de formas, de conjuntos coerentes para o pensamento (Brabandere, 2000).

2.2 Cinco tipos de criatividade definidos por Colin Taylor.

Para Sakamoto (2000) a posição atual sobre o conhecimento da criatividade, dá indícios da necessidade fundamental da construção de apoios teóricos mais integradores sobre o fenómeno criativo, que nos permita um aproveitamento maior de todo o leque de informações existentes sobre o assunto. O humano tem a necessidade de sistematizar os seus conhecimentos e a criatividade não ficou indiferente a este processo. Taylor (1955, citado por Sousa, 2003) referiu cinco tipos de criatividade: criatividade expressiva, criatividade produtiva, criatividade inventiva, criatividade inovadora e criatividade emergente.

A criatividade expressiva remete para o ato emotivo e mental, para a liberdade do criador em expressar os seus sentimentos e emoções, de forma livre e espontânea.

Considera-se que este tipo de criatividade dá mais relevância a todo o processo criativo, sobrepondo-se à criação final. Como exemplos deste tipo de criatividade pode-se mencionar o desenho livre, o jogo dramático e a expressão verbal (Taylor, 1955, citado por Sousa, 2003).

Já a criatividade produtiva aprecia mais o produto criativo que o método em si, bem como todas as suas particularidades artísticas, encontrando-se condicionada por agentes exteriores. Este tipo de criatividade pode considerar-se na investigação científica (Taylor, 1955, citado por Sousa, 2003).

A criatividade inventiva é um exemplo da capacidade de o indivíduo unificar a criatividade expressiva e produtiva, dando origem a criações inesperadas, inéditas e inovadoras. Como exemplos deste tipo de criatividade temos várias criações como as lâmpadas, fósforos, telefone, etc (Taylor, 1955, citado por Sousa, 2003).

No que concerne à criatividade inovadora, esta aborda as modificações revolucionárias num campo de estudos, introduzindo novas perspetivas, tratando-se de uma transformação criativa que vai além da criação de obras, é geradora de processos em que ideologias, conceitos e pensamentos sofrem profundas alterações, como por exemplo Albert Einstein, um físico teórico alemão, que desenvolveu a teoria da relatividade geral (Taylor, 1955, citado por Sousa, 2003).

A criatividade emergente considera-se uma característica intrínseca, pertencente a génios, que fazem da criatividade um ingrediente do quotidiano, constante, natural, espontâneo e inerente ao seu ser. Consideramos como exemplo Leonardo Da Vinci, Mozart, entre muitos outros (Taylor, 1955, citado por Sousa, 2003).

2.3 Estratégias para a promoção da imaginação e criatividade.

A criatividade necessita de ser exercitada com persistência, existindo para isso técnicas e estratégias de pensamento que auxiliam no desenvolvimento do potencial criativo (Alencar, 2000; Michalko, 2002; Virgolim, Fleith & Neves- Pereira, 2006, citados por Oliveira, 2010). Para as crianças, normalmente é a partir de atividades lúdicas que se promove o desenvolvimento da imaginação e criatividade, então, Santos (2002, citado por Sousa, 2020) afirma que a atividade lúdica promove um desenvolvimento social, cultural e pessoal das crianças. Para Huizinga (2007) o Lúdico, proveniente da palavra *ludus* está, habitualmente, associado à brincadeira, aos jogos e a todos os momentos prazerosos e de diversão durante o dia a dia do ser humano, nomeadamente

as crianças. *Ludus* inclui os jogos infantis, a recreação, as competições, as representações litúrgicas e teatrais e os jogos de azar (Huizinga, 2007).

Com isto, temos um leque variado de possíveis estratégias para a promoção da imaginação e criatividade através do lúdico. Vygotsky (2012) aborda a criatividade literária, teatral e no desenho e Sousa (2017; 2019) explora a criatividade no seu livro “*Educação pela arte e artes na educação*”, onde salienta a importância da música, artes plásticas, drama e dança, afirmando que cabe ao educador promover atividades que se insiram nestes campos de exploração, de modo a que a imaginação e criatividade sejam desenvolvidas.

No que concerne à criatividade literária Blonsky (s.d, citado por Vygotsky, 2012) refere que a criança deve ser exposta a tipos de literatura que se adequem à sua idade, como por exemplo, cartas, notas e pequenas narrativas, dando à criança a oportunidade de explorar a sua imaginação e criatividade de um modo mais leve e livre, o que nos aproxima da criatividade teatral e da criatividade expressa através do desenho, visto que todas se podem fundir, sendo que para Vygotsky (2012) a criação teatral, a arte do drama, é o que mais se aproxima da criação literária infantil. O teatro está mais ligado do que qualquer outra forma de criação artística aos jogos, nos quais se encontra a raiz de toda a criação infantil, e é, nessa medida, a mais sincrética, ou seja, a que admite em si mais elementos dos mais diversos tipos de arte. E é aqui que reside o mais alto valor da representação teatral infantil, fonte de inspiração e de material para os mais variados aspetos da arte das crianças, aqui é lhes permitida a composição e improvisação de toda uma história, aproveitando, ainda, o momento prazeroso que lhes é proporcionado com toda uma preparação de cenário, guarda-roupa, etc (Vygotsky, 2012).

A partir daqui os educadores devem proporcionar momentos lúdicos às crianças, de modo a que estas explorem o seu potencial de imaginar e criar, o mesmo se esperando no que concerne à criatividade no desenho. Para Vygotsky, (2009) o desenho constitui o aspeto preferencial da atividade artística das crianças na sua idade precoce. É através do desenho que a criança, maioritariamente, se expressa, devendo-se, então, proporcionar um momento de lazer com diversos materiais.

Para Sousa (2019) a imaginação e criatividade podem-se explorar, também, através da música e artes plásticas. A música dá prazer, modifica estados emocionais, e permite a expressão dos sentimentos e é a partir desta premissa que as crianças, desde uma idade precoce, têm um claro interesse pela música.

No que diz respeito às artes plásticas Sousa (2019) menciona que a expressão plástica é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, que não é focada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades. As artes plásticas devem estar ao serviço da criança e não vice-versa. A expressão plástica é essencialmente uma atividade natural, livre e espontânea da criança e o seu principal objetivo é a expressão das emoções e sentimentos através da criação de materiais plásticos. Não é pretendido a formação de obras de artes nem de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão das crianças (Sousa, 2019).

Para Sousa (2017) o drama e a dança são, também, formas de expressar a imaginação e criatividade muito importantes, visto que aqui as crianças têm a oportunidade de explorar a sua capacidade corporal máxima. Quanto ao drama, Sousa (2017) vai ao encontro das visões de Vygostky (2012) sobre a abordagem da criatividade teatral. No que diz respeito à dança este apresenta a junção da música com a dança e a importância das mesmas para a exploração da criatividade da criança, dando estratégias da promoção das mesmas.

Para Martins (2004) há que mudar estratégias, metodologias e sobretudo posturas, a fim de ativar o desenvolvimento do potencial criativo de cada um. A este propósito, Tolliver (1985, citado por Martins, 2004) refere que os educadores inibem os alunos criativos não apenas pela seleção de conteúdos, mas também pela comunicação de determinadas capacidades selecionadas, pelas expectativas em relação a determinados papéis e pela expressão inconsciente de valores e premissas. Segundo ele, o aluno altamente criativo é pressionado a pensar em termos de um produto aceitável e útil que assegure sucesso e aprovação. Mas, no entender de Martins (2004), mais do que um espaço do "dever-ser" a escola deve constituir-se como um espaço de criatividade, um espaço do "ser criativo".

2.4 A importância da promoção do desenvolvimento da imaginação e criatividade.

A promoção da imaginação e criatividade faculta o enriquecimento de competências, matemáticas, verbais, artísticas, motivação para a realização e envolvimento na atividade, bem como o desenvolvimento de aptidões pessoais e sociais, como a perseverança, autonomia, assunção de riscos e confiança (Catterall, 2002, citado por Bahia & Trindade, 2013).

Segundo Wajskop (1995) a brincadeira, que é o que mais desperta a exploração da imaginação e criatividade, terá sempre o seu carácter de jogo, ganhando utilidade com a relação ao futuro da criança. Nessa perspectiva, o brincar é, ao mesmo tempo, espaço de constituição infantil e lugar de superação da infância, pela relação que estabelece com a representação e o trabalho adulto. É, assim, uma forma de atividade social infantil, cujo aspeto imaginativo e diverso do significado quotidiano da vida fornece uma oportunidade educativa única para as crianças. Na exploração da imaginação e criatividade as crianças podem pensar em experimentar situações novas ou mesmo situações do seu dia a dia, isentas das pressões situacionais (Wajskop, 1995).

É, então, importante promover a imaginação e criatividade nas crianças, pois, é-lhes permitido colocar-se desafios para além dos seus comportamentos diários, levantando hipóteses na tentativa de compreenderem os problemas que lhes são propostos pelas pessoas e a realidade com a qual contactam. Quando brincam, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua imaginação, podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Na atividade de brincar, as crianças vão construindo a consciência da realidade ao mesmo tempo que vivenciam uma possibilidade de modificá-la (Wajskop, 1995).

Wajskop (1995) dá alguns exemplos da importância da promoção do desenvolvimento da imaginação e criatividade: situações imaginárias a partir das quais as crianças brincam e atribuem significados diversos a ações e objetos; as crianças podem usar objetos atribuindo-lhes significados diferentes dos originais, transformando-os em brinquedos; e as crianças podem decidir o tema, a companhia, o espaço e o tempo de brincadeira decidindo no processo todas as ações imaginativas que se desenrolam. A promoção da imaginação e criatividade permite à criança ter a capacidade de transformar algo velho em novo, dar novos significados às suas funções e ações, abrindo novos caminhos para explorarem o mundo através da sua visão pura, graças à sua falta de experiência no mundo, pois são crianças e habitam o mundo há relativamente pouco tempo (Bahia & Trindade, 2013).

Como atividade dominante na infância, tendo em conta as condições concretas da vida das crianças, a brincadeira pode ser uma das formas pelas quais estas começam a aprender. Pode, ainda, ser o espaço onde dão início à formação dos seus processos de imaginação ativa. Portanto, o desenvolvimento da imaginação e criatividade na infância é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil, pois este tipo de desenvolvimento infantil pode alcançar níveis mais complexos por causa das

possibilidades de interação entre as crianças numa situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos (Wajskop, 1995).

A criatividade encontra-se no centro dos processos que levam à desejável atitude inovadora e crítica face ao conhecimento (LBSE, 1986, citado por Bahia & Trindade, 2013). Parte integrante da vivência humana, a criatividade tem na sua génese a naturalidade de um processo interno com uma função adaptativa (Piaget, 1972, citado por Bahia & Trindade, 2013). É através da criatividade que cada criança tem a oportunidade de se tornar num inventor flexível do seu futuro particular e contribuir potencialmente para o futuro da sua cultura (Vygotsky, 1978, citado por Bahia & Trindade, 2013). Para Sousa (2003), estimular a criatividade é, também, mostrar à criança que se confia nela, bem como nas suas possibilidades de realização e inovação, levando-a a entender que a criação é mais importante que a simples execução de algo já antes produzido.

2.5 Fatores que influenciam o desenvolvimento da criatividade.

Para Brandão et al. (1998, citados por Oliveira, 2010) desenvolver o potencial criativo consiste num desafio, pois, o ser humano precisa de despir-se de crenças, ideias velhas e, muitas vezes, até de valores, para dar lugar ao novo; além disso, é também uma conquista, porque é a maneira de o homem, ao intuir, sentir, criar e fazer, encontrar a sua essência maior, de se realizar e de exprimir o ser divino que habita na sua pessoa.

Segundo Runco (2007, citado por Oliveira, 2010), todo o ser humano tem potencial para ser criativo, mas nem todos usam em prática esse potencial, por não terem oportunidades de desenvolvê-lo. Desenvolver o potencial criativo é ver o que ninguém mais vê, valendo-se de estratégias de saber ver e fazer com que seu pensamento se torne visível; é pensar naquilo que ninguém mais está pensando, o que envolve fluidez de ideias, fazer novas combinações, contemplar o outro lado da “moeda”, vasculhar outros mundos, descobrir novas formas de busca e, enfim, despertar o espírito de colaboração (Michalko, 2002). Sendo essencial desenvolver a potencialidade criativa da criança, é necessário atentar para os diversos fatores que influenciam no desenvolvimento ou na inibição da criatividade, que, segundo Runco (2007, citado por Oliveira, 2010), são de diferentes espécies, incluindo-se entre eles alguns que serão referenciados nesta investigação, como por exemplo: ambiente criativo, família e sociedade.

Ambiente criativo

A criatividade do indivíduo depende muitas vezes do contexto ou ambiente em que este se encontra inserido. Todos os seres humanos detêm um carácter criativo que demanda um processo de desenvolvimento, sendo este possível por meios de estimulação. O contexto criativo não se deve restringir a um local apenas, mas sim a vários locais possíveis e disponíveis, pois, segundo Wechler (2006) estes promovem a autorrealização do indivíduo e, naturalmente, contribuem para uma sociedade constituída por pessoas saudáveis, a todos os níveis, como também estimulam ao máximo, a capacidade humana para produzir inovações e propor novas alternativas, hipóteses, horizontes que, por sua vez, geram um maior bem-estar para a humanidade. O ambiente escolar tem um papel decisivo na criatividade e deve promover de forma sistemática a inovação, sendo necessário que os educadores estejam atentos às condições e ao modo como organizam o ambiente educativo, no sentido de desfazer possíveis barreiras à criatividade, maximizando as oportunidades para a expressão livre dos seus educandos. Alerta-se, por isso, para a importância da questão da organização do ambiente educativo, não apenas ao nível da promoção da segurança e do bem estar das crianças, mas também, pelo papel que desempenha ao nível da motivação para o trabalho, podendo funcionar como inibidor, contribuindo para manter adormecido o potencial para a criatividade (Martins et al, s.d).

Para Mendes (2016) o meio está diretamente relacionado com a pessoa, pois proporcionará ou não as condições para que o indivíduo se desenvolva. O meio configura a inteligência, os hábitos, os valores, a educação, a criatividade que pode ser ou não promovida, tanto pela família, como pela escola, como pelo meio sociocultural. Um meio educativo ou familiar rico em estímulos desenvolve a imaginação e a associação de ideias.

No âmbito das organizações, nomeadamente as de natureza empresarial, Alencar (1998), refere cinco maneiras de promover ambientes de trabalho estimulantes e criativos:

«1. O comprometimento com as metas da organização, que deve ser permanentemente alimentado;

2. O cultivo de uma cultura na organização. Que se caracteriza pela flexibilidade, comunicação, desafio, prazer e sentimentos de pertencimento;

3. A provisão constante de incentivos e prêmios às novas ideias e produção criativa:

4. Manter-se em um processo permanente de renovação;

5. Possibilitar aos funcionários treinamento e recursos para o desenvolvimento de projetos». (p.24)

Apesar de não terem sido formulados e direcionados para o contexto educativo, poderia ser interessante o exercício de as adaptar a esse contexto.

Família

A família tem um papel fundamental na tarefa de orientar e promover o desenvolvimento da criatividade e imaginação nos seus filhos. Muitas vezes este tipo de trabalho por parte dos pais começa desde cedo, por volta da altura em que as crianças começam a ter contacto com os primeiros processos de aprendizagem. As influências familiares encontram-se relacionadas não só com as orientações vocacionais, mas também a tudo o que passa pelos processos de aprendizagem, estando estes ligados à forma de ser, estar e viver numa determinada sociedade. A maior parte destas influências pode ser trabalhada de forma inconsciente, se tivermos em conta que grande parte da aprendizagem exercida pelas crianças é efetuada com base na observação, levando estas a obterem hábitos que são observados no seio familiar ou fora dele. Existem casos de influência indireta, em que algo é feito pela família ao acaso e a criança adquire o comportamento observado, e existem casos de influência direta, em que a figura observada pela criança tem intencionalidade nos seus comportamentos (Martins et al, s.d).

Para Mendes (2016) a família é a primeira instituição social que enquadra o individuo. Segundo Lautrey (1980, citado por Mendes, 2016) o ambiente familiar estimula a criatividade colocando obstáculos, considerados aqui como uma não facilitação dos meios, provocando, deste modo, no individuo a agilização dos processos de resolução de problemas e de adaptação. Para Gute et al. (2008), dentro de uma família integrada, os membros fornecem apoio emocional, trabalhando para manter relacionamentos, investindo em objetivos, tradições e valores comuns. O tipo de estruturação familiar também desempenha um papel na promoção das atitudes criativas, pois esta age sobre a cognição (Mendes, 2016).

Sociedade

A sociedade é, também, uma grande influência na promoção do desenvolvimento criativo, mas temos que ter em atenção que estas influências fazem parte de padrões estereotipados, os quais se iniciam no seio familiar com a socialização, que se relaciona com a aquisição, por parte do indivíduo, de um conjunto de leis e valores. Este conceito de socialização emerge para justificar as influências da sociedade sobre o indivíduo, levando-o a comportar-se de determinada maneira num certo espaço social, o que por vezes pode inibir, ou não, o processo criativo (Martins et al, s.d).

Para Mendes (2016) a sociedade e a cultura têm uma influência preponderante, favorecendo ou travando as condutas criativas. Estas diferenças culturais relativizam até o conceito de criatividade. Dependendo dos contextos, familiares, socioculturais, grupos de pertença, assim o sujeito obterá condições para expressar num qualquer domínio a sua criatividade. O meio irá ou não aceitar a inovação emergente. Para Csikszentmihalyi (1996) nada é mais frágil do que uma ideia nova, deste facto resulta a dificuldade em aceitar o novo.

3. Metodologia da Investigação

Num processo de investigação deve explicar-se, detalhadamente, os princípios metodológicos e métodos a utilizar. Nesta fase, inclui-se, por isso, toda a explicitação e fundamentação no que diz respeito às opções metodológicas e ao processo heurístico seguido no estudo. Este capítulo apresenta toda a metodologia que enquadra o estudo elaborado, permitindo dar resposta à questão inicial enunciada, recolhendo dados junto de três intervenientes da área da educação, sendo precisamente duas educadoras e um psicólogo.

Segundo Coutinho (2020):

A investigação é uma atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais. É através da investigação que se reflete e problematizam os problemas nascidos na prática, que se suscita o debate e se edificam as ideias inovadoras”. Para uma investigação tem que haver uma metodologia, e esta passa por velar pelos métodos, assinalar os seus limites e alcance, clarificar e valorizar

os seu princípios, procedimentos e estratégias mais adequadas para a investigação. (p.7)

3.1 Tipo de investigação.

Esta investigação tem um carácter qualitativo pois enfatiza uma visão fenomenológica, na qual a realidade está inerente à percepção dos indivíduos. Segundo Coutinho (2020), o objeto deste tipo de investigação é a intenção e situação, ou seja, trata-se de investigar ideias, de descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos entrevistados intervenientes no processo. A palavra escrita assume uma particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados. É por este motivo que os dados incluem transcrições de entrevistas (Bogdan & Biklen, 1994, citados por Norberto, 2012). Para Colás (1998, citado por Aires, 2011), diferentes fases do processo de investigação qualitativa não se desencadeiam de forma linear, mas interactivamente, ou seja, em cada momento existe uma estreita relação entre modelo teórico, estratégias de pesquisa, métodos de recolha e análise de informação, avaliação e apresentação dos resultados do projeto de pesquisa.

3.2 Instrumentos da recolha de dados.

Para recolha de dados utilizaram-se os métodos de entrevistas semiestruturadas, Silverman (2000, citado por Coutinho, 2020) defende que as entrevistas são uma técnica poderosa de recolha de dados, pois pressupõem uma interação entre o entrevistado e o investigador, proporcionando a aquisição de informação que nunca seria conseguida através de um questionário, uma vez que é possível pedir esclarecimentos adicionais aos inquiridos no caso da resposta obtida não ser suficientemente elucidativa.

Para Manzini (1990) a entrevista semiestruturada foca-se num assunto sobre o qual se elabora um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões adjacentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer surgir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Esta entrevista teve por base um guião de perguntas previamente concebidas pelo entrevistador, segundo os blocos de interesse, ou seja, segundo temas que vão ao encontro da questão inicial e das questões orientadoras. Os blocos repartiram-se em: Bloco A que diz respeito à Legitimação da entrevista/questões éticas; Bloco B remete para a caracterização do entrevistado; Bloco C a imaginação e criatividade; Bloco D denomina-se por imaginação e criatividade no pré-escolar e no projeto pedagógico; Bloco E diz respeito às questões pessoais/profissionais finais; Bloco F para as questões finais; Concluindo com o bloco G agradecimentos e validação de entrevista.

A análise e discussão de resultados é suportada nas respostas dadas pelos entrevistados, de acordo com os blocos da entrevista previamente referidos. As categorias apresentadas abarcam algumas questões inicialmente previstas e outras que surgiram com o decorrer das entrevistas.

Recorreu-se, então, a três entrevistas, pois este tipo de recolha de dados é administrado para avaliar opiniões, perceções e atitudes, a intervenientes da área da educação com tendência para a promoção do tema investigado, percebendo que tipo de trabalho é feito na área da educação no que concerne à imaginação e criatividade.

3.3 Participantes da investigação.

Esta investigação teve como participantes três intervenientes da área da educação, sendo que duas entrevistadas são educadoras e o terceiro um psicólogo e investigador. A entrevistada A coordena uma instituição privada localizada em Lisboa, relativamente à formação académica, tem um bacharelato em educação básica e uma licenciatura em reabilitação. Passou por diversos estágios até seguir para a sua carreira profissional. Tem 27 anos de carreira, todos eles feitos na instituição privada em que se encontra até aos dias de hoje, sendo que começou como educadora e posteriormente teve a oportunidade de coordenar o espaço.

A entrevistada B é encarregue de uma sala, heterogénea, de pré-escolar numa IPSS localizada no Barreiro, Lavradio. Fez a sua licenciatura na área da educação no pré-bolonha, e realizou um estágio profissional para ingressar na profissão escolhida. Conta com 18 anos de carreira profissional, passando por várias instituições e estabelecendo-se até aos dias de hoje na instituição já referida. Teve ainda oportunidade de coordenar o espaço por 2 anos e, por questões pessoais, decidiu renunciar ao cargo, mantendo-se como educadora.

Por fim, o último entrevistado é um psicólogo formado em psicologia clínica e é aluno bolsheiro em projetos. Trabalha num projeto, no ramo da psicologia e da educação, localizado em Lisboa. Foi através do seu estágio académico que ficou a exercer funções na instituição onde atualmente e desenvolve o projeto acima referido, trabalhando com crianças e jovens sobredotados, procurando dar resposta às suas necessidades. Está em fase de finalização do seu doutoramento e publicou, ainda, um livro de sua autoria “Odisseia das Emoções”. Este entrevistado tem, portanto, 7 anos de carreira depois do mestrado e 10 anos de investimento no projeto já abordado, visto que se inseriu no mesmo, ainda, nos primórdios da sua licenciatura.

Percebeu-se então que as entrevistadas A e B possuem mais anos de carreira que o entrevistado C, no entanto são pessoas com idades diferentes, o que justifica essa diferença. São três pessoas singulares com histórias de vida diferentes e com grupos todos diferentes, o que foi uma mais-valia para esta investigação, visto que deu para entender a perspetiva destes três entrevistados sobre a imaginação e criatividade.

3.4 Procedimento de recolha de dados.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que permitem analisar de forma sistemática um corpo de material textual, de modo a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras/temas/frases consideradas “chave” que possibilitem uma comparação posterior (Coutinho, 2020).

Primeiramente, para a realização das entrevistas, fez-se uma pré-seleção de possíveis entrevistados, de modo a não cair na generalização, tentando ter sempre como foco a ligação mais próxima dos entrevistados ao tema investigado. Após a seleção estabeleceu-se o primeiro contacto com os entrevistados via email, numa breve mensagem onde se apresentou e explicou os objetivos da entrevista e de seguida, então, pediu-se para concederem um pouco do seu tempo, caso estivessem interessados em participar na investigação, tendo-se a entrevistadora disponibilizado para se deslocar aos locais de trabalho dos entrevistados. A EA e EB consentiram a deslocação ao local para, posteriormente, recolher os dados pessoalmente, sendo que o EC, psicólogo e investigador, por causa da sua vida profissional concedeu a entrevista via formato digital. Apesar de já ter sido mencionado nos primeiros contactos, no início de cada sessão foi referido que todos os dados recolhidos seriam apenas utilizados para efeito de investigação académica, omitindo assim as suas identidades e locais de trabalho. As entrevistas que decorreram presencialmente foram gravadas por um

aparelho portátil, tendo-se obtido apenas o áudio, enquanto que na entrevista via formato digital, teve-se a permissão de gravar a videochamada, obtendo o áudio e vídeo da mesma. Este método de recolha de dados, a gravação áudio, serviu de auxílio para a transcrição total das respetivas entrevistas.

Após a conclusão das transcrições das entrevistas (anexo c) estas foram analisadas ao pormenor e de acordo com os respetivos métodos de análise de conteúdo. Segundo Coutinho (2020) o carácter indutivo da pesquisa empírica em planos de investigação qualitativa, leva a que a diversas fases de desenvolvimento do projeto da investigação se constituam como elementos de um contínuo que liga o problema aos dados. Deste modo as entrevistas foram lidas e revistas, agrupando as respostas dadas pelos entrevistados em categorias com cores diferentes, possibilitando assim facilitar a análise das mesmas.

Para Coutinho (2013, citada por Steyer, 2015, p.52) “a categorização permite reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos ordená-los”. Foi com base nesta conceção que após a seleção da informação pertinente reuniu-se tudo em tabelas, que foram divididas por blocos, por excertos das entrevistas e pela análise do que cada entrevistado referiu relativamente aos conteúdos expressados em cada bloco.

3.5 Análise e discussão de resultados.

Neste domínio irão ser analisados os dados conseguidos com as recolhas realizadas e serão relacionados com as leituras efetuadas na construção deste relatório, de maneira a obter respostas à questão de investigação colocada inicialmente, bem como a todas as questões orientadoras oportunamente formuladas.

3.5.1 Análise e discussão de resultados das questões de investigação.

Para Coutinho (2020) «a apresentação e discussão de resultados destina-se a informar o leitor sobre as respostas que os dados obtidos forneceram em relação às questões empíricas formuladas no início do trabalho».

Numa análise à primeira questão orientadora (Q1) – “Quais são os tipos de imaginação e criatividade?” obtiveram-se respostas como “como disse a criatividade não é sempre emergente”, uma citação apresentada pela EA que apesar de pouco

esclarecedora apresenta um dos cinco tipos de criatividade definidos por Taylor (1955), a criatividade emergente, que como já referido considera-se uma característica intrínseca, pertencente a génios, que fazem da criatividade um ingrediente do quotidiano, constante, natural, espontâneo e inerente ao seu ser. Consideramos como exemplo Leonardo Da Vinci, Mozart, entre muitos outros. Já a EB, com auxílio da entrevistadora reconhece alguns tipos, mencionando então “por exemplo aqui a criatividade expressiva, que como diz “apoia-se na liberdade do criador em expressar os seus sentimentos e emoções, de forma livre e espontânea, de modo a não influenciar os resultados”, aqui afirma que é algo que é muito frequente na sala que coordena, permitindo perceber que, apesar de não ser um conceito que tenha conhecimento teórico, é algo que põe em prática. Para finalizar o EC sustenta a sua resposta num autor que estuda esta área da criatividade, o Torrence, passando a citar “das dimensões da criatividade que ele define (Torrence), porque realmente fazem sentido, [...] Mas essencialmente a ideia que a criatividade é fazer uma coisa que é original, faz sentido obviamente, é a primeira coisa que acho que a gente ou dadas pessoas se lembram, só que essa originalidade não pode ser só em frequência estatística, [...] não pode ser só uma coisa que é rara, alguém teve uma ideia que poucas pessoas têm, isso é importante”, este entrevistado enumera algumas dimensões do tema, baseadas num autor.

Os processos criativos tendem a passar por uma série de etapas. Um estágio de preparação envolve a aquisição de conhecimento, informações ou ideias. Pode levar algum tempo para digerir isso e apresentar algumas novas perspetivas. Esse período de incubação geralmente envolve o foco noutras atividades (Runco & Pritzket, 2011). Para diversos autores a criatividade tem diferentes conotações, logo está explícito, à partida, que existem diversas opiniões sobre os tipos de criatividade existentes, como por exemplo, Wallas (1996, citado por Martins et al, s.d) defendeu que o processo de criar passaria por quatro etapas: preparação, incubação, iluminação e verificação.

Em análise à segunda questão orientadora (Q2) – “Quais as estratégias de promoção da imaginação e criatividade?” verificou-se que todos os entrevistados utilizam estratégias adequadas ao seu público e promotoras da imaginação e criatividade. Devido à idade das crianças da EA, esta opta por fazer propostas de atividades dando liberdade para a execução das mesmas ou não, dependendo do que a criança entender no momento, respeitando sempre o seu tempo, um dos seus exemplos “pronto também é matemática, dividem perfeitamente as coisas e são eles

que arrumam diariamente [...] é tudo muito lúdico, não se obriga uma criança a arrumar, também é divertido arrumar [...] é esta dinâmica que depois se cria, tudo a cantar, tudo lúdico, portanto tudo é divertido [...] todas as atividades são planeadas em função das idades deles e as salas organizadas, e os tais mapas de registos são feitos em função das idades deles, claro que é diferente, [...] Que são os fantoches, uma digitinta, [...] a massa mágica.” neste exemplo dá para perceber que existe diversidade nas propostas de atividades, considera-se que são atividades que promovem a imaginação e criatividade da criança, visto que há liberdade para a execução das mesmas, desde escolherem o que querem fazer e como querem fazer e utilizar determinados materiais. Para a EB temos como exemplos de estratégias, passando a citar, “por exemplo nós lemos uma história sobre um crocodilo que tinha 5 metros (...) e a partir daí, desse livro, surgiram imensas potencialidades de trabalhar a criatividade com eles, e então, eu acho que em todo o lado, se tiveres um ambiente estimulante diariamente estás a estimular aquela capacidade de forma intrínseca.” para concluir cita-se também “o contacto com diversos autores, escultores, pintores, fazer a questão de divergir não é, e de que as crianças percebam, por exemplo a professora de música não se limita a cantar com eles, traz vários tipos de música e faz teatros, jogos dançados, constrói músicas, tudo isto são fatores para estimular muito mais a sua imaginação e criatividade”, esta entrevistada mostra a diversidade a que estas crianças estão expostas no seu dia a dia, com uma panóplia de instrumentos, atividades, oportunidades, momentos de exploração, etc., é uma educadora que preza muito pela liberdade expressiva das crianças, como se pôde observar presencialmente, pois tinha imensos trabalhos expostos que permitiram concluir que dá espaço às suas crianças para desenvolverem a sua criatividade, respeitando o seu ritmo e autonomia. Para Moser (2015) a arte desenvolvida pelas crianças sofre alterações no decorrer do tempo e, à medida que vão crescendo, as suas capacidades artísticas vão-se tornando mais maduras, adquirindo maior controlo e precisão no uso dos diferentes materiais através da maturação da motricidade fina. Para as crianças que frequentam a educação pré-escolar os materiais lúdicos são considerados como sendo recursos fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem (Antunes, 2003; Lillard, 2015; Santos, 2002 Sarmiento, Ferreira & Madeira, 2017, citados por Sousa & Tagarro, 2020). De acordo com Vygotsky (2001, citado por Sousa & Tagarro, 2020), é através da diversidade de materiais lúdicos e brincadeiras proporcionados às crianças que estas acabam por ter mais facilidade em aprender o que lhes é apresentado. Como é referido por Sousa e Tagarro (2020), é importante que o adulto tenha a capacidade de reconhecer quais os materiais mais adequados e que possam ajudar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Nessa linha, Garon (2002, citado por Sousa & Tagarro, 2020) elaborou um sistema que

possibilitou aos profissionais de educação organizar, analisar e avaliar os diferentes tipos de materiais lúdicos/ brinquedos, subdividindo-os em quatro categorias, nomeadamente: de exercício, simbólico, de acoplagem e de regras.

Para finalizar, o EC, com um público diferente das EA e EB, opta por outros tipos de estratégias, no entanto, vai ao encontro das colegas entrevistadas, onde a liberdade e autonomia do seu público são o mais importante. Deixo aqui algumas das suas estratégias que mencionou “Em termos de estratégias, bem para já acho que começa no clima, não é, o clima tem que ser criativo, a sala de aula não pode estar com as carteiras todas em filinha [...] temos um armário cheio de materiais para utilizar em atividades”, acrescentando ainda “ao trabalharmos no ZOOM [...] dá para fazer coisas interessantes, eles gostam muito de fazer aqueles quizzes tipo o Kahoot, chegámos a fazer scaperooms virtuais, [...] temos feito debates, temos feito pequenos trabalhos tipo posters, [...] por exemplo, com uma cartolina e agora fazemos com powerpoint, muda-se a maneira de fazer, mas acabamos por estar a fazer coisas semelhantes”. Este entrevistado mostra primeiramente uma estratégia que é utilizada em tempos normais, seguida de uma estratégia utilizada em tempos de pandemia, o que, em análise, demonstra a capacidade de adaptação das suas crianças e do seu trabalho, promovendo momentos de desenvolvimento da imaginação e criatividade pessoalmente e à distância. O EC aborda uma das temáticas importantes no processo criativo, o clima, pois, segundo Freyer (2015, citado por Leite et al., 2018) para tal promoção acontecer, é necessário que um clima criativo complete a sala de aula, incluindo-se as variáveis relacionais no que concerne ao grupo e ao educador, o qual surge como uma peça fundamental para este objetivo. Para Cropley (2015, citado por Leite et al., 2018), Plucker e Runco (2011, citado por Leite et al., 2018) a criatividade deve ser integrada neste contexto de sala, pois o contexto escolar é formado por diversas influências, permite variadas aprendizagens e neste espaço a criança passa grande parte do seu desenvolvimento, sendo então um lugar privilegiado para a promoção da criatividade. Para promover a criatividade torna-se necessário que os profissionais de educação tenham consciência desta realidade. Para avaliar se esta está a ser bem trabalhada, pode recorrer-se à avaliação de produtos, de realizações quotidianas que potenciam o envolvimento da criatividade, como um texto, uma música ou um desenho (Leite et al., 2018).

Com o decorrer da investigação o EC aponta para a exploração do espaço/mundo e autonomia, indo ao encontro de Stramann (2011) para quem a compreensão corporal do mundo é a base dos processos de formação desde o nascimento, e assim continua a ser pela vida inteira. A compreensão corporal está

sempre ligada ao movimento, então, nesta disposição antropológica, o movimento representa para as crianças o acesso fundamental ao mundo. As crianças são seres que enfrentam com curiosidade o mundo e aquilo que as rodeia, querendo conquistar o mundo por meio de movimento, pela descoberta e pela sondagem das coisas que as cercam, e para isso as crianças têm a constante necessidade de apalpar os objetos, de tocá-los, cheirá-los e pegá-los, sendo a partir deste tipo de experiências sensoriais que as crianças conseguem imagens do mundo (Stamann,2011). Movimentar-se é uma forma de vida da criança e significa, para a maior parte delas, a realização prazerosa do ser, pois, o movimento é o um mediador fundamental entre a criança e o mundo (Stramann, 2011). As crianças obtêm os seus conhecimentos sobre o mundo mediante a confrontação ativa com o mesmo, então, procuram formatar as *coisas* do mundo que as rodeia de uma maneira que corresponda às suas experiências sensoriais (Piaget, 1973, Bettelheim, 1983 & Spitz, 1969, citados por Stramann, 2011).

Relativamente à terceira questão orientadora (Q3) – “Qual a importância do papel dos profissionais de educação na promoção da imaginação e criatividade?” em que as respostas dos entrevistados foram muito semelhantes, uma vez que todos entram em concordância no que diz respeito ao seu papel e à sua importância. Para a EA o seu papel passa muito por estar presente, por se entregar às suas crianças, comprovado na afirmação “estamos [...] para os ajudar a ultrapassar as suas barreiras e promover-lhes um ambiente antistress, de aprendizagens livres e espontâneas como assim é a exploração, dar-lhes oportunidade de serem criativos à sua maneira, de trabalharem a sua criatividade, autonomia a seu tempo”. Destaco uma citação da EB: “nós enquanto figuras educacionais na vida deles devemos sempre priorizar, dar prioridade que o que é importante é deixá-los ser felizes, criativos, não os prender, não lhes formatar o pensamento, a maneira de ver as coisas, [...] é certo que devemos sempre mostrar-lhes a realidade das coisas, [...] mas não retraindo o seu pensamento, ou repreender constantemente”, percebendo-se claramente a importância que um educador tem na vida das crianças e jovens de hoje. Para finalizar, o EC aponta que “quando nós estamos a promover certas formas de pensamento que levam a produtos criativos também estamos a levar certas formas de ser que promovem a criatividade, [...] que é questão de ser aberto a várias ideias, de muitas vezes tentarmos não ser demasiado autocríticos com essas mesmas ideias, portanto, estarmos abertos àquilo que vem e não nos preocuparmos tanto com a qualidade, [...] portanto uma perspetiva mais tolerante em relação àquilo que se pensa, no fundo ter assim uma forma de pensamento mais liberal, não conservadora.” Morais et al. (2015) referem que para além do educador modelar um comportamento criativo, deve também procurar instituir um

ambiente de aprendizagem criativa como estratégia que favorece a criatividade nas suas crianças.

O professor também desempenha um papel central na modelagem de atitudes e comportamentos, que pode impactar na promoção ou inibição de expressão criativa (Omdal & Graefe, 2017; Sierra, Escobedo, Cuervo, & Rosal, 2015, citados por Morais et al., 2019). Para Glaveanu (2018, citado por Morais et al., 2018), é mais importante para o professor ver como os alunos são criativos do que averiguar o quão criativos eles são. Assim, diferentes formas de pensar criativamente e ser criativo seriam valorizadas em contexto de sala de aula.

Em análise à última questão orientadora (Q4) – “Qual a importância do desenvolvimento da imaginação e criatividade?”, a EA refere que “É um dos pontos principais, para além do triângulo já falado, da comunicação, do respeito, da liberdade, como já fomos falando ao longo do tempo.” e a EB diz “Eu acho que o trabalho que uma educadora planeia tem que ter sempre em atenção isto, claro que às vezes está planeado um jogo que trabalha a matemática, ou um passeio à rua que trabalha a matemática (...) mas é claro que tudo isto trabalha a imaginação das crianças, a sua criatividade...” referindo que apesar de ter atividades planeadas para o desenvolvimento das diversas áreas das OCEPE, sejam estas matemática, tudo o que ela faz, no fundo, trabalha a imaginação e criatividade. O EC diz que “a ideia é eles poderem, realmente, explorar, experimentar, falhar se for preciso...” e “ahhh e depois, lá está, que é o que acaba por ter aqui uma dimensão também de desenvolvimento de muitas vezes de competências mais pessoais, mais humanas, de consciência social, de desenvolvimento emocional e desenvolvimento, também, de competências de criatividade e pensamento crítico, e acho que é aqui muito que entra a questão da criatividade e da imaginação.”, o entrevistado fala sobre a importância de explorar e experimentar, bem como o que a imaginação e criatividade proporciona às crianças, como se observa, trabalhar isto com as crianças faz com que se promova o desenvolvimento emocional, pensamento criativo e desenvolvimento pessoal do indivíduo.

Como já referido na revisão de literatura, o desenvolvimento da imaginação e criatividade auxilia nas competências verbais, artísticas, matemáticas e linguísticas, bem como nas aptidões pessoais e sociais (Catterall, 2002, citado por Bahia & Trindade, 2013). As afirmações do EC vão ao encontro de Moser (2015) que menciona que é fundamental proporcionar situações de aprendizagem que promovam a imaginação e criatividade, bem como dar espaço e tempo para as crianças pensarem e formularem

hipóteses dando oportunidade de errarem e voltarem a experimentar. É a partir das diferentes experiências e situações vividas que as informações extraídas do mundo físico vão ser interligadas, passando posteriormente para a descoberta de novas propostas de soluções, visto que é apenas deste modo que as crianças se vão desenvolver autonomamente e com predisposição para aceitar novos desafios colocados.

Virdis (2021) destaca o nosso quotidiano e o mundo em que estamos inseridos com os seus constantes problemas sociais, económicos, políticos, étnicos, religiosos, educacionais, científicos e tecnológicos. Para nos inserirmos e sabermos lidar com este mundo é fundamental saber responder a esta nova sociedade, ou seja, é importante ter competências que assegurem o pensamento perante todas as situações que podem influenciar a nossa vida diária. Assim, deparamo-nos com mais uma razão para incentivar o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo no ambiente escolar, adotando uma visão que trate a aprendizagem não como uma transmissão de saberes, mas como uma oportunidade de adquirir conhecimento e de desenvolver capacidades e atitudes.

De acordo com o tema de investigação e a questão inicial “O que é a imaginação e criatividade na infância?” foi possível entender que o conhecimento variava de entrevistado para entrevistado e um dos objetivos desta investigação era perceber o conhecimento destes conceitos por parte dos entrevistados e a capacidade dos mesmos para os promover em ambiente escolar. Vygotsky (2009) sustenta que a primeira forma de ligação entre a imaginação e a realidade consiste no facto de qualquer criação da imaginação compor-se sempre de elementos tomados da realidade e extraídos da experiência anterior do homem, ou seja, materiais retirados do mundo exterior. Um dos entrevistados refere que a imaginação é, para ele, a capacidade de ter muitas ideias, quase como se tivéssemos muitos balões de pensamento em que têm cores e formas variadas, que se suportam, também, em vivências variadas e ricas, algo que se procurou investigar na revisão de literatura e que para isso, Vygotsky (2009) explica que a atividade criadora da imaginação encontra-se em relação direta com a riqueza e variedade das experiências vivenciadas pelo ser humano, uma vez que estas experiências são os materiais com que a imaginação forma os seus edifícios. Vygotsky (2009), refere ainda, que quanto mais ricas e abastadas forem as experiências, tanto mais será abundante o material de que a imaginação dispõe. Para Brabandere (2000), as ideias são o combustível do valor acrescentado, o ingrediente indispensável para as pequenas coisas que têm grandes efeitos, e também a matéria-prima do ideal. Mas elas, as ideias, são frágeis, efémeras, desordenadas e vagas (Brabandere, 2000).

Para Drevdahl (1956, citado por Sousa, 2003), a criatividade:

“é a capacidade do homem de produzir resultados de pensamento de qualquer índice, que sejam essencialmente novos e que eram previamente desconhecidos de quem os produz [...] a criatividade pode implicar a generalização de novos sistemas e combinações de informações conhecidas a novas situações e o estabelecimento de novas correlações. [...] pode adotar uma forma artística, literária ou científica, de realização técnica ou metodológica”.
(p.189)

A criatividade apresenta-se, aparentemente, como uma aptidão ou capacidade humana para produzir ações intelectuais completamente novas e incógnitas, podendo-se tratar de produtos da imaginação ou pensamentos mentais, mas produzindo sempre novos conhecimentos (Sousa, 2003). Se a criatividade estivesse, apenas, ligada à invenção de algo que nunca ninguém ouviu, nem viu, nem tinha pensado nisso antes, seria quase impossível encontrar pessoas criativas depois de séculos de invenções incríveis. Quase nenhuma ideia é totalmente original. O telemóvel não foi algo inédito, foi uma reinvenção do telefone, bem como, quando surgiu o telemóvel com câmara, que foi a junção da ideia do telemóvel e da máquina fotográfica. A Criatividade tem a ver com gerar transformação e também pode ser considerada como a capacidade de encontrar soluções simples para problemas complexos. Para MacKinnon (citado por Alencar, 1974, p.60): “a criatividade verdadeira satisfaz três condições básicas: a) uma resposta nova ou pelo menos estatisticamente infrequente; b) a resposta deve-se adaptar à realidade e deve servir para resolver um problema ou alcançar alguma meta reconhecível; G) deve incluir uma avaliação, elaboração e desenvolvimento de insight original.”. Conclui-se que a questão inicial foi respondida e compreendida, apoiada na pesquisa teórica e na análise da investigação.

Considerações Finais

A realização deste relatório foi muito importante para o desenvolvimento e construção do meu saber profissional enquanto aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Tive a oportunidade de refletir, não só sobre a prática de ensino supervisionada ao longo destes últimos dois anos académicos, de modo a adquirir e consolidar aprendizagens e conhecimentos sobre os contextos de creche e jardim de infância, como também em relação ao tema de investigação.

Os estágios mencionados neste relatório foram fundamentais para a formação enquanto futura profissional de educação, pois tive a oportunidade de contactar com diversas instituições, métodos, educadoras, etc. Através deles foi possível experienciar diversos momentos que me possibilitaram realizar uma autoavaliação e autodiagnóstico sobre alguns obstáculos, competências, limitações, aspetos a manter e melhorar, entre outros.

Através da investigação que tinha como pergunta de partida “O que é a imaginação e criatividade na infância?”, foi muito interessante descobrir as conceções dos profissionais de educação entrevistados sobre os conceitos em estudo, bem como investigar o que os principais autores haviam publicado sobre os temas. Um ponto fundamental deste estudo foi também a partilha de estratégias utilizadas para a promoção da imaginação e criatividade na infância, cruzando atividades livres outdoor, com atividades indoor que passam pela utilização de métodos mais tradicionais e maioritariamente dentro da área das artes.

O papel do educador também demonstrou ser um ponto importante, sendo que é a principal figura na promoção deste tipo de atividades. O educador deve estimular a liberdade, a autoconfiança e exploração do mundo, deve ainda guiar e orientar o seu público, criando um ambiente propício ao desenvolvimento da imaginação e criatividade. Desta forma, os interesses das crianças são um passaporte de entrada, para primeiramente chamar a atenção da criança e despertar curiosidade para as tarefas/atividades propostas.

Algo que também foi muito interessante de perceber foi a visão que estes adultos têm da existência de barreiras à criatividade, o que se pode observar na análise de conteúdo, pois são referidos diversas razões e fatores para que isso possa acontecer, responsabilizando o sistema educativo e os seus profissionais na maior parte dos casos, e ainda na sociedade em geral que também foi uma das razões apontadas, visto que

existe escassez de oportunidades desafiantes, originais e empreendedoras nos tempos que correm. Deste modo, numa próxima pesquisa, poderia procurar aprofundar o interesse que estas questões do desenvolvimento da imaginação e criatividade suscitam nos profissionais de educação, em particular, na procura e no investimento feito ao nível da formação contínua.

Importa referir que o estudo, de modo global, foi positivo, visto que houve oportunidade de aprofundar melhor os meus conhecimentos sobre o tema. Apesar do número reduzido de entrevistados, a riqueza das suas experiências profissionais constituiu uma mais valia para esta minha primeira incursão no tema. Admitindo a possibilidade de querer voltar a aprofundar estas questões, seria interessante entrevistar mais profissionais da área, mas, para já, assumo como prioridade pôr em prática os conhecimentos adquiridos, em contexto de trabalho, permitindo uma maior apropriação desse conhecimento.

Em jeito de reflexão, este relatório e os dados obtidos permitem uma melhor e renovada compreensão sobre os temas em estudo. Com ele obteve-se uma visão mais consciente do trabalho do profissional de educação e das suas funções tendo sempre em conta que este tem a responsabilidade e dever de formar cidadãos responsáveis e conscientes de si e do mundo e que estejam sempre interessados em aprender, envolver e explorar o que lhes rodeia.

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). Paradigma Qualitativo e Práticas de investigação educacional. Lisboa: Universidade Aberta. P.70.
- Alencar, E. (1974). Um estudo de criatividade. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas: v. 26, nº2, p.59-68.
- Alencar, E. (1998). Promovendo um ambiente favorável à criatividade nas organizações. Revista de Administração de Empresas: São Paulo, v.38, n. 02, p. 18-25.
- Alencar, E. (2007). Criatividade no contexto educacional: Três décadas de pesquisa. Psicologia: Teoria e Pesquisa: Brasil, v. 23, n.especial, p.045-049.
- Bahia, S. & Trindade, J.P. (2013). Transformar o velho em novo: a integração da criatividade na educação. In F.H. Piske & S. Bahia (Orgs.). Criatividade na escola: o desenvolvimento de potencialidades, altas habilidades e talentos. Curitiba: Juruá Editora. P.15-32.
- Bessa-Luís, A. (2000). *Dentes de Rato*. Guimarães Editores. (Obra original publicada em 1984)
- Brabandere, L. (2000). *A Gestão das Ideias* (Azevedo, S. & Pereira, S, Trad). Lisboa: Instituto Piaget. (Obra original publicada em 1998).
- Branco, C. (1865). *A sereia*. Porto: em casa de viúva moré – editora.
- Coutinho, C. (2020). Metodologia De Investigação Em Ciências Sociais E Humanas. 2ª ed. Coimbra: Almedina.
- Csikszentmihalyi, M. (1996). Creativity: Flow and the psychology of discovery and invention. New York: Harper/Collins. P.107-126.
- David, A & Morais, M. (2012). Pensando a criatividade: apontamentos sobre o percurso explicativo do conceito. Recrearte. Universidade do Minho.
- Girardello, G. (2011). Imaginação: arte e ciência na infância. Revista Pro Posições (UNICAMP). Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92.
- Gute, G., Gute, D., Nakamura, J. & Csikszentmihályi. (2008). The Early Lives of Highly Creative Persons: The Influence of the Complex Family. University of Northern Iowa e Claremont Graduate University, v.20(4), p. 343–357.

- Huizinga, J. (2007). *O jogo como elemento da cultura* (J. P. Monteiro, Trad). São Paulo: Editora Perspetiva. (Obra original publicada em 2001)
- Leite, C., Morais, M., Martins, F & Miranda, L. (2018). Criatividade e representações do clima criativo em sala de aula: Um estudo exploratório no 1º ciclo do ensino básico. *Psicologia, Educação e Cultura*: v. XXII, n. 1.
- Manzini, E. (1990/1991). A entrevista na pesquisa Social. *Didática*, São Paulo v.26/27, p. 149-158.
- Manzini, E. (2004). Entrevista semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos, Bauru.
- Martins, D., Gonçalves, J., Rodrigues, P., Vieira, R. & Marques. (s.d). A Importância da Criatividade no Desenvolvimento do Indivíduo. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, p.107-116.
- Martins, V. (2004). A qualidade da criatividade como mais-valia para a educação. P. 295-312.
- Mendes, A. (2016). A Educação da criatividade. Atas do VII Encontro do CIED – II Encontro Internacional, Estética e Arte em Educação. Lisboa: CIED – Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais. P.59-70.
- Michalko, M. (2002). *Los secretos de los génios de la creatividad* (Santapau, A. Trad). Espanha: Gestion. (Obra original publicada em 1998)
- Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE) (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.
- Morais, M., Miranda, L. & Wechsler, S. (2015). Criatividade: aplicações práticas em contextos internacionais. Brasil: Vetor Editora Psico-Pedagógica Ltda.
- Morais, M., Viana, F., Fleith, D & Dias, C. (2019). Climate Scale for Creativity in the Classroom: Evidence of Factorial Validity in the Portuguese Context. *Trends Psychol.*, Ribeirão Preto, v. 27, nº 4, p. 837-849, 10.9788/TP2019.4-02.
- Moser, V. (2015). A criatividade: A necessidade da promoção da atividade criadora no Pré-Escolar (Trabalho de Mestrado). Lisboa: Instituto superior de educação e ciências.
- Norberto, M. (2012). Metodologia (Trabalho de Mestrado). Universidade do Algarve.

- Oliveira, Z. (2010). Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo. Estudos de Psicologia. Campinas: 27(1), p.83-92.
- Paixao, G. M., & Borges, F. T. (2018). Imaginação e Currículo Escolar: Uma Revisão de Literatura: uma revisão sistemática. Psicologia: Teoria E Pesquisa, v. 34.
- Runco, M. & Pritzker, S. (2011). *Encyclopedia of creativity*. Academic Press.
- Sakamoto, C. (1999). A criatividade sob a luz da experiência: A busca de uma visão integradora do fenómeno criativo (dissertação de doutoramento). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sakamoto, C. (2000). Criatividade: Uma visão integradora. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2(1), p.50-58.
- Seabra, J. (2008). Criatividade (Trabalho de Licenciatura). Universidade de Coimbra, Portugal.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Edições Piaget, v. 3.
- Sousa, A. (2017). *Educação Pela Arte e Artes na Educação: Drama e Dança*. Lisboa: Edições Piaget, v. 2.
- Sousa, A. (2019). *Educação Pela Arte e Artes na Educação: Músicas e Artes Plásticas*. Lisboa: Edições Piaget, v. 3.
- Sousa, A. (2020). A importância dos materiais lúdicos, sobretudo dos jogos, no dia-adia das crianças em idade pré-escolar (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Santarém, Portugal.
- Sousa, R., & Tagarro, M. (2020). A importância do uso de materiais lúdicos e jogos na educação de infância. Edição Temática: Ciências Sociais e Humanas. Revista da UI_IPSantarém, 8(2), p.129-143.
- Steyer, S. (2015). As TIC na Educação Infantil: contribuições do Facebook para a aprendizagem e para a integração família e escola (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Portugal.
- Stramann, R. (2011). Exploração do mundo através de experiências elementares de movimento. Universidade Técnica de Braunschweig. Alemanha: Maringá, v. 22, n. 4, p. 487-496, 4.

- Viridis, R. (2021). Desenvolvimento do Pensamento Crítico e Criativo nas aulas de Português Língua Materna e de Espanhol Língua Estrangeira (Dissertação de Mestrado). Universidade do Porto, Portugal.
- Vygotsky, L. (2009). *A imaginação e a arte na infância* (M. S. Pereira, Trad.). Lisboa: Relógio D'Água Editores. (Obra original publicada em 1930)
- Vygotsky, L. (2012). *Imaginação E Criatividade Na Infância* (J. P. Fróis, Trad.). Lisboa: Dinalivro. (Obra original publicada em 1930)
- Wajskop, G. (1995). O brincar na educação infantil. São Paulo, nº 92, p. 62-69.
- Wechsler, S., Nakano, T. (2006). O percurso da criatividade figural do ensino médio ao ensino superior. *Boletim de Psicologia*, v. LVI, nº 125, p. 205-219.
- Zero a Oito. (2020). *Esta História (Também) é Tua*. Lisboa: Zero a Oito.

Anexos

Anexo A - Planificações das atividades realizadas em contexto de estágio

Tabela 1 Atividade história da estrelinha

Planificação da 2ª Semana de Intervenção				
Dia 17 de dezembro – Duração 15/20 min				
“A história da Estrelinha”				
Áreas /Domínios	Objetivos	Estratégias / Atividade	Recursos	Avaliação
Expressão e Comunicação -Domínio da Educação Artística --Subdomínio da Dramatização	-Desenvolver o vocabulário e aquisição de palavras novas; -Apreciar diferentes manifestações de arte dramática, a partir da observação de várias modalidades teatrais, ao vivo ou em suporte digital, verbalizando a sua opinião e leitura crítica; -Utilizar e recriar o espaço e os objetos, atribuindo-lhes significados múltiplos em atividades de faz-de-conta, situações imaginárias e de recriação de experiências do quotidiano, individualmente e com outros.	Na hora da maninha a estagiária aproveita e conta a história que realizou em casa, desde a história em si, da montagem das imagens, à produção dos bonecos 3D alusivos às personagens. Dá seguimento da história para a atividade seguinte, sendo a história um ponto introdutório do que vão fazer na próxima atividade.	Recursos Humanos: Educadora; Auxiliar; Estagiária; Crianças. Recursos Materiais feitos em casa: Computador; Impressora; Feltro.	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo fotográfico.

Tabela 2 Atividade da estrelinha

Planificação da 2ª Semana de Intervenção				
Dia 17 e 18 de dezembro – Duração 15/20 min				
“A Estrelinha”				
Áreas /Domínios	Objetivos	Estratégias / Atividade	Recursos	Avaliação
<p>Expressão e Comunicação</p> <p>-Domínio da Educação Artística</p> <p>--Subdomínio das Artes Visuais</p>	<p>- Desenvolver o vocabulário e aquisição de palavras novas;</p> <p>-Desenvolver a motricidade fina e coordenação óculo motora;</p> <p>-Desenvolver a imaginação e concentração;</p> <p>-Identificação da estrela de natal.</p>	<p>- Juntar em grande grupo;</p> <p>- Contar uma pequena história inventada pelas estagiárias;</p> <p>- Cantar a canção da estrelinha;</p> <p>- Mostrar a Estrela feita em cartão (o molde);</p> <p>- A estagiária leva 2 a 3 crianças para a mesa de trabalho previamente organizada e exemplifica como se procede a atividade;</p> <p>- Disponibilizar a Estrela em molde, os balões e tinta dourada.</p> <p>-Para finalizar as crianças metem glitter dourado em cima da estrela.</p> <p>-Ao longo da atividade a estagiária deve comunicar com as crianças estabelecendo laços e desenvolvendo o vocabulário das crianças.</p>	<p>Recursos Humanos: Educadora; Auxiliar; Estagiária; Crianças.</p> <p>Recursos Materiais: Balões; Tintas; Carimbos; Glitter; Molde de Estrela; Rádio.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo fotográfico.

Tabela 3 atividade “Caixinha mágica das sensações”

Planificação da 4ª Semana de Intervenção				
Dia 17 de janeiro – Duração 30 min				
“Caixinha mágica das sensações”				
Áreas /Domínios	Objetivos	Estratégias / Atividade	Recursos	Avaliação
Formação Pessoal e Social Expressão e Comunicação Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o vocabulário e aquisição de palavras novas; -Desenvolver a coordenação óculo motora; -Desenvolver a imaginação e concentração; -Desenvolver a socialização; -Promover a interação entre pares/grupo; -Desenvolver a motricidade global; -Desenvolver a coordenação motora. 	<ul style="list-style-type: none"> - Levar as crianças até à caixa e mostrar-lhes o que tem por dentro e por fora para que se sintam confortáveis e confiantes. - Incitar passagem das crianças pelo túnel. - Dar motivação às crianças. 	<p>Recursos Humanos: Educadora; Auxiliar; Estagiária; Crianças.</p> <p>Recursos Materiais: Tapete de relva sintético; Limpadores de cachimbo; Luzes a pilhas; Plástico; Guizos; Cortina de fitas; Letras do Alfabeto; Caixas de Cartão;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo fotográfico.

Tabela 4 atividade “Tapete mágico das sensações”

Planificação da 4ª Semana de Intervenção				
Dia 17 de janeiro – Duração 30 min				
“Tapete mágico das sensações”				
Áreas /Domínios	Objetivos	Estratégias / Atividade	Recursos	Avaliação
Formação Pessoal e Social Expressão e Comunicação Conhecimento do Mundo	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver o vocabulário e aquisição de palavras novas; -Desenvolver a coordenação óculo motora; -Desenvolver a imaginação e concentração; -Desenvolver a socialização; -Promover a interação entre pares/grupo; -Desenvolver a motricidade global; -Desenvolver a coordenação motora. 	<ul style="list-style-type: none"> - Levar as crianças até ao tapete e mostrar-lhes o que tem para que se sintam confortáveis e confiantes. - Incitar a passagem das crianças pelo tapete com os pés ou mãos. - Dar motivação às crianças. 	<p>Recursos Humanos: Educatora; Auxiliar; Estagiária; Crianças.</p> <p>Recursos Materiais: Massas; Plástico; Algodão; Folha de cortiça; Esponjas; Esfregões; Caixas de ovos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo fotográfico.

Tabela 5 atividade “O nosso museu e a nossa arte”

PLANIFICAÇÃO DE ATIVIDADES		TURMA: Sala 1
<i>Semana de 7 a 8 de Jan</i>	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	APRENDIZAGENS A PROMOVER
7-1-2021	<p>“O nosso museu e a nossa arte”</p> <p>“O Melro Artista” de Marion Deuchars.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura da História “O Melro Artista”; <p>Sinopse:</p> <p>O Melro é igual a todos os outros melros com uma particularidade: as suas pernas magrinhas. Decide, então, fazer algumas mudanças. Começa por fazer exercício e mudar a alimentação, mas as suas pernas continuam iguais. Uma visita a um museu de arte, inspira-o a pintar o bico alternando entre vários estilos de diferentes artistas (Pollock, Matisse, etc). E assim nasceu o Melro Artista. Os seus amigos admiram agora o seu novo bico e já não fazem troça das suas pernas magrinhas. Um livro recomendado para crianças a partir dos 3 anos, sobre o poder da arte e a autoconfiança.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Após a leitura do livro e de um breve debate sobre o mesmo procede-se às seguintes perguntas: • Para vocês o que é um artista? • Artistas são só pintores? Que tipos de artistas há? (ex: pintor, escultor, músico, etc.) 	<ul style="list-style-type: none"> - Promoção da Imaginação e Criatividade; - Desenvolvimento da confiança e autoestima; - Promoção da expressão artística plástica; - Promoção da aquisição de novos conhecimentos; Promoção da aquisição de novo vocabulário;

	<ul style="list-style-type: none">• Sabem o que é uma obra de arte?• Que tipos de obras de artes existem? (ex: pinturas, esculturas, construções, etc)• Onde podemos encontrar obras de arte? (ex: Museu)• Já visitaram algum museu/galeria de arte? Qual? Sobre? Como foi?• O que acham de criarmos a nossa obra de arte no nosso museu? (sala)• O que acham das pinturas dos artistas falados na história?	
--	---	--

Tabela 6 atividade “Eu gosto do meu bico porque...”

PLANIFICAÇÃO DE ATIVIDADES		TURMA: Sala 1
Semana de 7 a 8 de Jan	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	APRENDIZAGENS A PROMOVER
8-1-2021	<p>“Eu gosto do meu bico porque...”</p> <p>“O Melro Artista” de Marion Deuchars.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Lembrar a História “O Melro Artista”; • No diálogo com as crianças sobre a história a estagiária mostra copos de cartão e faz as seguintes questões: <ul style="list-style-type: none"> - Para que servem os copos? - Acham que podemos fazer de um copo o nosso bico? • Terminando a partilha de ideias, a estagiária procede para a atividade; • Dá-se um copo a cada criança e esta procede para o seu lugar, aproveitando para ir buscar as suas canetas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Promoção da Imaginação e Criatividade; - Desenvolvimento da confiança e autoestima; - Promoção da expressão artística plástica; - Promoção da aquisição de novos conhecimentos; - Promoção da aquisição de novo vocabulário;

	<ul style="list-style-type: none">• Com o copo no lugar e as canetas as crianças vão proceder à pintura do copo, de acordo com as pinturas da história;• Após o término de enfeitarem os seus copos, a estagiária coloca um elástico no copo, que fará com que este seja o bico de cada criança, tal como o corvo, que muda de bico todos os dias, com padrões diferentes; <p>Para praticar momentos de autoconfiança e autoestima, a estagiária prossegue para o cantinho do tapete com as crianças e uma a uma vai mostrar o seu bico aos colegas e dizer ao grupo o que gosta mais do seu bico/ do que fez.</p>	
--	---	--

Tabela 7 atividade “Esta história também é tua”

PLANIFICAÇÃO DE ATIVIDADES TURMA: Sala 1		
Semana de 14 a 15 de Jan	ATIVIDADES/ESTRATÉGIAS	APRENDIZAGENS A PROMOVER
15-1-2021	<p>“ESTA HISTÓRIA (TAMBÉM) É TUA “</p> <p>Sinopse: Será que as imagens valem mais que mil palavras? Ou que quem conta um conto acrescenta sempre um ponto? Nestas páginas, o leitor não acrescenta só um ponto, como todas as letras, palavras e pontuação! E assim pode ser que de dentro delas saia magia. Um livro em que o leitor embarca na aventura de ser o próprio autor na descoberta da magia dos livros.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A estagiária junta o grupo no cantinho do tapete e procede para a explicação do momento que se vai passar; • As crianças inventam a própria história a partir das imagens do livro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Promoção da Imaginação e Criatividade; - Desenvolvimento da confiança e autoestima; - Promover a comunicação.

Interpretação das Crianças:

Nome da personagem principal: Mana Matilde

Resumo:

Era uma vez uma menina que parecia estar muito triste o mundo estava muito cinzento. O parque infantil estava todo partido, a cidade toda destruída.

Ao passear, a Mana Matilde, viu uma coisa azul que lhe chamou à atenção e ela foi-se aproximando, até chamou os seus amigos. Ao chegarem cada vez mais perto a Mana Matilde mete a mão no cubo azul e aquilo abre! Estava cheio de livros, de todos os gostos, feitios e cores. Todos os meninos da cidade foram buscar um livro e foram ler para o parque, e assim o mundo ficou cheio de cor e o parque mais bonito.

Anexo B – Guião das entrevistas

Guião de Entrevista

Tema: Imaginação e criatividade na infância.

Objetivos:

- Identificar saberes e competências do entrevistado na área de investigação;
- Perceber de que forma aplica os seus saberes e competências;
- Compreender de que forma a experiência e a reflexão são determinantes para a aquisição de saberes e competências e para as suas futuras intervenções;
- Procurar identificar os objetivos do seu trabalho;
- Conhecer em que consistem a imaginação e criatividade no pré-escolar;
- Entender quais as estratégias de promoção da imaginação e criatividade;
- Procurar saber a importância do papel do entrevistado na promoção da imaginação e criatividade.

Blocos	Objetivos	Questões Orientadoras	Indicadores
<p>A</p> <p>- Legitimação da entrevista.</p> <p>- Questões éticas.</p>	<p>- Explicar os objetivos da entrevista.</p> <p>- Assegurar o anonimato e a confidencialidade da entrevista.</p> <p>- Solicitar autorização para a gravação da entrevista.</p>		<p>- Apresentar-me com:</p> <p>- Nome;</p> <p>- Instituto e Mestrado a frequentar;</p> <p>- Informações alusivas ao tema da entrevista (tese);</p> <p>- Confidencialidade da entrevista;</p> <p>- Agradecimentos pela presença do entrevistado.</p>
<p>B</p> <p>- Caracterização do entrevistado.</p>	<p>- Recolher informação sobre a formação e habilitações.</p>	<p>1. Qual a sua formação académica/profissional?</p> <p>2. O que o/a motivou a seguir esta área?</p> <p>3. Quantos anos de carreira possui?</p>	

		<p>4. Há quanto tempo está neste/a projeto/instituição?</p> <p>5. Fazendo uma retrospectiva da sua vida em termos profissionais, que momentos e experiências mais importantes destaca?</p>	<p>- Fale-me um pouco do seu percurso de vida, carreira que a/o levou a chegar até aqui.</p>
<p>C</p> <p>- Imaginação e Criatividade.</p>	<p>- Perceber o que entende por imaginação e criatividade.</p>	<p>6. Com o conhecimento e prática da sua carreira o que é para si a imaginação e a criatividade?</p> <p>7. Que tipos diferentes de criatividade identifica?</p>	<p>- Baseia-se em alguém, algum autor, pedagogo para a fundamentar a sua opinião sobre este tema?</p> <p>- Se sim, qual?</p>
<p>D</p> <p>- Imaginação e Criatividade no pré-escolar e no projeto pedagógico.</p>	<p>- Entender de que modo o entrevistado faz a ligação do seu conhecimento para a prática.</p>	<p>8. O que é que a sua instituição promove para o desenvolvimento saudável da imaginação e criatividade na infância?</p> <p>9. O quão importante é para si promover a imaginação e criatividade nas crianças?</p> <p>10. que estratégias utiliza para promover a imaginação e criatividade nas crianças?</p> <p>11. Quando está a elaborar o projeto pedagógico da sala/espço que “coordena” tem em conta atividades livres que estimulem a imaginação e criatividade?</p> <p>12. Quais foram as suas melhores atividades que considera que já fez para</p>	<p>- Quais as finalidades?</p> <p>- Quais os objetivos?</p> <p>- Porquê?</p> <p>- Tem alguma estratégia preferida?</p> <p>- Porquê?</p> <p>- Tem algum momento espontâneo que se</p>

		<p>estimular a imaginação e criatividade?</p> <p>13. De que modo as suas experiências/vivências influenciam o seu trabalho na promoção da ICI?</p>	<p>recorde de algum grupo/criança em particular?</p>
<p>E</p> <p>Questões pessoais/profissionais finais</p>	<p>- Procurar conhecer o entrevistado na sua profissão.</p>	<p>14. O quão importante é o seu papel na promoção da imaginação e criatividade na vida destas crianças?</p> <p>15. Se pudesse mudaria alguma coisa no ramo da educação?</p>	<p>- Porquê?</p> <p>- Porquê?</p>
<p>F</p> <p>Questões finais</p>	<p>- Questionar o entrevistado no sentido de saber se pretende colocar questões.</p>		
<p>G</p> <p>Agradecimentos e validação da entrevista</p>	<p>- Agradecer a colaboração</p>		
<p>Observações</p> <p>Outras questões a efetuar dependem de cada entrevistado e da condução da entrevista, dado que cada percurso de vida é singular e particular, bem como os objetivos de cada instituição/projeto.</p>			

Anexo C – Transcrição das Entrevistas

Legenda das categorias:

Caracterização da entrevistada

Formação

Carreira

Imaginação

Criatividade

Estratégias

Modelo/Estudos

Opiniões

Caracterização das crianças

Fatores sociais/familiares

Caracterização/organização da Instituição

Papel do Entrevistado

Exploração do Mundo /autonomia

Barreiras à criatividade

Importância da promoção da imaginação e Criatividade

Transcrição da entrevista – Entrevistada A

Tempo de duração da entrevista: 01:43:33

1. Qual a sua formação académica/profissional?

Ora bem, no meu tempo era completamente diferente, não é? Eu fui há 27 anos. Portanto eu na altura era bacharelato, nós nem tínhamos licenciatura e eu fiz o bacharelato em educação de infância e depois fui tirar uma licenciatura no ISPA em reabilitação, tanto complementou aqui um bocadinho esta minha área, pois não sabia o que é que me ia aparecer no futuro. Fiz 3 anos de licenciatura no ISPA, fiquei com uma licenciatura e depois toda esta experiência que nos completa, não é? Portanto ficámos

com aquela... Uma das grandes diferenças do nosso curso é que era muito mais prático, o vosso realmente é mais teórico e eu percebo que vocês, que queiram, não saibam bem se querem estar como educadoras ou como professoras primárias, que no fundo tenham um curso mais abrangente e que depois possam decidir faz muito sentido, mas... ahh, mas acho que às vezes vocês são muito teóricas... aparecem aqui muitas estagiárias com um caderninho na mão a tirar notas... é assim, não! Bora lá, mãos na massa as notas tiram-se no fim, é um estágio de observação, mas um estágio de observação é quando estamos envolvidos na sala, não é? Como é obvio, se não estamos a perder tempo literalmente, se vocês já têm tão pouco tempo de prática, é uma pena chegarem-me aqui miúdas... é o que eu digo, explorem, aproveitem, divirtam-se, invistam, ahh arrisquem, vocês estão cá para isso, depois no final falamos e tirem as notas que quiserem... agora sentar-se numa cadeira... quer dizer para mim não faz qualquer tipo de sentido, mas pronto, mas eu acho que isso até é também aqui um bocadinho aquilo que as faculdades passam e elas seguem à risca também aquilo que as faculdades lhes pedem, ou depende também depois das orientadoras, quer dizer... Tem-se tempo para observar enquanto se está envolvido, observar só, é pouco. Não é agora na minha situação como é evidente, eu ainda hoje observo muito, porque eu aprendo muito a vê-los brincar, aprende-se muito, é de uma riqueza incrível... ahhh e conseguimos chegar muito mais às crianças depois de as observarmos, faz sentido, mas vocês enquanto estagiárias, enquanto estudantes... ahhh e tendo esse pouco tempo de estágio acho que.... Agora no seu caso é completamente diferente porque já vem com a prática do seu curso profissional, agora imagine uma aluna que venha do ensino regular, que é o que acontece a maior parte delas, porque maior parte delas... temos que pensar que são muitas alunas que vêm do 12º sem qualquer tipo de experiência... nós fazíamos uma coisa na minha altura, que fazia tanto sentido, porque é assim, crianças toda a gente gosta, não é? Mas uma coisa é gostar de crianças, um ou dois, outra coisa é estar numa sala com 20 ou 15 crianças, e nós tínhamos... era um estágio obrigatório, fazia todo o sentido, em setembro antes de começar o curso e as inscrições nós tínhamos 15 dias chamados de estágio probatório, ou seja, colocávamos numa instituição... os primeiros 15 dias de setembro era logo a adaptação, era brutal, aquilo era um choque, incrível... portanto haviam lá pessoas que não continuavam, ficavam por ali, já não seguiam, não é?! Era uma prática utilizada espetacular... Isto era antes da licenciatura, era obrigatório e muitas ficavam pelo caminho porque adoravam crianças, mas não era numa sala assim. Aquilo era mesmo tratamento de choque, aquilo percebia-se logo quem é que era vocacionado para aquilo ou não, era muito engraçado... ahhh a mim fazia-me muito sentido. As coisas mudaram claro, há coisas que se retiraram e renovaram, mas aquilo era muito importante.

2. O que o/a motivou a seguir esta área?

É assim, eu sempre tive um fascínio pela primeira infância, acho... acho que estes anos são cruciais para o desenvolvimento da crianças, e tive a sorte de vir parar a um projeto que é a casa da árvore, e comecei... estou aqui desde o princípio, a casa ainda estava em obras e eu fui convidada para vir para cá para a casa da árvore... há 27 anos e então isto começou com um projeto muito pequenino e nós... as fundadoras da escola trouxeram uma ideia dos estados unidos, portanto elas tinham vivido nos estados unidos, e fez o playgrupo... no fundo o que era isto?... isto é viável porque é aqui num bairro no restelo, classe alta, média alta – alta, portanto eram pais ou mães que não trabalhavam, ou que tinham empregada e podiam vir a pé... isto é um bairrinho que casas, não é? De moradias... ahhh e que podiam vir trazer as crianças a pé à escola, então as crianças vinham nós não tínhamos o dia todo, só tínhamos as manhãs e eles vinham duas, três, quatro ou cinco manhãs, portanto, no fundo para valorizar o que é mais importante desta escola... brincar! Que é a chave para tudo, não é? Portanto nós começamos por aí, porque o que é importante nestas idades é brincar, também saber socializar, mas no início o saber brincar, porque estas crianças não sabiam brincar, estavam completamente dependentes do adulto, portanto começamos por a... manhãs, três, quatro... nos dois, três anos de idade, depois os pais começaram a pedir mais A e depois à parte tínhamos atividades extra curriculares, tínhamos o mini ginásio, karaté, balé, música, inglês, porque na altura não era curricular nas escolas.. ahh, portanto, no fundo, de manhã os mais pequeninos e à tarde os mais crescidos, que eram os meninos aqui da escola da torre. A escola começou a crescer e, entretanto, os pais começaram a sentir a necessidade de também... de eles ficarem o dia todo e fizemos.... Ahhh portanto, isto com o passar dos anos, não é? A escola foi crescendo, tanto que começaram também a aparecer coisas novas nas escolas... o inglês começou a aparecer na escola, portanto fomos retirando essas coisas e entretanto conseguimos ficar com a casa do lado, tivemos imensa sorte, ficámos com duas casas germinadas, em que uma era creche e a outra era um playgroup, portanto tínhamos duas salas de playgroup obviamente e tínhamos três salas de creche, exceto o berçário, não tínhamos berçário. entretanto, a escola começou a crescer, a ter muita procura, os pais a quererem mais, a torre a crescer mais também, a quererem mais instalações, porque já estavam em instalações mais antiquadas, nós também queríamos instalações... mais espaço exterior, não é? E queríamos mais, e então juntámos as duas escolas, que são escolas diferentes, a torre é uma cooperativa, a casa da árvore é privada, são instituições diferentes e separadas, trabalham em separado... ahh e nós mudámos para

aqui aqui temos 7 salas e abrimos o berçário... então temos uma sala de berçário, três salas de 1 ano e três salas de 2 anos... pronto... ahhh e entretanto, nos últimos anos estive só com playgroup... Entretanto agora saí completamente, agora sou coordenadora já há muitos anos e estou só a coordenar ... quando a escola era muito pequenina dava para conciliar ser educadora e coordenadora, porque eram 3 salas, aqui agora são 7, portanto... ah depois o trabalho não é honesto, não é? Porque não dá para tudo... mas tive sempre no direto que é o que me faz muito sentido, no fundo quando mostro a escola, quando recebo os pais e quando explico o que é que é realmente o projeto, eu estou completamente por dentro porque já estive muitos anos, não sei dizer, sei lá, 20?! Sempre com bebés, sempre com a primeira infância para mim. No curso tive a sorte de estagiar em todas as faixas etárias, desde berçário até jardim de infância e sempre foi o que me fascinou foi a primeira infância... não o berçário, mas a parte de 1, 2 anos é me move... então os dois, é o reboliço, a parte das birras, a afirmação, a negação, começar a falar... é um fascínio é um fascínio para mim...é assim fascinante mesmo.

3. Quantos anos de carreira possui?

São os 27, eu acabei o curso e vim trabalhar para aqui, exatamente, exatamente.

questão pessoal de como ingressou no mercado de trabalho.

É assim, no meu tempo à 27 anos atrás nós escolhíamos os sítios onde queríamos trabalhar, não tem nada a ver, o mercado de trabalho era muito maior, tive muitos convites não é, pronto e eu lembro-me na altura, é engraçado, nós fazíamos jantares de curso e estávamos todas a exercer, todas, nós éramos umas 30 e estava toda a gente a trabalhar, e escolhíamos, passávamos ali, passado dois anos já íamos para outra, as pessoas escolhiam, ah havia mesmo mercado de trabalho, aliás eu estou mais a falar no ensino privado, eu nunca quis ir para o público, o público não me fascina nada tem muitas coisas com as quais eu não me identifico, por isso eu gosto muito do privado e dou-me muito bem aqui, sou muito feliz aqui, venho trabalhar muito feliz todos os dias, que é isso que me completa e agradeço diariamente, sem sombra de dúvida. Eu lembro-me na altura nós tínhamos a parte do ginásio e dos mais crescidos, portanto eu fazia um horário completamente diferente das minhas colegas... quer dizer estava em casa dos meus pais, não era casada, tinha vinte e poucos anos, portanto quero lá saber... e então eu fazia das 9h às 13h e das 16h às 19h, porque depois apanhava o final do dia e as minhas colegas: “ mas porra como é que é possível, saís às sete da tarde, estás

louca?”, **mas eu estou a investir num projeto que sei que tem pernas para andar, não é?... uma coisa onde eu vou mesmo investir, portanto, ahhh ahh a mim faz-me todo o sentido, e fez...** Era completamente diferente de vocês hoje em dia, não tem nada a ver. Nós até escolhíamos um bocadinho o tipo de modelos de ensino que as escolas utilizavam a ver se nos identificávamos ou não, **porque no fundo eu acho que a própria faculdade onde estamos a estudar influencia-nos muito,** é evidente, portanto de você estiver a estudar João de Deus, claro que você vai ser formatada para aquilo, faz todo o sentido. **Eu na altura era a Maria Ulrich e eles eram muito por esta liberdade, autonomia, criatividade, pronto era muito a base.** e a pessoa vai muito naquilo, as minhas colegas na altura, eu lembro-me perfeitamente de estar em escolas com modelos muito estereotipados e elas: “mas como assim funciona tudo em carreirinho, muito igual”... isso muda, quer dizer... e nós falávamos muito entre jantares de curso com as colegas sobre isto, **porque era realmente fácil arranjar, e condições de trabalho, que eu acho que isto é essencial, para mim é assim... é assim claro que em toda a parte é evidente, mas eu acho que só quem está por dentro, é que você sabe o que estou a dizer, percebe que trabalhar nesta área sem condições é um desgaste, é uma coisa... desmoraliza muito mesmo, muito...** **Sabe eu tenho 52 anos,** portanto todos os pais que tenho aqui são mais novos... ahh por isso é completamente diferente, já não me surpreende digamos assim, estamos cá para eles como é óbvio mas já tenho um traquejo disto, eles é que me vêm pedir ajuda, não é, e muitos tem que ser também ensinados, porque... ahhh... ainda bem que isto não está nos livros do que é que é ser mãe e o que é que é ser pai, graças a deus isto é que é o nosso desafio, eu também sou mãe, **mas realmente cabe-nos muito a nós também investir muito** e é uma coisa de a casa da árvore sempre fez... para já conheço todas as escolas aqui da zona, vou, apresento-me, conheço, digo que sou educadora daqui, **gosto de conhecer tudo o que está à volta,** para aprender também, para encaminhar os pais, nós temos uma lista de espera gigante.... nós só temos 85 famílias.

Tem de ser vocês miúdas novas, você que idade tem?... **tem que ser miúdas novas como você, com esse espírito, que entrar nos sítios e está feito e a pessoa adapta-se e cala-se... não, vocês têm que vir com coisas novas** e já ontem recebi aqui uma rapariga nova e também estava fascinada a dizer: “mas isto é tudo aquilo que eu acredito”, e eu disse:” olhe ótimo, na sua zona não há nenhuma escola assim? Olhe aproveite, tá feito, tá feito, se for a diferença com qualidade e de coração a coisa flui, não há dúvida nenhuma”, e, portanto, na casa da árvore nós temos pais a ligar-nos do estrangeiro, mesmo porque nos conhecem e querem vir para cá viver e colocar os filhos, só que nós se tivéssemos outras condições isto enchia novamente.

Pois era aqui que eu também queria chegar com a minha conversa...há muitos pais que hoje em dia nos chegam aqui, quer dizer eu acho que a casa da árvore já tem um nome que quando as pessoas vêm para cá já sabem para o que é que vêm, mas há outras que não sabem, aliás este ano tive uma situação dessa e tive que chamar os pais, mas... portanto maior parte das pessoas já sabem para o que vêm e é mesmo isto que faz sentido, é mesmo isto em que acreditam e acho que as pessoas já pesquisam alguma coisa e já percebem minimamente... ah e... e ... investem na primeira infância, pagam bem não é, porque a escola paga-se bem... ahhh e investem bem e acreditam que é isto que faz sentido e faz a diferença, o que nos facilita muito o trabalho, mas há sempre um ou outro que dizem que isto até é bonito, claro então, qual é que é a pessoa que chega aqui e não gosta disto? Isto é lindo não é, mas é o que eu digo sempre oiçam o espaço é lindo, mas **a mim o que me faz sentido é a forma como as pessoas que estão aqui convivem com eles,** vocês quando vão ver outras escolas, que eu aconselho sempre também , vejam como é que as pessoas estão, como é que as crianças estão, se vai para casa e não está ninguém a chorar... mas eles choram, eles também choram atenção.. pronto é um bocadinho isto não é, mas isso que estava a dizer dos pais dizerem para não ir lá para fora porque está frio também nos acontece, só que nós temos uma primeira entrevista... **o primeiro contacto à escola é uma entrevista ao pais, não é, para vir conhecer a escola e o projeto... eu normalmente, ao principio sentava-me, agora não, eu vou andando, eles vão ouvindo, vão perguntando... faz muito mais sentido, no fundo ali o direto, aquela sensação mesmo do que é estar com eles, de assistir, viver mesmo o momento enquanto estamos a conversar, para os pais faz muito bem e muito mais sentido,** porque nunca entraram numa escola, não é, pronto a maior parte deles são pais de primeira viagem e nunca entraram aqui, portanto vivenciar tudo isto faz mais sentido aos pais... ahhh... e esses pais quando vêm com essas conversas eu digo logo que é isto é aquilo que nós acreditamos, nós fundamentamos, é evidente porque é que isto nos faz sentido desta maneira... ah realmente as crianças, maior parte delas vivem em apartamentos, **o contacto com a rua, a natureza é o melhor que há não só para as doenças mas para todo o desenvolvimento das crianças como é óbvio,** portanto nós damos as duas oportunidades, eles tanto podem estar no interior como o exterior, pronto, e é rotativo, é completamente rotativo mais tempo na rua, então **agora com a situação do covid mais ainda** e a isto também nos ajudou muito a situação do covid, os pais perceberam finalmente o quanto é **importante estar na rua, que é o que nós dizemos, oiça tá frio veste um casaco,** não é, o problema é eles estarem a espirrar e a tossir para cima uns dos outros, se a criança está constipada e não deve ir para a rua, se calhar está constipada e não deve vir para a escola.. eu não vou dizer a uma criança que está constipada que não deve vir para a escola, mas vai espirrar lá

para fora, e as nossas salas, as janelas estão sempre um bocadinho abertas, sempre, mesmo quando estão a dormir a sesta, é evidente o ar tem que circular, mesmo os nossos bebés de berçário, aliás chegam de manhã e já estiveram na rua muitas vezes o berçário não vão tanto quanto gostaríamos pelas rotinas deles, pelos horários que são completamente diferentes e às vezes só vão dois e outros três estão a dormir, não é, portanto... mas pronto é muito isto não é, e as pessoas perceberem realmente o quanto é importante, e depois tudo isto é passado aos pais e os pais.. e depois faz-lhes sentido... a criança suja-se, a criança troca, por isso é que tem um saco de roupa, a criança troca os sapatos, claro que troca... autonomia, desde que estejam escritos que é o que nós pedimos aos pais, no dia seguinte volta tudo ao mesmo, os casacos, as mochilas, tudo isso é normal, faz parte, crescer é isso mesmo... é como comerem sozinhos e sujarem-se e metem as mão e não sei o quê, claro eles têm que experimentar... pintar com as mãos, claro que têm que pintar com as mãos... há crianças que nem gostam de se sujar meu deus, uma criança com um ano e meio não gosta de se sujar, meu deus, estamos cá nós para isso, para os ajudar a ultrapassar as suas barreiras e promover-lhes um ambiente antistress, de aprendizagens livres e espontâneas como assim é a exploração, dar-lhes oportunidade de serem criativos á sua maneira, de trabalharem a sua criatividade, autonomia a seu tempo. Lá está, agora, tudo demora o seu tempo, o respeito pela criança e a observação, que realmente é muito importante, mas isso estamos cá nós, nós temos, a equipa é sempre duas pessoas por sala e depois temos sempre estagiárias, temos uma miúda extra que está sempre numa das salas, pronto uma miúda com algumas dificuldades e nós acolhemo-la, e depois temos também uma auxiliar polivalente que ajuda também cá fora, como no berçário. Somos muito abertas a receber estagiárias, eu então sou... é assim já foi à alguns anos mas eu também não me esqueço dos meus tempos.

4. Há quanto tempo está neste/a projeto/instituição?

Há 27 anos, como já falámos.

5. Fazendo uma retrospectiva da sua vida em termos profissionais, que momentos e experiências mais importantes destaca?

Eu destaco vários momentos e até mesmo desde pequenina, porque isto foi sempre o que quis ser, tive muita sorte, sempre soube ao certo o que queria, não é... os miúdos hoje em dia têm muita dificuldade porque eu acho também que as escolhas são muito maiores, não é, não tem nada a ver os cursos que havia no eu tempo com os cursos

que há agora, há cursos que eu nem faço a mínima ideia que existem. **Eu sempre soube que queria esta área de crianças com psicologia pelo meio, por isso é que depois fui tirar reabilitação,** mas no fundo psicologia trabalho todos os dias com estes pais e com estas crianças. **tenho que estar sempre por dentro, estou sempre a aprender, a pesquisar, procurar informações, uma pessoa não pode parar, temos de nos ir atualizando...** agora quando soube que era isto... desde sempre, mas desde sempre mesmo.

É assim é muito importante mas também custa dinheiro não é, e eu percebo que as escolas às vezes não consigam, **nós temos também um psicólogo que nós gostamos muito, ele também é professor do ISPA e que às vezes, imagine, queremos fazer uma formação na área e contactamos, ele estuda aquilo e estuda o projeto, planeia e que faz-nos ele a própria formação e outras vezes fora, claro** ahhhh... por exemplo **em literatura infantil que é uma área que me fascina imenso, nós temos três professores extras, que também deve estar aí no projeto quando leu, que vêm à escola. Não há tantas formações como eu gostaria ou com a qualidade que espero, quer dizer eu se calhar também já sou um bocadinho mais exigente porque também tenho outra experiência, não é, mas também é preciso perceber isso, se vão fazer uma formação para uma aluna que acabou agora o curso ou para uma pessoa que já trabalha na área há vários anos, é completamente diferente... mas pronto estou sempre dentro, a pesquisar e sempre a ver.**

6. Com o conhecimento e prática da sua carreira o que é para si a imaginação e a criatividade?

Bem, é assim, **criatividade é diária, não é... e quando nós pensamos em criatividade nestes bebés, é deixá-los ir e deixá-los voar, portanto o que é que nós fazemos, a nossa planificação, nós temos perguntas qual o modelo que trabalhamos, nós não temos modelo, isto é primeira infância, nós estamos por dentro dos vários modelos que existem e depois vamos buscar um bocadinho a um, um bocadinho a outro, que é o que nos faz sentido a nós Casa da Árvore e vamos adaptando. Quando nós pensamos em criatividade é deixá-los,** ou seja, eu não posso pensar, só que há coisas que me faz muita confusão, as pessoas às vezes têm dificuldade em perceber que bebés de 1 ano e bebés de berçário, dá trabalho, o que é isso de dá trabalho? Eu não sei o que é isso, o que é que é o dá trabalho? É assim se a pessoa faz de coração e se realmente é isto que quer, não dá trabalho, dá prazer, são coisas diferentes, pronto, portanto eu não posso pensar que tenho um bebé de um ano que vai pintar dentro de uma folha deste tamanhinho, na linha, em que chega ao natal dão os pais natais para pintar... **portanto para nós criatividade é deixá-los descobrir e explorar à maneira deles, temos sempre**

as nossas atividades plásticas pensadas para estas idades... pintar com as mãos que é fundamental, que era aquilo que estávamos a dizer, o contacto com muitos materiais, muita natureza, muito o trabalho das sensações, dos sentidos que é fundamental nestas idades e a todas as nossas faixas etárias... ahh e depois é perceber, é assim não temos 5 crianças de 1 ano a pintar, temos duas, temos um bibe daqueles do IKEA para se sujarem à vontade e depois deixamo-los explorar à vontade, e depois o que fazemos é dar folhas muito grandes para que eles possam pintar, até fora da folha se for preciso.. ahhh e depois materiais à descrição que eles usam ou não, dependendo da sua vontade, imagine, desde esponjas e até podem querer pintar só com as esponjas, ou até podem querer pintar só com as mãos e depois é deixá-los voar, e é isto a criatividade cada vez mais, é evidente, portanto é deixá-los ir... agora nada estereotipado, tintas à descrição, eles escolhem, tenho crianças que num dia nem querem pintar como é óbvio, outros nem gostam de pintar, outros nem conseguem esperar e há outros que querem pintar duas vezes.

Baseia-se em alguém, algum autor, pedagogo para a fundamentar a sua opinião sobre este tema?

É mais na nossa experiência sem sombra de dúvida, como disse a criatividade não é sempre emergente, não há sempre a necessidade de fazer disto o nosso dia a dia, então vamos pela nossa experiência, pela vontade das crianças, sem sombra de dúvida, é uma coisa que tem que ser respeitada todos os dias, que é o tempo que cada criança, e eu tenho que ter a sensibilidade e o cuidado de perceber se há uma criança, imagine, que está a fazer uma construção, uns leggos, um brincar, não sei o quê, claro que ele não quer vir pintar... eu ofereço, não é, mas ele, às vezes nem chegamos a oferecer, ele... é tão importante a observação e perceber que eu não vou tirar aquela criança daquele momento em que ele está em pleno, está completamente envolvido, para vir pintar... amanhã pinta ou faz a atividade proposta, quer dizer, temos que ter esta sensibilidade não é, e perceber... isto não é trabalho para mostrar aos pais, isto é para ser vivido por eles (crianças), há bebés, nós temos bebés às vezes, então quando temos as esponjinhas no verão eles pintam os braços e não pintam a folha, eles pintam-se... é aquilo que ele quer fazer, portanto é dar-lhes este tempo não é, ahhh e depois lá está, nós temos a nossa rotina planeada com as pessoas que vêm de fora ou com a nossa planificação do dia, que depois também temos que ter a capacidade de ser muito... De ser alterada e ajustada, ou seja, eu tou a pensar fazer uma digitinta neste dia, pronto, e já tenho a coisa preparada e coiso e não sei o quê, chega um criança que veio da quinta do avô com um saco cheio de laranjas, as laranjas não ficam para amanhã, a digitinta é que fica, não é, pronto estou a falar de bebés de um anos, as

coisas têm que ser vividas no momento e bora lá fazer uma salada de frutas, um sumo de laranja e aquilo é vivido o momento... é que uma criança vem com um saco de laranjas e ah e tal põe aí, como assim? Não é amanhã, é agora no momento, é mais uma oportunidade de trabalhar criatividade de outra forma, mais livre, se bem que aqui as nossas crianças são muito livres e temos sempre em conta a opinião deles, o estado de espírito para trabalhar numa atividade ou não... agora eu não vou cortar, isso é horrível, eles são bebés pequeninos, vêm felizes da vida e nós temos que ter esta sensibilidade, portanto temos o nosso planeamento semanal, mas temos que ter esta capacidade de ajuste, e depois também outra coisa muito engraçada é ter a capacidade de perceber que isto no resultou como nós queríamos que resultasse, ah e depois perceber porquê... ou o grupo não está para aí virado, ou a própria maneira como eu explico, como propus a atividade, ou a atividade em si, nós este ano fizemos uma árvore de natal, quisemos envolver os pais, com a reciclagem... olhe chorámos a rir... com reciclagem de garrafas e umas das educadoras que temos que é super criativa, que ela adora, não sei o quê, montou aquilo na sala, não sei quê não sei quê, depois cada sala fazia uma coisa não sei o quê, bem aquilo chegou a uma altura, aquilo ficou horrível, era tudo menos uma árvore de natal, eu que estava aqui à entrada, estou sempre e eles, que é isto? Isto é não sei o quê, e eu, aí acho que é uma árvore de natal... bem chegou uma altura que estávamos aqui quatro colegas a beber café aqui à entrada, à hora do almoço e eu disse: “oh meninas vocês desculpem-me mas isto realmente, bem estou...” começamos à volta daquilo, destruámos aquilo tudo, chorámos a rir à hora de almoço, tirámos os nomes que cada sala tinha feito, aquilo foi tudo para o lixo e num instante foram lá abaixo buscar um tronco e acabou pronto, não é preciso mais nada não é, pronto lá está, esta capacidade de também perceber “isto não resultou”, e na sala com as crianças é a mesma coisa, perceber realmente que eles não estão, que aquilo não lhes chegou e porque é que aquilo não lhes chegou, não é, temos que fazer esse momento de reflexão.

7. Que tipos diferentes de criatividade identifica?

É assim, pela informação que me trás ahah sou capaz de identificar estes todos, agora se acha que foi uma coisa que me foi ensinada e eu todos os dias penso nisso, não ahaha, reconheço no nosso dia a dia mas não é uma coisa que eu diga “olha agora estamos a trabalhar a criatividade expressiva” não, até porque o facto de os deixarmos ir, serem livres, explorarem, conhecerem o que têm à sua volta já é deixá-los desenvolver estas capacidades.

8. O que é que a sua instituição promove para o desenvolvimento saudável da imaginação e criatividade na infância?

A liberdade de expressão, meu deusahaha, deixem-nos estar, deixem-nos andar. É muito isto Raquel, o nosso lema e ponto de partida é este, eles têm que brincar e é a brincar que aprendem, que desenvolvem a sua imaginação e criatividade. Há muitos pais que ainda não perceberam que não, que eles têm que estar sentados numa cadeira a aprender e não, não têm. Lá está, nós aqui somos mediadores não é, que é o que eu digo sempre e estamos aqui para eles acima de tudo, é evidente, primeiro para eles e depois para o pais, é para isso que eu trabalho, claro que isto é todo um triângulo, não faz sentido se não for desta maneira, por isso é que a escola é muito aberta e não temos aquela rigidez, “têm que entrar a esta hora”, não, não têm que entrar, eu tenho um leque variadíssimo de pais aqui na escola, temos imensos atores, médicos... não não, nós temos uma hora a que começa o dia que é às 10h, que achamos que é um horário razoável para as famílias, mas um pai sabe perfeitamente, depois tudo isto é passado, nós temos uma reunião sempre no início do ano em setembro só com os pais, em que tudo isto é explicado, os pais recebem o calendário, dos dias das atividades, o que é que é mais importante? Uma criança que não veio a uma aula de motricidade ou uma criança que teve a sorte de ir tomar o pequeno almoço com o pai? Óbvioahah, tomar o pequeno almoço com o pai! Por amor de deus, vai ter escola uma vida inteira! Pronto isto é muito importante, mas claro que temos que nos respeitar uns aos outros, isto também não é a república das bananas e entram a meio da sesta ou a meio do almoço, não, os pais sabem que a atividade começou às 10h, há um dia, imagina, que chegam às 10:15h, já está a educadora sentada no tapete a fazer o ritual da manhã, quem está, as presenças, quem não está, a história, há portanto aquele momento para começar o dia, o pai chega às 10:15 da manhã, portanto das duas uma, ou espera que se acabe a história ou até pode estar mais um bocadinho e aproveita e senta-se com ele e assiste ao resto da história, que bom que é, portanto não chega ali e deixa a criança a meio, isso não acontece, não é, temos que nos respeitar uns aos outros, porque afinal há um grupo inteiro, há uma atividade que já iniciou, portanto vamos ser respeitados, é evidente, portanto, há aqui um limite, é evidente, agora a criança claro que pode chegar até ao meio dia, não tem problema nenhum, sabe é que vai, chega e vai de para-quedas almoçar, isso não tem qualquer tipo de problema, tudo é combinado, não é, não, eles é um quarto para a uma deitam-se, não vêm buscar a criança à uma e meia, às vezes acontece, imagine, há situações agora muito complicadas com a história do covid, com a marcações de pediatra ou vacinas, muito difícil, tudo é combinado connosco e se os pais veem que não conseguem mesmo, pedem-nos pelo amor de deus se os pudemos acordar às duas para os virem buscar, isso é uma situação pontual, portanto tem que

haver muita comunicação e tudo é possível, não é, agora não me vêm almoçar ao meio dia quando eles almoçam às onze e meia por exemplo, as salas de um ano começam às vinte para o meio dia, não vão chegar cá depois de almoço **É comunicada aos pais os horários, a rotina da sala,** eles sabem os nossos horários e depois cada família é uma família. **Comunicação é fundamental e o respeito, é muito importante mesmo até porque as crianças tendem a mimicar os nossos comportamentos.** .Sem sombra de dúvida, este triângulo é diário, escola, criança, família é diário, não nos faz sentido se for de outra maneira... isto não é um depósito, isto é a segunda casa destes bebés, pronto, e os pais têm que sentir que isto é a segunda casa deles, portanto a porta está sempre aberta de forma a que eles entrem e saem quando quere, como fazemos nas nossas casas também por exemplo, com respeito como é óbvio. . Lá está a escola é completamente aberta, **fazemos a junção das salas com os mais pequeninos, com as salas de dois dois,** as salas são divididas por anos de nascimento por questões de segurança social, porque se não trabalharíamos com sala heterogéneas, só que o problema é que depois, ou seja, deve saber que há um rácio de crianças em função das idades e dos metros quadrados e se trabalhássemos com sala heterogéneas acabaríamos por ter menos crianças por sala do que aquilo que podemos ter, isto é uma escola privada não é, precisamos de crianças também , para se pagar o que se tem de pagar para a escola sobreviver, **mas depois aproveitamos e fazemos muito a junção de outras idades, jardins sempre misturados, crianças de 2 dois anos sempre misturados, sempre sempre, há uma sala que um dia vai fazer um dia de culinária e convidamos sempre a sala do lado, portanto estamos sempre a trabalhar umas com as outras,** para eles é ótimo não é, e depois as portas sempre muito abertas para que possam circular e andar a brincar tanto fora como dentro.

PERGUNTA EXTRA: COMO SE ORGANIZARAM COM O COVID

É assim, nós somos muito sinceras, muito transparentes, não vale a pena estar a atirar areia para os olhos de ninguém porque nós não trabalhamos assim. **Nós no ano passado fomos obrigados a trabalhar em bolha, mas o trabalhar em bolha é trabalhar em bolha verdadeiramente,** ou seja é não misturar crianças, claro que se cruzam, na casa de banho ou assim, mas é claro que toda a gente se cruza no dia a dia, outra coisa é juntar as salas, então o que é que fizemos **dividimos os nossos jardins,** que entretanto retirámos no início deste ano, com cercas, **portanto fizemos 6 jardins exteriores,** mas as crianças acabavam por comunicar umas com as outras através das cercas, ponham na boca e partilhavam brinquedos normal de bebés, **almoçavam sempre separadas e cruzavam-se na casa de banho, e ajustamos os nossos horários todos, ou seja todas as auxiliares entravam às 8h de maneira a que cada criança fosse diretamente recebida**

pela mesma da sua sala e todas as educadoras entravam às 9h e depois aí é que trabalhámos mais um bocadinho, também tivemos não sei quantos meses sem trabalhar, por isso também temos que ser uns para os outros, e saíamos às 17h ou 17:30h, não havia prolongamentos, porque isso é que é trabalhar em bolha, as escolas, maior parte o que estavam a fazer era, havia prolongamento para os pais porque coitadinhos precisavam que as crianças saíssem mais tarde, e nós não rebentamos a bolha, a partir das 17:30 a escola fechava e as crianças eram entregues à porta ou ao portão, virámos literalmente porteiras nessa temporada. Este ano a vacinação já está muito avançada, por isso os pais vêm de máscara e bora lá levantar estas cercas e foi tudo muito tranquilo e os pais regressaram à escola que é isso que também nos faz muito sentido, e uma coisa muito engraçada é que não temos prolongamento, os pais vêm todos buscar as crianças até às 17:30h.

9. O quão importante é para si promover a imaginação e criatividade nas crianças?

É um dos pontos principais, para além do triângulo já falado, da comunicação, do respeito, da liberdade, como já fomos falando ao longo do tempo.

10. que estratégias utiliza para promover a imaginação e criatividade nas crianças?

Claro que é completamente diferente uma sala de 2 anos, a forma como a educadora se organiza e como trabalha com um grupo de 2 anos, você agora também vai ver como a sala está organizada e estruturada e como é que a semana é planeada. No fundo nós temos de pensar, ahhh ah, quando um pai diz: “ah eu quero que ele vá para a escola, na sala de 1 ano, para começar a socializar” e eu, socializar? Ahhh para começar a brincar com os outros? Não, não vai começar a brincar com os outros, há-de começar a brincar com os outros, primeiro vai começar a brincar sozinho, pronto, portanto isto começa logo, é muito diferente todas as atividades e a forma como a sala está organizada e a semana planificada, a sala de um e dois anos, os próprios materiais da sala dá aso a outras coisas, os tais jogos, os de encaixe, os lottos, os jogos de, aqueles mais de matemática, de altura, tamanhos, tudo isso, são completamente diferentes, você vai ver agora, vai ter oportunidade de ver na sala de dois anos e na sala de 1 ano, não é, ahhh a própria forma de como começam, a rotina tá feita, a rotina de 1 aos 2 anos é completamente diferente, não é, os próprios instrumentos da sala, nossos, feitos pela educadora é completamente diferente, o mapa do tempo que aparece na sala de

dois anos, os mapa das presenças, o conceito de grupo, de quem vem, de quem não vem, as próprias fazem a chamada, põem o amigo que não está ou o amigo que já chegou, ou as tarefas que são planeadas com a própria educadora, tarefas sendo o quê? Imagine, arrumar a sala, ir buscar a fruta, tratar do peixinho ou da tartaruga ou do coelho, depende do animal que se aguentar mais ahaha, faz parte do ciclo da vida... eles lidam com isso logo desde pequeninos, morreu, acontece acabou ahaha. Mas pronto, a forma como o próprio dia está planeado é completamente diferente, o tempo de duração da atividade, a própria escolha das histórias da biblioteca, pronto os mais pequeninos ainda não vêm aqui à biblioteca buscar histórias, quer dizer as salas de 1 ano, as de dois já pedem para vir aqui, já escolhem, querem sempre a mesma, não é, pronto tudo isso é completamente diferente, pensado de forma à faixa etária em que eles estão e depois claro, depois a própria brincadeira em grupo começa numa sala de 2 anos, ahh o jogo simbólico, tudo isso pronto é diferente. . Não de todo, eu detesto isso, não me identifico nada com isso, nada, nada! Imagine, nós temos o dia da pintura planeada, a sala de dois anos, lá está, o começar a cortar, a tesoura, o rasgar, colar, imagine que há um dia de rasgagem, colagem e não sei o quê, não interessa, os 2 anos são duas crianças, os 4 anos se calhar são quatro, isto depende um bocadinho e depende da atividade e eles, lá está, se um grupo são 14, as nossas salas, duas delas tem 14, outra tem 18 de 2 anos, as salas de 1 ano têm 11, pode ir até 13 mas nós não temos espaço para 13 por causa dos metros quadrado da sala, o berçário pode ir até 10 o nosso só tem capacidade para 8, ahhhmm imagine, estão a fazer uma rasgagem ou uma coisa com folhas do outono, com não sei o quê, pronto, não interessa, e estão 4, sobram 10 não é, nunca estão os 14, faltam sempre 2 crianças por dia mais ou menos, ou estão constipados, ou fim de semana grande, ou não sei o quê, mas pronto que estejam 10, ahhh eles organizam-se e têm , lá está, os cantinhos das salas estão feitos assim, tem aquele momento e espaço de quando querem estar a olhar para o infinito na sua, também é importante, não é, portanto as salas estão feitas em que eles próprios se organizem, porque uma sala tem que estar organizada para eles também se organizarem nas brincadeiras, nos seus momentos de reflexão para posteriormente trabalharem a imaginação e criatividade à sua maneira, disposição... a própria forma como se arrumam os brinquedos da sala tem que estar organizada, eles sabem que é a caixa dos carros, que é a caixa dos legos, que é a caixa dos tachos, tudo está organizado para eles quando arrumam, pronto também é matemática, dividirem perfeitamente as coisas e são eles que arrumam diariamente, nós ahh as salas de 1 ano muito com eles, mas eles sabem, já nas salas de 2 anos, nós praticamente orientamos mas eles já arrumam tudo sozinhos, mas é tudo muito lúdico, não se obriga uma criança a arrumar, também é divertido arrumar, no fundo lá está, estas coisas do

“ah enganei-me, ah o não sei quantos pôs no sitio errado” é muito engraçado, não é, esta dinâmica que depois se cria, tudo a cantar, tudo lúdico, portanto tudo é divertido... é bom também arrumar, a bagunça total e depois bora lá, não é, portanto todas as atividades são planeadas em função das idades deles e as salas organizadas, e os tais mapas de registos são feitos em função das idades deles, claro que é diferente... há coisas que são idênticas é evidente, há atividades que são idênticas, aliás nós juntamos muitas vezes grupos de 1 e 2 anos e planeamos, mas uma atividade que dê para os dois não é... Que são os fantoches, uma digitinta, eu digo digitinta que é uma coisa que eles adoram fazer, a massa mágica, aquela da farinha maizena, maravilhosa, mas pronto é isso.

11. Quando está a elaborar o projeto pedagógico da sala/espço que “coordena” tem em conta atividades livres que estimulem a imaginação e criatividade?

Sendo isto a casa da árvore sim, claro que sim, acho que vai dando para perceber ao longo da conversa o que preservamos e damos importância.

12. Quais foram as suas melhores atividades que considera que já fez para estimular a imaginação e criatividade?

Ainda no outro dia falei nisso, por isso é que me lembrei logo. Nós convidamos muitos os pais para virem fazer atividades connosco e há pais muito engraçados que ou são muito tímidos, não gostam e simplesmente vêm assistir a umas atividades, mas para nós está ótimo, há outros que são completamente, tocam viola, cantam, vêm fazer uns fantoches, vêm fazer um bolo, um pão, sei lá, qualquer coisa que adoram, não sei o quê, portanto é chegarem aos pais e perceber que realmente é como, há uma coisa muito engraçada que é, no outro dia elas (educadoras) vieram ter comigo e assim: “ Oh Rita posso mandar...” elas a brincarem comigo, porque elas podem fazer tudo o que quiserem como é evidente, não é, “ posso mandar para casa uma folha para casa para os pais fazerem qualquer coisa criativa para o natal?” e eu disse “atenção à forma como mandam, claro que podem enviar, sem qualquer tipo de problema, mas sem pressão” porque têm que perceber que há pais que adoram isto, como há outros que acham que é a maior seca, portanto atenção a forma como chega aos pais, do tipo: “olhem está aqui, se quiserem fazer”, depois há uns que até têm irmãos mais velhos e põe-nos a fazer, é uma atividade ótima de família ou de manos, não é, é maravilhoso, há outros odeiam e que nem gostam de estar em casa, estão os fins de semana todos na rua, pronto, portanto ter que parar em casa para ter que fazer uma atividade e não sei o quê,

não estão para isso, portanto “não pressionem”, mandam e dizem “ se quiserem contribuir para a sala, fazer com os manos ou com os pais”, não sei o que não sei o quê, ponto! “Mas depois não perguntem pelo trabalho está bem?”, porque entretanto ele vem ou não vem, os próprios pais entram na sala diariamente que é uma coisa que nós fazemos questão, nós tiramos muitas fotografias semanalmente, nós não enviamos coisas, só agora pela situação do covid enviámos sim e agora com os pais não podiam, fizemos uma reunião do projeto pedagógico em novembro, quando o grupo já está todo adaptado e quando as educadoras já conhecem verdadeiramente o grupo e as crianças, muitos vídeos e fotografias sobre o projeto pedagógico, o que é que fazem e ainda vão fazer. Fazemos a reunião de avaliação do projeto pedagógico com os pais, em que não pode vir um dos pais e então aí mandamos os vídeos e fotografias para casa é evidente, não é justo... ahh fazemos um convívio de natal, nós não chamamos festa de natal, é um convívio porque no fundo nós não metemos meninos a representar e os pais a tirarem fotografias a eles todos a chorarem ahah, isto no fundo é para ser vivido para eles e com eles, portanto é, os pais têm uma manhã, em que possam vir com mais tempo e permanecer, não é, pronto, e depois é o que nos vem à cabeça, este ano temos um concerto de natal com o projeto da flauta mágica que é espetacular, que é quem nos faz as sessões de música com eles, temos dois professores, sem pais este ano como é evidente, vamos fazer por sala e vamos filmar um bocado do nosso convívio e enviamos para os pais, pronto, porque aí também não faz sentido, não somos também inconscientes e chamar as famílias todas... mas no fundo esses nossos convívios de natal é para as crianças e para os pais viverem uma manhã diferente aqui connosco. Fez-me uma questão que depois acabei por não responder, de uma coisa que me tenha marcado, então é isso, chamamos muitas vezes os pais e tinha uma mãe pediatra, aqui à uns anos, e era assim uma mãe muito participativa, muito envolvida e que gosta mesmo de saber e aprender, e eu convidei-a um dia para vir passar uma manhã connosco, porque eu percebia, chegava ao natal e as coisas que ela mandava para a escola, para os outros, veio assistir a uma sessão, não sei o que é que nós fizemos, portanto era muito envolvida, e eu achei realmente e tinha a certeza que iria gostar fazer uma coisa comigo, então convidei-a para vir explicar, crianças de 2 anos e meio não é, o que é que era o trabalho dela, e pensando também ao mesmo tempo que há muitas crianças que odeiam ir ao médico, isto tudo é passado dos pais, o medo é aprendido, portanto eu achei que também era uma boa forma de lhes mostrar o que é que é isto afinal de ser médico e não sei o quê, então combinámos as duas, fizemos uma sessão com os bebés, fui buscar bebés às outras salas todas, cada um tinha o seu bebé, a mãe fez uma série de coisas, trouxe umas coisas verdadeiras, umas seringas, uns auscultadores, nesse dia estávamos 12 crianças e decidimos então bora lá montar um

hospital... então era a médica a ensinar como é que tratava e passando também sempre para eles, :”vocês também quando vão, o que é que o doutor vê? Vê os ouvidos, o vosso coração...” tudo isto passando o paralelismo e eles com os bebés as fazer as coisas e não sei o quê, bem foi assim uma coisa... bem depois o feedback que isto teve, ela fez questão de vir de bata para desmistificar o medo da bata branca, trouxe um símbolo para todos, ahh eu pedi para todos trazerem uma camisa dos pais para fazer as batas, pus o símbolo que a mãe trouxe, portanto no fundo eles eram os doutores... pronto o feedback que isto trouxe foi fabuloso, não é, que aquelas crianças, haviam uns que já queriam ir ao médico... isto é maravilhoso, maravilhoso, muito interessante, porque realmente no fundo o contributo que os pais nos podem dar, por isso é que isto também faz sentido com as famílias, agora é saber chegar a elas.

13. De que modo as suas experiências/vivências influenciam o seu trabalho na promoção da ICI?

Completamente, sabe que eu tive uma infância maravilhosa, maravilhosa, eu recordei as... a sério eu fui uma privilegiada porque os meus avós tinham uma casa no Alentejo, um monte no Alentejo, depois outra no norte e eu fazia aquele paralelismo de natal em casa dos avós no Alentejo em Serpa, ainda no outro dia falava disso, nós os primos todos, não éramos muitos mas pronto, éramos 7 crianças quer dizer, já é pronto, a confusão, nunca abríamos presentes à noite, era sempre de manhã, acordávamos às 6h da manhã para ir à chaminé, nem dormíamos nessa noite, portanto aquilo era muito misterioso, o próprio Alentejo não é, tudo aquilo, os cantares das janeiras, tudo maravilhoso... as vindimas depois setembro, na casa ao pé da Guarda, portanto eu tive assim uma infância maravilhosa, muito vivida na rua, eu brincava na rua, sempre, eu vinha da escola e brincava na rua, eu literalmente brincava na rua, a jogar à corda, ao elástico, não sei o quê, tudo na rua, vivia no centro da cidade atenção mas tinha amigas também da rua, por acaso em escolas diferentes, andávamos em escolas diferentes, e depois encontrávamo-nos e brincávamos todas e depois com muitos vizinhos e não sei o quê, portanto muito boa, eu acho que isso passou-me realmente, eu sempre fui muito independente, muito muito muito, porque me deram essa liberdade também.... Eu lembro-me de com 10 anos fui levar a vacina do tétano sozinha, nunca mais me esqueço e acho que os meus filhos apanharam também muito isso, pronto é o que é, eu não faço drama das coisas que não são drama, sou muito positiva e muito pra cima, muito otimista e acho que as coisas vão sempre ser boas, é evidente, como consigo do covid retirar coisas positivas, não é ahaha... portanto tenho a certeza que as minhas vivências me trouxeram muito para aqui e perceber o quanto é importante ser respeitado, esta individualidade, autónomos, criatividade, rua...

.Dá trabalho, os pais são muito comodistas hoje em dia, as pessoas viraram muito comodistas. Eu também tenho 2 filhos adolescentes e também orientei a história dos tablets e dessas coisas não é, os meus filhos são zero viciados em computadores e telemóveis... tiveram as coisas moderadas, quando começaram a pedir eu achava que ainda não era idade e “mas ahhh o meu amigo tem”, ótimo, então vão lá para casa e joguem, aqui em casa não têm, sempre fiz isso, tanta coisa e sempre resultou, ah e é uma coisa que sempre foi muito moderada, ou seja, até tinham a playstation n sei o quê que durante a semana não jogavam porque não havia tempo e ao fim de semana jogavam um bocado, portanto sempre uma coisa que eles próprios sempre orientarem bem aquilo.... Temos a sorte de ter uma casa ao pé da praia em São Martinho do Porto, portanto todos os fins de semana íamos para lá com os miúdos, portanto rua, praia, bicicletas, patins, cães, cães que eu sou doida por cães, por isso eles também tiveram essa sorte e estas vivências, tanto que eu acho que para mim é o que me faz sentido, mas há outra coisa que também é muito importante, que é também o saber estar em casa e o saber brincar em casa, mas estar em casa com qualidade e brincar em casa com qualidade... saber estar em casa, porque os miúdos hoje em dia dizem “hoje é dia de quê?”, hoje é dia de quê? Como assim? É tao bom acordar e bora fazer panquecas, todos de pijama, tudo para a cozinha e não sei o quê, faz parte não é, isso é muito importante... ver um filme em família, bora aproveitar e fazer uma sessão de cinema, fazer umas pipocas... tudo isso é... à que ser criativo não é, mas hoje em dia os miúdos é tudo computadores porque os pais estão muito pouco disponíveis e eu percebo que as pessoas tenham vida atenção... eu tenho uma vida privilegiada não é, é o que eu digo, eu venho trabalhar a pé, portanto vivo aqui ao lado, na Ajuda e faço 20 minutos a pé, é uma maravilha, isto para mim é um luxo e é o que eu digo, eu tenho tudo, mas é assim, também temos que lutar para ter as coisas, as coisas não aparecem do ar, agora, percebo que as pessoas hoje em dia se sintam cansadas e que há determinados trabalhos que exige muito, mas cabe-nos a nós também fazer escolhas, e quando se é mãe é isso e nem toda a gente tem que ser mãe nem pai, atenção, nem toda a gente, tem que se ser por vocação e por querer e sentir que é a escolha certa.

14. O quão importante é o seu papel na promoção da imaginação e criatividade na vida destas crianças?

É assim eu já não estou nas salas, mas as educadoras aqui da escola, eu falo por todas. Eu acho que tá tudo ligado naquilo que estivemos a falar, é dar asas para que as coisas fluem as crianças experimentem e explorem, não é... ah pronto, acho que a base... não vale a pena grandes teorias e estarmos cheios de teórica porque realmente o que nos faz sentido é assim, a Casa da Árvore, o próprio espaço e felizmente os próprios

materiais que lhes damos e as coisas que os pais também nos trazem, tudo aquilo são as vivências deles diárias, pronto, não vale a pena estarmos a sair daqui com eles, não fazemos passeios e essas coisas porque nós temos um espaço muito rico, aqui dentro há o que é suficiente para crianças destas idades, nós deixamos as visitas e essas coisas para fazerem com as famílias, a não ser que haja, imagine, uma exposição aqui no CCB, uma coisa qualquer no CCB que vamos a pé, as salas de 1 ano nem pensar, as salas de 2 anos em que é combinado com os pais e que vão dois, três, quatro adultos aqui da escola e mais quatro ou cinco ou seis pais, tá a ver, e vamos a pé e fazemos aquele passeiozinho e não sei o quê, isso é uma coisa muito pontual, agora aquela coisa de enfiar os miúdos num autocarro e vamos todos para o oceanário isso aqui não existe, isso é para os pais... no fundo é todas as vivências diárias que eles aqui têm, quer dizer, a criatividade é isto não é, é eles estarem lá fora e juntam os tronquinhos e saltam os tronquinhos, fazem barreiras, vão buscar as cadeiras e empilham, não sei o quê, apanham um saco de folhas e uns pauzinhos, quer dizer tudo isso é criatividade... o educador tem de ser também o condutor da promoção destas experiências, sem sombra de dúvida.

15. Se pudesse mudaria alguma coisa no ramo da educação?

Ahaha uiii, ora bem, fazendo dois paralelismos completamente diferentes... a primeira infância, esta minha área e depois o resto que vem da escola e por ai fora até aos liceus... ora bem, eu para mim, é assim a primeira infância, aquilo que me custa muito ainda ver e há muito muito muito, eu não sou nada, atenção, não acho nada, eu sei que nós aqui estamos rodeadas deste espaço atenção, mas eu também sei distinguir as coisas e para mim de facto o que eu digo aos pais quando vêm ver a escola “atenção que o espaço é maravilhoso mas a mim o que me interessa é o que se passa cá dentro”, isto pode ser tudo maravilhoso mas depois o que se passa cá dentro, meu deus, portanto eu acho que as pessoas é que fazem a diferença, sem sombra de dúvida, claro que umas com melhores instrumentos, como é evidente, como nós, graças a deus, outras nem tanto mas fazem tão bem ou melhor do que nós e isso para mim é muito importante, para mim aquilo que mais importante é, é as pessoas que ainda não perceberam, que acho a maior parte que é as pessoas acham que trabalhar na primeira infância é literalmente cuidar e trabalhar na primeira infância é muito mais além disso, muito mais, as pessoas acham que é muito mais fácil eles estarem todos em sintonia e estarem sempre todos a trabalhar em grande grupo e não conseguem perceber que é o oposto, para já nunca vão chegar individualmente a cada criança, não é, e só quando nós chegamos realmente individualmente a cada criança é que eles nos facilitam o trabalho, agora que dá muito trabalho dá muito trabalho, é um grande investimento, não é um

grande trabalho porque a mim trabalho não me dá, há investimento, não é, no período e fase de adaptação então é um investimento e dedicação e uma disponibilidade muito grande que tem que haver para se conseguir chegar individualmente a cada criança, porque aquilo do trabalhar em massa e em bloco não resulta, não resulta, para já não conseguimos chegar a eles, ponto número um, e depois as pessoas perceberem que é a brincar que eles aprendem, é a brincar, não vale a pena estar a ensinar as cores, os tamanhos, os números... não vale a pena, tudo é lúdico, tudo tem que ser a brincar e a capacidade que eles têm de aprendizagem é incrível, agora quanto mais lúdico e quanto mais divertido, quanto mais leve for melhor chega a estas crianças... todos os dias eles aprendem estes conceitos, tudo é diário, tudo é constante, porque tudo são vivências, não é, agora é preciso é estas oportunidades e infelizmente eu acho que na primeira infância não há muito esta capacidade de " como é que se pinta com as crianças?", como? Claro que não se pinta com todas as crianças ao mesmo tempo, lá está, é o que eu digo, um a um, dois a dois, agora é preciso envolvimento, é preciso indicação, é preciso as pessoas perceberem o quanto isto faz sentido para estes bebés... metem tinta na roupa? Claro que metem, qual é o problema? A tinta não é tóxica e a roupa lava-se. Infelizmente para a primeira infância ainda há muita pouca abertura, para o jardim de infância não, já se vê coisas maravilhosas, mas na primeira infância ainda se vê muito pouca coisa com esta abertura e as pessoas perceberem o quanto é, como é que se chegam a estes bebés... as pessoas investem pouco ainda. Por exemplo, num momento de digitinta há um balde de leggos que foi para o chão, há um balde de blocos lógicos que foi para o chão, há um canto com um molhe de livros de está no chão, portanto, no fundo, coisas atrativas de forma a que eles também possam recorrer a esses, no fundo diversificar um bocadinho os cantinhos da sala no momento da atividade de forma a que eles também ... você basta pôr a cozinha que está assim e meter assim que eles vão todos para ali, é automático, portanto dinamizar um bocadinho de forma diferente a sala nesse momento, nós temos aquela hora por exemplo, mas depende do grupo, às vezes é preciso uma hora e um quarto e outras vezes só 45 minutos, tudo depende muito do grupo, eu não vou fazer esta atividade em pleno setembro, tenho bebés a chorar às minhas pernas, em mês de adaptação aqueles dois primeiros meses eu tenho que estar no chão dois meses, tenho que estar ali para eles, para se sentirem seguros, a partir do momento em que eles se sentem seguros é que eles vão, quando eles começam a ir woow então bora lá, agora as crianças são todas diferentes, os grupos são todos diferentes, é esta individualidade e esta pré-disposição que nós temos que ter, diária... Na sala de 2 anos eles é que regem o dia, eles é que se organizam, escolhem para onde querem ir, vão rodando, já são muito autónomos porque também lhes damos muita abertura para isso, sempre. Pronto, agora

mais para a frente, sem ser a primeira infância é este ensino, sou completamente contra este ensino, completamente, não tem nada a ver com as crianças que temos hoje em dia, mas pronto também não interessa muito agora que é para não alongar muito. Mas pronto da primeira infância era muito isto, acho que as pessoas estão pouco despertas para a primeira infância... e o quanto isto é rico, meu deus, o que eles nos dão, que maravilha... nós temos de pensar que os nossos bebés vão sair daqui com 3 anos para uma sala de jardim de infância completamente autónomos, e são, comem sozinhos, não têm fraldas, vão à casa de banho, vestem-se, despem-se, completamente autónomos, eles saem daqui e vão para uma sala de 3 anos e como costumam dizer as nossas colegas lá de cima “bem, as melhores salas são as salas com mais meninos da Casa da Árvore”, choram tudo aqui em baixo, não é, portanto no fundo depois é o prazer de vir para a escola, que é isto que nós queremos, não é, claro que sim, isto é prazeroso para eles e saem daqui a chorar que não querem ir para casa ahaha.

Transcrição da entrevista – Entrevistada B

Tempo de duração da entrevista: 01:00:06

1. Qual a sua formação académica/profissional?

Então eu tenho uma licenciatura em educação de infância no pré-Bolonha, ou seja, muito anterior ao vosso, tirado em 99 a 2003.

2. O que o/a motivou a seguir esta área?

Eu acho que a motivação de ter escolhido este curso foi essencialmente ter uma parte de mim que pudesse continuar a ser criança até já na idade adulta, e esta foi a forma de me aproximar mais disso, eu nunca estudei, nunca andei em infantários, nunca tinha tido contacto nenhum com a área, não foi de todo a minha primeira opção, mas acabei por vir parar aqui mesmo por isso, era um dos empregos onde eu não tinha que crescer eventualmente, podia continuar a ser infantil.

3. Quantos anos de carreira possui?

Vou fazer 18 anos.

Pergunta pessoal: facilidade de entrar na área

Eu ainda não tinha acabado o curso e já tinha trabalho portanto na altura eu acho que era mais fácil encontrar-se trabalho a nível particular, sendo mais difícil o ingresso no estado. Acho que, eu comecei por uma instituição particular, entretanto fui colocada também a nível estatal e estou atualmente numa IPSS, portanto tive o prazer de experimentar as 3 vertentes da educação de infância ou seja, as diferentes possibilidades, e não foi difícil, sei que na altura ficamos todas a trabalhar na área. Eu não acho que seja complicado nos dias de hoje, contudo, o rastrear o que é bom do que é menos bom, porque infelizmente nós temos muitos estabelecimentos abertos que não estão legais, que não são do conhecimento do ministério da educação, que não têm alvará, que não fazem paralelismo pedagógico, e isso tudo é uma das coisas que as educadoras devem ter em mente quando procuram trabalho... nós temos colegas que saem do curso e lhes é oferecido uma remuneração de ordenado mínimo, ou seja,

existem muitas instituições que não têm tabelas, não têm tabelas salariais e pagam às educadoras o mínimo possível e isso também não é legal... Pois é mesmo por isso, por não terem conhecimento disto, é que estes senhores se aproveitam de quem acaba o curso. e eu tive a sorte de trabalhar num particular, mas tinha paralelismo pedagógico, tinha uma tabela de remuneração, tinha progressão na carreira, o meu tempo de serviço foi todo contabilizado até hoje, portanto eu trabalho desde 2003, fiz o meu estágio profissional e a partir do momento em que entrei ao serviço foi sempre a contar, sendo que o tempo de creche não conta, não sei se estás consciente, então eu fiz um 1 ano e meio, 2 anos em creche, por isso é que digo 18 anos, é os contados... ah e depois eu sou do tempo, eu trabalhei em pré-escolar, mas sempre em sítios com paralelismo pedagógico, tendo em atenção estas questões... ahhhm muitas instituições não têm, muitas instituições não oferecem ao trabalhador condições que deveriam de ter, quando se sai com uma formação académica superior, e é uma das coisas que acontece sim. É fácil, é fácil, mas tem de se estar de olho aberto porque é um mercado muito fragilizado.

4. Há quanto tempo está neste/a projeto/instituição?

Nesta instituição vou fazer 9 anos em janeiro. Porquê? No final de 2012, a Voz do Operário ganha um concurso, estes equipamentos pertenciam à segurança social, e ganha um concurso que durante 20 anos, a Voz do Operário está a gerir estes equipamentos, nomeadamente Lavradio, Baixa da Banheira e Laranjeiras, são as 3 que a Voz do Operário angariou na Margem Sul. A sede é a Graça em Lisboa, depois existe o Restelo, existe a Ajuda.. ahhh que já têm outras escolas também. A Margem Sul somos só 3 e todas desde 2012, foi nesta passagem... nesse ano eu vim agarrar isto como coordenadora, tive 2 anos como coordenadora da instituição, mas por condições pessoais deixei, tinha dois filhos muito pequenos na altura.... Ahhh e então estou aqui à 9 anos como educadora.

5. Fazendo uma retrospectiva da sua vida em termos profissionais, que momentos e experiências mais importantes destaca?

Eu acho que essencialmente as maiores aprendizagens eu tenho feito aqui, apesar de, eu acho que o facto de ter passado por já as 3 possibilidades privadas em que há um ensino muito mais controlado, controlado é esse o termo, nós temos as crianças, nós também temos os pais, temos que dar muito mais resposta àquilo que os pais pensam e é onde trabalhas mais para os pais, depois no público tens liberdade dependendo do local onde ficas e no sítio onde eu fiquei era um sítio com um contexto económico mais desfavorecido, o que me permitiu trabalhar mais com as crianças... aqui a diversidade

é muita, pelas características da Voz do Operário, procuram todos os anos também dar oportunidade às crianças que não têm oportunidade nos particulares e então nós temos muita diversidade, temos anos em que encontramos grupos super tranquilos, e temos anos que temos grupos mais agitados e que o trabalho decorre mas temos que ter outro tipo de estratégias e então eu acho que o desafio maior tem sido estes 9 anos, sim. Mas o meu percurso académico também foi muito importante e foi o que me fez ver que é mesmo isto que eu queria, mas há uma coisa que vocês miúdas novas têm que perceber, ser educadora não é só gostar de crianças, eu não fui só pelo gostar, fui pelo desafio, porque gostar todos gostam, mas há uma diferença entre lidar com 2 ou 3 crianças, agora com grupos de 15 e 25 crianças, é que depois não são só as crianças, são os pais, é o desafio diário com as crianças e com os pais, é as colegas do trabalho que tens que lidar, isto de ser educadora envolve muita coisa, mas aqui é onde eu me encontro porque felizmente estou numa instituição que defende os trabalhadores, que eu me identifico com os ideais, que me sinto ouvida enquanto profissional e que não sinto que as minhas colegas me estão a querer tirar o lugar, mas a partilha é que nos faz crescer a todas e então estás à vontade, mas isto não acontece no mercado de trabalho a todas as colegas.

6. Com o conhecimento e prática da sua carreira o que é para si a imaginação e a criatividade?

Eu acho que toda a imaginação e criatividade já está dependente, acima de tudo, das vivências das crianças... porque ela existe, não é, mas se não forem estimuladas não serão descobertas... se não se tiver a oportunidade de contactar diversos, como é que eu hei-de dizer?, diversos instrumentos, diversas experiências ela não será estimulada... alguns contextos familiares atualmente não permitem isto, enquanto que nós temos crianças que fazem visitas a exposições, que vão passear com os pais... então o contexto familiar é a base de tudo e depois na escola saber analisar, perceber quais as crianças que não têm tanto estas oportunidades e trazer para dentro da sala... eu acho que é sempre uma oportunidade versus estimulação, e se nós proporcionarmos, nós temos é que a estimular. A criatividade e a estimulação eu não acho que seja uma coisa que consigas estimular de forma diretiva, ela tem que ser de forma natural, intrínseca, por exemplo nós lemos uma história sobre um crocodilo que tinha 5 metros e eles quiseram logo fazer o crocodilo, e então fomos fazê-lo em escala real e fomos ver quantos deles cabiam no crocodilo de 5 metros, e a partir daí, desse livro, surgiram imensas potencialidades de trabalhar a criatividade com eles, e então, eu

acho que em todo o lado, se tiveres um ambiente estimulante diariamente estás a estimular aquela capacidade de forma intrínseca.

7. Que tipos diferentes de criatividade identifica?

É assim, eu não te sei dizer especificamente vários tipos de criatividade, nem assim muitos autores que se dedicam só a este tema, sei que o vygotsky é um grande pioneiro desta área... ah vejo que trazes nos teus apontamentos que me disponibilizaste aqui alguns tipos de criatividade que este senhor fala, Colin Taylor não é? E lendo consigo identificar alguns destes tipos de criatividade no meu dia dia na sala, seja na promoção de uma atividade ou um momento mais livre, por exemplo aqui a criatividade expressiva, que como diz “apoia-se na liberdade do criador em expressar os seus sentimentos e emoções, de forma livre e espontânea, de modo a não influenciar os resultados” até porque aqui reconheço quando uma criança está a expressar-se livremente, está na sua, e está realmente focada naquele momento sem que a preocupação seja o produto final, mas sim o fruir da atividade, e é muito por aí que eu trabalho com a minha sala, lá está o MEM, deixá-los ir, deixá-los ter a liberdade e autonomia que necessitam para fazer as coisas... aqui a criatividade inovadora também é muito interessante porque de facto quando eles estão no seu ambiente, no seu espaço eles são capazes de me mostrar novas perspetivas sobre algo que eles veem, ou que eu lhes mostro, é muito engraçado quando às vezes num momento de conversa em grande grupo eu trago algo que já tenho em mente e mostro-lhes e saem dali com cada resposta mais criativa e engraçada, porque de facto nós adultos parece que perdemos essa capacidade de dar uma nova perspetiva às coisas, uma nova vida e uma coisa muito importante na criança é isto, a capacidade de serem assim, e deve ser uma coisa que nós enquanto figuras educacionais na vida deles devemos sempre priorizar, dar prioridade que o que é importante é deixá-los ser felizes, criativos, não os prender, não lhes formatar o pensamento, a maneira de ver as coisas, se eles querem pintar a relva de rosa que pintem, eles sabem perfeitamente que a relva não é rosa, e pintá-la dessa cor não é um erro, é uma nova forma de ver as coisas... é certo que devemos sempre mostrar-lhes a realidade das coisas, como as coisas são, como podem ser, mas não retraindo o seu pensamento, ou repreender constantemente e é isso que nos leva a crescer e a perder este brilho, o facto de nos terem formatado constantemente para a realidade e não nos deixarem voar, imaginar, criar, brincar com as possibilidades e materiais que temos sempre à nossa disponibilidade. É muito isto... ahhh certamente estes tópicos não foram umas coisas que me foram ensinadas no curso, de o que é a criatividade, que tipos de criatividade existem, como promove-las, é muito na base de fazer atividades para

mostrar ao professores mas não discutir esta parte sobre a arte, estes processos que existem e agora que me apresentas isto eu consigo claramente identificar algumas delas no meu dia a dia... gostei de já vires com coisas preparadas para a entrevista, com informações que conduzam a entrevista ahaha.

8. O que é que a sua instituição promove para o desenvolvimento saudável da imaginação e criatividade na infância?

A instituição não tem projeto pedagógico definido, a instituição tem sim um projeto educativo com os seus pilares, onde assentamos a nossa prática pedagógica, isto é fácil de consultares, está na internet, é um projeto educativo das escolas todas. Cada grupo tem o seu plano curricular e aí nós fazemos projeto de acordo com aquilo que temos, a caracterização, os objetivos, a cada 3 meses vamos vendo se foram alcançados ou não... funciona um bocadinho assim. Como pilar do Movimento da Escola Moderna, que é aquilo que nós defendemos, não é, este modelo, nós temos a animação cultural, ou seja, nós promovemos e proporcionamos às crianças diversas atividades culturais, ou seja, concertos, teatros, passeios... ahhh e aí está claro é um pilar da instituição e é isto mesmo que o MEM defende, o contacto com diversos autores, escultores, pintores, fazer a questão de divergir não é, e de que as crianças percebam, por exemplo a professora de música não se limita a cantar com eles, trás vários tipos de música e faz teatros, jogos dançados, constrói músicas, tudo isto são fatores para estimular muito mais a sua imaginação e criatividade, o próprio funcionamento em sim é isto, não há nada "agora vamos trabalhar a imaginação e criatividade", isto tudo o que se faz está direcionado para a promoção disto.

9. O quão importante é para si promover a imaginação e criatividade nas crianças?

Eu acho que o trabalho que uma educadora planeia tem que ter sempre em atenção isto, não é, claro que às vezes está planeado um jogo que trabalha a matemática, ou um passeio à rua que trabalha a matemática, como por exemplo ir ao parque e ver quantas árvores há, quantas são do mesmo tamanho, por aí, é uma coisa que vais dizer que está direcionada para a matemática porque foi projetada para isso, mas é claro que tudo isto trabalha a imaginação das crianças, a sua criatividade... é muito por aí, eu creio que todas as atividades passem pela promoção disso, até mesmo num momento só de conversa, no momento da manhã em que todos falamos sobre o que fizemos no fim de semana, olha como pudeste observar aqui comigo neste momento que partilhas-te connosco, o Tomás contou que tinha ido ao deserto, e que daí os outros pegaram

nisso e fizeram uma história e perguntas maravilhosas como ouviste, isto tudo, até estes pequenos momentos trabalham a criatividade.

10. que estratégias utiliza para promover a imaginação e criatividade nas crianças?

Partem através de momentos previstos na agenda semanal, mas nós somos muito autónomos na minha sala, eles são um grupo espetacular e como viste nós fazemos o nosso dia a dia em conjunto, não venho com uma coisa extremamente planificada para depois falarmos e eles não estarem para aí virados, eu crio um momento de conversa em que todos participam e escolhem o decorrer do dia, claro que já venho com as minhas ideias, mas não me preocupo nada se querem ou não fazer trabalhos, porque isto não é para mostrar aos pais, é para eles se sentirem bem, no seu ambiente. Por isto, é muito importante o educador fazer os próprios registos diários, o que pode ajudar muito no decorrer dos próximos dias, porque vou apontado todas as ideias que eles têm, determinados assuntos que eles querem falar, e agarrar nos interesses deles e levá-los para a sala, para que se sintam ouvidos, incluídos, até porque a ideia de um, vai ser sempre recebida pelos outros e depois a partir daí fazemos um teatro, uma atividade, uma canção, uma sessão de conversa e partilha de ideias, o meu papel aqui é guiá-los e eu também dou "ideias", que já são planeadas, mas é uma oportunidade de propor aquilo que já queria fazer de modo a observar a abertura deles, assim consigo pôr trabalho em prática mas sem me impor, porque um trabalho imposto nunca é feito com a mesma alegria do que um trabalho que é sugerido em grande grupo, isso é certo e nós não queremos os miúdos a fazer os trabalhos só por fazerem.

11. Quando está a elaborar o projeto pedagógico da sala/espço que “coordena” tem em conta atividades livres que estimulem a imaginação e criatividade?

Sim, é assim é muito aquilo que já respondi tudo é planificado com um propósito e até mesmo um momento que brincadeira na rua é uma maneira de estimularem a sua criatividade.

12. Quais foram as suas melhores atividades que considera que já fez para estimular a imaginação e criatividade?

Eu tenho dificuldade em dizer a melhor, porque lá está, como não somos nós que fazemos as atividades. Mas vamos por projetos, para mim um que eu ache que foi mais

marcante foi um projeto de intervenção que nós fizemos, que fomos para um parque aqui e estava muito degradado e então os miúdos não conseguiram brincar como queriam e nós na altura fotografámos e escrevemos uma carta para a presidente da junta do Barreiro, que nos respondeu e ao fim de uns meses nos convidou a ir à inauguração do parque com o nosso projeto. **Este e o da tela também é muito interessante, aquele que viu a apresentação, que abordou pintores, música, teatro,** tanta coisa.... São muitos ao longo dos anos.

13. De que modo as suas experiências/vivências influenciam o seu trabalho na promoção da ICI?

Não sei, eu fui uma miúda, que como te disse, **não frequentei o infantário, eu brinquei muito na rua, eu sou do tempo em que se brincava livremente na rua e foi um bocadinho isso, a liberdade, a possibilidade de ser sempre quem sou,** **acho que é isso que influencia, e o facto de me apaixonar todos os dias e enquanto houver essa possibilidade de me apaixonar por aquilo que eu faço a minha prática vai ser sempre influenciada.**

14. O quão importante é o seu papel na promoção da imaginação e criatividade na vida destas crianças?

O meu papel é sempre importante em tudo, o meu e o de todas as educadoras, nós basicamente somos figuras maternas, temos que estar sempre aqui para eles, mas isto na promoção da imaginação e criatividade, como para dar apenas um abraço, colo, falar sobre o dia... o nosso papel é importante em tudo, não só numa coisa ou outra, em tudo, muito importante mesmo, **porque nós estamos a lidar com a futura geração e nos dias de hoje em que os pais se mostram mais ausentes, não os culpabilizando até porque os trabalhos de hoje em dia exigem mais de todos, é normal que cheguem a casa e não estejam para ter um momento mais pedagógico com os filhos, é comer, ver um bocadinho de televisão e dormir,** **e nós estamos cá para dar o colo, a atenção precisa acima de tudo,** **quero lá saber se eles são os melhores pintores, se são os que têm mais trabalhos, que têm o dossier cheio de trabalhos, a mim o que me importa é ver a criança feliz,** **é proporcionar-lhe um ambiente pacífico em que ela própria se sinta bem e depois aí sim, se estiverem predispostos a “trabalhar” nós pegamos nessa vontade e tiramos o maior proveito.**

15. Se pudesse mudaria alguma coisa no ramo da educação?

Acima de tudo era mesmo o reconhecimento do trabalho dos profissionais de creche, era o que eu mudaria, porque o resto nunca vai ser fácil de mudar porque é feito por pessoas que pensamos todos de maneira muito diferente... a educação está concebida, acima de tudo, por pessoas que não são da área da educação, que não põem a mão na massa, mudaria o facto de não ouvirem os profissionais, talvez se ouvissem mais talvez tivéssemos uma educação melhor, acho que sim, acima de tudo valorizar os profissionais nas diferentes áreas, não haver diferenças entre o público e o privado... os trabalhadores do privado são tão importantes como os trabalhadores do público, ahhhmm não há igualdade, no tratamento, no reconhecimento, não há, nem pelo trabalho do estado, passa pelo estado não reconhecer educadoras de creche como educadoras, porque não lhes reconhece o tempo de serviço e está mais que provado que o tempo mais importante de todos é esse, dos 0 aos 3 anos, que é quando eles mais absorvem coisas, dos 3 aos 6 eles aprendem, têm lá as bases, é aplicar, é a aplicabilidade, enquanto dos 0 aos 3 é a interiorização. Acho que é um bocadinho isto, acho que se reconhece muito pouco a educação de infância, não posso falar dos outros níveis porque eu não reconheço mas acho que se dá muito pouco valor, e é um trabalho pesado, muito pesado e há pessoas que pensam que as crianças são as ovelhas e eu sou o pastor, que estou aqui só para os aturar um X de horas e está feito.

Transcrição da entrevista – Entrevistado C

Tempo de duração da entrevista: 01:21:42

1. Qual a sua formação académica/profissional?

Ah okay então, eu ahhh isto é assim um bocadinho complexo... ah já vou explicar porquê, mas portanto a minha formação de base é psicologia clínica, portanto tenho o mestrado em psicologia clínica.. nunca exerci propriamente psicologia clínica pura, portanto o meu percurso nunca foi muito por aí, foi sobretudo pela investigação, portanto sou psicólogo e investigador ahhh portanto sempre tive mais ligado a projetos de investigação, durante grande parte da minha carreira, se é que se pode chamar assim, que é relativamente curta.. ahhh por exemplo neste momento estou a fazer

doutoramento, depois de ter estado alguns anos como bolseiro em projetos... ah mas sempre tive um pé também nesta área mais da educação e sobretudo ligada aos talentos, às nossas capacidades e por, acho que por inerência depois também a criatividade, ou seja, isto tudo começou ainda quando eu era aluno universitário, portanto logo no segundo ano da faculdade eu comecei a fazer voluntariado na ANEIS, que é a Associação Nacional para o Estudo da Intervenção de Sobredotação... ah aquilo que eu fazia enquanto aluno ainda era apoiar nos programas de enriquecimento, isso é uma das respostas que a [...] tem para estas crianças e jovens que têm altas capacidades ou que têm talentos... ah e que particularmente na delegação de Lisboa que era coordenado e ainda é, agora comigo também, pelo Professora Sara Bahia, que é uma especialista em criatividade, sempre foi muito direcionado para o desenvolvimento do pensamento criativo... ah e isso foi uma das coisas, para já foi uma das coisas que me fez ficar, porque me identifiquei com isso... ah e com o facto de termos que fazer assim atividades mais fora da caixa, levar os miúdos a desenvolverem a sua, lá está, a sua imaginação, não é... ahhh isso fez-me continuar a ficar... ahhh portanto grande parte do meu percurso académico estive sempre ligado a isso. Depois mais tarde fiz o estágio profissional de acesso à minha profissão, portanto um estágio da ordem dos psicólogos, lá na ANEIS, portanto isto tudo para dizer que sempre fiquei, desde há, portanto mais de 10 anos ligado a esta área por isto. Depois do estágio continuei... pronto fui à minha vida, continuei a trabalhar como bolseiro em projetos etc., mas sempre a colaborar com a ANEIS nas várias atividades que tem, seja de intervenção, seja também de investigação... ah e atualmente continuo, agora neste caso a coordenar com a professora Sara a delegação de Lisboa da ANEIS e também, pronto pertença aos órgãos sociais, a essas coisas todas da ANEIS a nível nacional e... mas sobretudo aquilo tudo que faço continua a ser, lá está, organização dessas atividades de enriquecimento que são feitas aos sábados de manhã com um grupo de crianças e jovens que nos procuram porque sentem que lhes falta qualquer coisa no seu percurso educativo, no seu dia a dia, querem estar entre iguais, querem ter atividades estimulantes, desafiantes etc., e é isso que nós tentamos fazer com o programa, e acho que é aqui que entra a, se calhar, a justificação da entrevista, não é, porque são muito direcionadas para o enriquecimento criativo.

2. O que o/a motivou a seguir esta área?

Boa pergunta, porque foi uma coisa, na verdade, muito natural, ou seja, eu fui ficando... ou seja, aquilo que me motivou a entrar na área, na verdade, foi uma coisa completamente, para ser franco, completamente, não diria aleatória, o que aconteceu

foi, neste caso a professora Sara foi minha professora e dizia que tinha estas atividades aos sábados e que convidava todos a irem experimentar... e eu fui, eu e vários colegas, a única diferença foi que grande parte das pessoas foram e depois deixaram de ir ao longo do semestre, foram saindo, porque ninguém gosta propriamente de perder todos os sábados de manhã durante a faculdade, não é... pessoas com dezanove anos têm normalmente outros interesses, têm as sextas feiras à noite depois os sábados de manhã... ahhhmm mas eu por algum motivo senti alguma... tive a sensação de que fazia falta alguém se preocupar com aqueles miúdos, porque mais ninguém, muita pouca gente se sensibiliza para esta causa das altas capacidades, que não é visto propriamente como um problema... ahh existe uma negação do problema a nível social e muito particularmente na educação, portanto é visto como uma coisa que não merece realmente atenção, porque a ideia que está na base é muitas vezes: “ ah então se eles têm mais facilidade ótimo, porque é que havemos de nos preocupar em lhe dar uma resposta particular?” , e aquilo que escapa aos olhos a maior parte das pessoas é o sofrimento que muitas vezes está associado à vivência destas características... a sensação de não se integrarem entre os pares, de não se reverem nos outros, de se sentirem um pouco “alienígenas” de certa forma... ahhhmm e depois outra justificação que muitas vezes é apontada é o desperdício de capital humano que isto representa, porque efetivamente são pessoas que têm capacidade para fazerem coisas ótimas, quer na escola, quer mais tarde na vida, e que, pelo facto de não serem devidamente estimuladas, encaminhadas e apoiadas, muitas vezes acabam por não realizar o seu máximo potencial e isso é mau, não só para elas, mas mesmo para a própria sociedade que podiam dar outros contributos potencialmente relevantes, portanto, é muito às vezes esta justificação que se aponta, que eu às vezes acho que é um bocado utilitária, porque me preocupo... acho que me preocupa mais se eles são realmente felizes ou não, pronto, isso acho que é o mais importante, e o facto de perceber que há muitos que não são felizes ou não leva-me a ser teimoso e continuar nesta área, apesar de não ter assim muito tempo e isto acarretar muito esforço pessoal às vezes, mas pronto, é, acho que é essa a razão pelo qual continuo na área.

3. Quantos anos de carreira possui?

De carreira tenho, ou seja, de carreira propriamente dita desde o final da faculdade, ou seja, desde que terminei a formação, portanto isto foi em 2015, portanto tenho 7 anos, quase, de carreira neste âmbito, mas se formos a contar o tempo em que trabalho entre aspas nestas área das altas capacidades é um bocadinho mais porque, aquilo que eu

tava a dizer, porque já tinha começado a estar integrado em atividades da ANEIS ainda enquanto aluno, portanto aí já são, se calhar, 10 anos em que trabalho com crianças com estas características.

4. Há quanto tempo está neste/a projeto/instituição?

Exatamente, neste projeto há cerca de 10 anos.

5. Fazendo uma retrospectiva da sua vida em termos profissionais, que momentos e experiências mais importantes destaca?

Por acaso eu destacaria assim como momento essencial, acho que foram mesmo, logo a seguir ao, portanto, no final da... após finalizar a formação, foi este momento de: "ok, o que é que eu agora faço com este canudo giríssimo que eu tenho, que a universidade de Lisboa me conferiu?", foi assim um momento de vazio... ahm agora o que é que eu vou construir com base nisto, e por isso foi muito importante a experiência de estágio profissional, por acaso, marcou-me bastante, porque foi feito nesta área e foi aquilo que me deu a sensação de continuidade, porque aquilo que eu estava a sentir na altura foi, de repente acaba o curso e como é que eu dou um bocado de sentido àquilo que já é a minha experiência, aquilo que são os meus interesses, por aí fora, não me estava a identificar com muitas coisas que estava a encontrar na altura, aquilo foi muito complicado, que a psicologia é uma área muito difícil profissionalmente e depois foi necessário, não havendo ofertas de estágio, foi necessário, na verdade, inventar um estágio para fazer, para conseguir ter a acesso à ordem e foi aí que pedi o apoio da ANEIS, para me acolher e criámos um projeto de estágio que eu acho que foi muito interessante e que, se calhar, me permitiu fazer coisas que eu nunca tinha tido oportunidade, nem o tempo de fazer e pude fazer durante aquele ano em que estive a estagiar, e isso foi um momento marcante. Depois acho que o segundo momento mais marcante até agora, portanto também tenho uma carreira relativamente breve, talvez tenha sido depois a entrada na investigação propriamente dita, portanto, nos projetos de investigação e sobretudo agora com a entrada no doutoramento, acho que foi um momento marcante, acho que há um antes e um depois de começar um doutoramento, a todos os níveis, do ponto de vista do desenvolvimento das competências profissionais... Ahhmm e também aquele choque com a realidade do que é verdadeiramente a investigação pura e dura, por isso é que a minha orientadora logo me alertou que ninguém sai do doutoramento nem mais jovem, nem mais bonito e eu

ok, já percebi porquêahaha... tem esses dois lados, mas sim acho que foram duas experiências marcantes da minha curta carreira.

6. Com o conhecimento e prática da sua carreira o que é para si a imaginação e a criatividade?

Sim, eu não vou conseguir dar realmente uma resposta muito, concetualmente muito rica ou muito teórica, também não sou propriamente um estudioso, as minhas áreas de investigação não são a criatividade propriamente enquanto conceito. Quando eu penso na imaginação, penso naquelas nuvens, naqueles balões de pensamento... no fundo uma pessoa imaginativa dá-me a sensação que é uma pessoa que tem muitas nuvens dessas e essas nuvens são diferentes, têm cores diferentes, têm formas diferentes... ahhm são ricas, são variadas, essa é a capacidade de imaginar enquanto forma de ter muitas ideias não é, e essas ideias têm de ser diferentes e acho que a imaginação tem uma segunda conotação que é, que está muito associada à representação mental, que é a capacidade de... imaginar é a capacidade de ver qualquer coisa que não existe, que não está lá, não é, independentemente dos sentidos nós conseguirmos ver na nossa, assim só na nossa cabeça qualquer coisa que pode existir ou que pode não existir e isso é que é o fascinante da imaginação e eu acho que é nesse sentido que se cruza com a criatividade, porque a partir do momento em que nós estamos a imaginar coisas que não existem, nós estamos a criar algo novo, e a novidade acho que é a essência da criatividade... ahhm na verdade há sempre aquela coisa de que não existe propriamente novidade, ou seja, que toda a criatividade no fundo é uma reorganização ou uma reinvenção do velho em novo e de certa forma, sim, no fundo, se calhar a criatividade é um bocado como o mundo físico, não é, com os mesmos átomos, com os mesmos blocos, nós podemos fazer milhares, milhões, infinitas formas, infinitos seres, infinitos objetos, se calhar, a criatividade também é isto, é conseguir pegar com os mesmo blocos básicos e fazer coisas completamente novas, pelo menos aparentemente.... E depois quando penso na criatividade, penso sempre muito, acho eu, influenciado pelas definições do Torrance, talvez por influencia da professora Sara que sempre trabalhou muito com o Torrance, lembro-me sempre muito dessa ... das dimensões da criatividade que ele define, porque realmente fazem sentido, eu acho que aquilo está bem pensado concetualmente, nunca se consegui propriamente utilizar aquela teoria, por exemplo, para criar formas de avaliar a criatividade, sejam muito muito muito válidas, acho que isso ainda não se conseguiu, acho que até se desistiu um bocado dessa tentativa hoje em dia.... Mas essencialmente a ideia que a criatividade é fazer uma coisa que é original, faz sentido obviamente, é a primeira coisa que acho que

a gente ou dadas pessoas se lembram, só que essa originalidade não pode ser só em frequência estatística, não é, não pode ser só uma coisa que é rara, alguém teve uma ideias que poucas pessoas têm, isso é importante, mas se essa ideia for completamente absurda perde a utilidade e, a criatividade, por definição, também tem que ter uma utilidade para, ou seja, seja para o próprio ou seja para os outros, pode não ser aquela utilidade social, no sentido de inventar a nova, sei lá, a nova Google, mas pode ser uma utilidade até nas coisas quotidianas, por exemplo, inventar uma nova forma de dobrar a roupa para fazer a mala de viagem, que é aquilo que depois alguns autores falam, da criatividade do C grande e do C pequenino, a dor C pequenino que é estas coisas do dia a dia, que às vezes nós podemos ser criativos a fazer coisas do quotidiano e que também é importante... ahhm depois a ideia da fluência parece ser também muito importante, portanto é também uma das dimensões do Torrance, que é ter muitas ideias e realmente dá a sensação, de acordo com a investigação pelo menos que eu conheço, dá-me a sensação que é uma das principais dimensões, parece que ter a capacidade de ter muitas ideias, lá está, ter muitos balões de pensamento é importante para a criatividade, porque realmente se estivermos preocupados com esta questão de ter ideias que são válidas e que são relevantes, quanto mais ideias tivermos mais provável é termos uma boa ideia, portanto são precisas muitas más ideias às vezes para se chegar a uma boa, que se calhar para grande parte das pessoas não é intuitiva porque acham, por exemplo, que aquela coisa da inspiração tem que, sei lá, um escritor quando escreve algum poema aquilo cai-lhe assim, acham que eles não têm de apagar e escrever frases que se calhar são, usando a expressão moderna, são “cringe”, se calhar não são interessantes nem bonitas e portanto esta ideia da fluência parece que é um dos preditores da criatividade, parece-me ter muitas ideias, e depois a questão da flexibilidade, que é aquela coisa que, ou seja, quando nós estamos a tentar ter ideias, nós podemos ter muitas ideias diferentes mas elas estarem todas aqui à volta, não é, se calhar um pintor pode ter uma ideia original que é fazer um quadro em que o céu é cor de laranja, não é, portanto isso pode ser original naquele contexto e depois de repente as outras ideias são pintar o céu de lilás, pintar o céu de amarelo, pintar o céu de vermelho e isso acaba por mostrar que não existe grande flexibilidade, as ideias são muitas mas são muito idênticas, não saem daquela redoma, é um bocado como se a Joana Vasconcelos de repente tivesse achado piada realmente a embrulhar cães de loiça em napperons e depois toda a sua carreira fosse ahaha, agora é um cão de loiça, agora é um caranguejo de loiça, agora é não sei o quê de loiça, depois é sempre muito a mesma coisa, portanto a flexibilidade é aquela ideia de conseguir ter ideias diferentes, mas que muitas vezes pertencem, digamos, a mundos diferentes Por exemplo, quando se avalia a criatividade e se pergunta, sei lá, quantos usos diferentes é que

conseguem inventar para um objeto, uma colher, ou um tijolo, seja o que for... ahhm é tentar que essas ideias envolvam diferentes conceitos, no fundo que sejam verdadeiramente distintas, tenham vários significados, várias perspetivações. Depois há outra dimensão que é a elaboração, que esta aí eu já não sei propriamente se é tão essencial para a criatividade, ou se é quase mais uma fase do processo criativo, que é depois realmente conseguir ter ideias que também são ricas, a capacidade de elaborar, a capacidade de acrescentar pormenores, no fundo enriquecer depois aquela ideia, não é só ter uma ideia em geral e já está, é a capacidade de depois conseguir desenvolver, que é um bocado o que me acontece, às vezes, isto agora é um à parte, acho que tenho uma ideia ótima para uma sinopse, “isto dava um filme muito bom”, mas depois como não sei elaborar aquilo não me serve para nada, não é, se não conseguir no argumento, ter uma ideia para a sinopse é um bocadinho irrelevante, portanto acho que é daí que surge esta ideia da elaboração também.

7. Que tipos diferentes de criatividade identifica?

Sim, sim, como já falámos, se calhar quando estava aqui a falar de criatividade foquei-me aqui mais no processo, aliás não, se calhar foquei-me mais até nos produtos criativos, há pessoas que se focam mais nas características da pessoa criativa, não é... ahhm e eu não sei... bem de certa maneira, agora assim, pensando por exemplo num trabalho que fizemos com os miúdos, de certa forma, quando nós estamos a promover certas formas de pensamento que levam a produtos criativos também estamos a levar certas formas de ser que promovem a criatividade, não é, que é questão de ser aberto a várias ideias, de muitas vezes tentarmos não ser demasiado autocríticos com essas mesmas ideias, portanto, estarmos abertos àquilo que vem e não nos preocuparmos tanto com a qualidade, mas primeiro estarmos abertos realmente às ideias e depois a seguir julgarmos essas ideias, portanto uma perspetiva mais tolerante em relação àquilo que se pensa, no fundo ter assim uma forma de pensamento mais liberal, não conservadora.

A pressão para o conformismo eu acho que é muito forte na educação, e muitas vezes privilegia-se muito o estar certo desde ponto de vista de... existe uma forma de olhar para as coisas e pronto, essa forma é transmitida como única na educação e isso acaba por matar a criatividade nos miúdos, e há alguns estudos que mostram realmente como existe um potencial para a criatividade, muitas vezes com um pico nesta altura, durante o pré-escolar e 1º ciclo que depois vai tendo um declínio ao longo da escolaridade... dá realmente a sensação que os alunos vão sentindo amassados e enfiados numa forma qualquer, e ok isto realmente é a forma de olhar para as coisas, e, aliás nós se calhar até temos esta experiência nós próprios, eu lembro-me de chegar à faculdade e por ser uma

faculdade de psicologia, em psicologia não se sabe nada sobre o mundo, quase tudo é ainda probabilístico, quase tudo é depende da perspectiva, nós nunca, quase nunca, respondemos a uma questão que não comece por depende, por exemplo, “o que é que é a criatividade? Bem depende”, pronto é um bocado isto que acontece na parte das áreas da psicologia e portanto, assim que cheguei aos anfiteatros da faculdade isso foi uma sensação estranhíssima, porque “como assim, estas pessoas não sabem nada sobre nada”, porque estava habituado a uma escolaridade que sempre me disse “isto é assim”, mesmo que aquilo seja um conhecimento datado, um conhecimento contestado cientificamente, esta perspectiva científica sobre o conhecimento penso que é uma coisa meramente probabilística, muitas vezes provisória, não é, toda a verdade é provisória... aahhhm esta ideia de poder haver diferentes perspectivas sobre as coisas não é propriamente transmitida, nós aprendemos o modelo do átomo e é aquilo que é, pronto.. ahhh e por isso dá-me a sensação que ainda não libertámos intelectualmente, se calhar, os professores, os educadores e com isto não conseguimos libertar intelectualmente os alunos... eu acho que isso tem, tem e vai continuar a ter porque não estou a ver propriamente mudança a este nível, vai ter algumas repercussões na forma como os alunos, que vão ser os futuros profissionais, não é, que vão encarar os desafios, seja no mercado de trabalho, seja na vida, no fundo não é. Nós só somos obrigados a existir por causa da escola e por causa das falhas da escola, acho eu, porque na verdade uma das ambições da ANEIS e sobretudo dos programas de enriquecimento é a nossa própria extinção, que é deixarmos de ser relevantes, não ser necessário nós estarmos a abrir um espaço ao sábado de manhã, em que se calhar os miúdos deviam era estar a passear e a brincar, que é o que eles acabam também por fazer muitas vezes connosco mas pronto, mas sei lá, não ser necessário ir a um sábado de manhã para ter um desafio intelectual, ou para terem um desafio criativo, muitas vezes eles vão lá porque sentem falta disto porque não lhes está a ser dado durante a maior parte do tempo de vigília que eles têm, que é passado na escola.... Aahhhh e continua, pronto era aquilo que estávamos a falar, continua a não haver espaço para pensar diferente e se calhar aí a escola falha na sua função de equidade, porque devia de dar a todos a oportunidade de pudermos desenvolver determinadas competências, entre as quais a criatividade, e acaba por não acontecer, portanto se calhar aqueles que vão ser criativos vão ser aqueles que têm, porventura, a sorte de terem pais que também são criativos, pessoas próximas que os inspiram para a criatividade, penso que se calhar acaba por ser, essas oportunidades acabam por ter de surgir por outro meios, não é que não, propriamente no contexto da sala de aula e isto é até um bocado ilógico porque tendo em conta todos os quadros de referência que eu conheço em termos de competências, as chamadas soft skills que se fala imenso, as competências do século XXI que se falam

imenso... ahhh todas elas, sem exceção acho eu, daquilo que já tenho visto, falam ou de criatividade ou de qualquer coisa na órbita da criatividade e no entanto, isso depois na prática não existe ainda na educação como verdadeira prioridade em termos das competências a desenvolver, o que me parece que, se calhar, também parte muito do sentimento de incompetência das pessoas para promoverem a criatividade, como não se percebe muito bem o que é que a criatividade é, também é difícil perceber como é que fazemos acontecer a criatividade... e não é fácil, de facto, eu também não me considero na posse desse conhecimento todo, é uma descoberta que vamos tentando fazer, mas é que apesar de tudo já existe algum conhecimento e alguma investigação que nos mostra pelo menos o que é que não devemos fazer, mas essas coisas é a pressão para o conformismo por exemplo estávamos a falar à pouco, disto que o céu é azul e acabou.

8. O que é que a sua instituição promove para o desenvolvimento saudável da imaginação e criatividade na infância?

Bem, os programas de enriquecimento da ANEIS, eles são um bocadinhos diferentes a nível nacional, se calhar diria que os de Lisboa são um bocadinho diferentes dos do Porto, os do Porto podem ser um bocadinho diferentes dos de Braga... digamos que cada programa vai tendo as suas áreas fortes e as suas prioridades em termos de intervenção, portanto aquilo que eu vou dizer, se calhar até vou falar mais pela delegação de Lisboa que é aquela em que trabalho. Bem há uma preocupação que já falámos à pouco, que é um pouco a compensação, não é, no sentido de tentar colmatar muitas vezes aquilo que os alunos identificam como o que lhes falta na escola e isso aí depois passa pela estimulação, desafios, dar-lhes voz, permite-lhes experimentar, explorar as suas ideias, desenvolver os seus projetos, explorar os seus interesses, acaba por ser muito por aí. Tem também uma função de inclusão, no sentido em que estamos a tentar demonstrar-lhes que eles não estão sozinhos, aquela ideia que falámos à pouco, de não se sentirem, digamos, perdidos na sua diferença, aquela sensação de não se sentirem "alliens", não é, que é importante para eles, é importante para as famílias que chegam lá e "pensava que só o meu é que era assim, que fazia estes disparates e que de repente se esquecia do casaco em todo o lado porque está sempre a pensar noutras coisa, ou que não se cala à noite porque não consegue para de pensar em coisas", ou seja, pronto é esta dimensão importante que é estarem entre iguais, que eu até acho que é o mais importante, é eles sentirem-se identificados uns com os outros, terem um porto seguro.. ahhhm quando nós perguntamos aos pais todos eles falam da ideia do porto seguro, acho que é o lugar deles, pronto, sentem-se ali

identificados e aceites, que eu acho que isso, se calhar, é das dimensões mais importantes... ahhh e depois, lá está, que é o que acaba por ter aqui uma dimensão também de desenvolvimento de, muitas vezes de competências mais pessoais, mais humanas, de consciência social, de desenvolvimento emocional e desenvolvimento, também, de competências de criatividade e pensamento crítico, e acho que é aqui muito que entra a questão da criatividade e da imaginação.

10. que estratégias utiliza para promover a imaginação e criatividade nas crianças?

Em termos de estratégias, bem para já acho que começa no clima, não é, o clima tem que ser criativo, a sala de aula não pode estar com as carteiras todas em fila... ahhh pronto nós desenvolvemos estas atividades numa universidade, não é, na universidade Lusófona que nos cede uma sala com um armário, onde nós temos tudo e mais alguma coisa, portanto acho que isso faz parte também do clima criativo, é termos um armário cheio de tudo e mais alguma coisa, não é, de todos os materiais possíveis.... Ahhhh e a ideia é criar ali um contexto de liberdade, portanto, em que eles realmente sintam que não têm aquela estrutura, que acabe por ser um colete de forçar, não é, portanto, a ideia é eles poderem, realmente, explorar, experimentar, falhar se for preciso... ahhhm é um clima que procura promover a cooperação, porque entendemos que a criatividade é muito colaborativa, não é só uma coisa que se faz sozinho, enriquece sempre quando eles estão, por exemplo, a trabalhar, eles trabalham quase sempre em conjunto por muito que às vezes até estejam a fazer um projeto individual, são sempre em pequenos grupos... ahhhm porque nós próprios quando pensamos nas atividades também temos de ser criativos e normalmente não somos criativos sozinhos... eu ligo sempre para, neste caso, as colegas que são duas, a Sara Bahia e a Joana Teixeira, psicólogas, e portanto “o que é que vamos fazer este sábado?” e vamos fazendo assim um ping-pong, cada um vai atirando uma ideia, aquela ideia quando chega à outra pessoa depois é transformada e vem de volta diferente, e acho que colaborativamente é mais fácil chegarmos a ideias originais porque cada pessoa acrescenta sempre qualquer informação que combinada dá qualquer coisa nova... e depois eles fazem exatamente a mesma coisa, portanto, eles trabalham muito neste contexto mais colaborativo, e por isso, grande parte das sessões são baseadas num problema, pode ser um problema que nós lhes lançamos ou por outro lado podemos instá-los a procurarem eles próprios definirem um problema, porque muitas vezes isso falha na criatividade, pensa-se muito na “creative problem solving”, que é “ok agora temos aqui um problema, vamos resolver”

e esquece-se que é importante saber definir um problema, saber enquadrar um problema, por exemplo, nós já tivemos sessões em que partimos de uma base geral que era os objetivos do desenvolvimento sustentável e com base naquilo eles tinham de pensar “ok o que é que isto quer dizer?” e na prática como é que isto se transforma não é, ou até as alterações climáticas “como é que isto traduzem problemas concretos? O que é isto? O que leva a isto? São os transportes? São os modelos de produção?”, o que é que leva realmente a isto, portanto encontrar e definir o problema para depois encontrar soluções. Nas outras vezes nós damos um problema já pré-definido, por exemplo na última sessão, que é aquela que eu me lembro melhor, o problema era, eles tinham de conseguir levar um ovo sem se partir, portanto, o edifício da Lusófona tem vários andares, os corredores têm assim umas varandas de acesso às salas, e eles tinham de conseguir lá de cima da varanda do 2º piso fazer com que o ovo chegasse intacto ao chão sem se partir, aquele chamado “egg drop challenge”, e portanto eles tinham de criar objetos que de alguma forma permitisse ao ovo sobreviver, por exemplo, criando uma espécie de sistemas com para-quedas, objetos com amortecedores ou com asas para planarem, enfim eles tinham de inventar qualquer solução com os materiais que nós lhes dávamos, que eram materiais reciclados, para conseguirem resolver esse problema e isto obriga-os a mobilizar o conhecimento que têm sobre, por exemplo, o que é que é o atrito, sei lá, ir buscar conhecimentos de física para resolver aquele problema. Pois esse é um mito também, que a criatividade só existe no domínio da arte. Muitas vezes temos atividades artísticas mas tentamos, também, fazer muitas atividades científicas porque eles, também, pedem muito isso, depois é um grupo maioritariamente de rapazes, na verdade só temos uma rapariga neste momento e, portanto, eles gostam muito da questão da robótica, gostam muito das ciências, das chamadas ciências puras e muitas vezes nós temos de tentar ir pelas duas coisas, pronto, tentar puxar pelas artes, mas também pelas ciências, também pelas ciências sociais, resolver problemas sociais que também é uma questão importante, por exemplo o ano passado tentámos fazer projetos mais de longo termo em que eles tinham que pegar numa questão social e tentar criar uma solução para isso, uma forma de resolver um problema que eles identificassem no mundo... ahhh no fundo para os aproximar, também, um pouco da resolução dos problemas mais reais, também é importante... ahhh e eu acho que em termos das estratégias é isto e é muito no fundo, levá-los a pensar em novos possíveis, não é, pensar que as coisas não têm de ser como são, que podem ser de formar diferentes, por exemplo, estou-me a lembrar de, também, recentemente no contexto da pandemia termos pegado na ideia do novo normal, não é, o que é que é isto do novo normal? É uma oportunidade de reinventarmos uma forma de viver que é diferente, portanto, nós levámos-lhes algumas imagens, por exemplo, a

preto e branco de cidades, de paisagens vazias, em que não havia muitas pessoas, que foi um bocado o que aconteceu depois com a pandemia, e agora tivemos de reinventar como é que vamos voltar a viver aqui nestes espaços, portanto, vamos inventar uma nova vivência para estas imagens, eles desenharam com lápis de cera e coisas assim por cima, recoloriram aquelas imagens que eram a preto e branco, inventando outros usos para aqueles espaços... ahhm e no fundo acho que passa muito por aí, no fundo pensar em diferentes formas de olhar para uma mesma coisa.

Pergunta extra: como se reinventaram com o covid?

Pois não foi fácil porque no início ninguém estava propriamente preparado para isto e mesmo no ponto de vista técnico não tínhamos grandes recursos para fazer face aos desafios... depois com o tempo fomos conseguindo adaptarmo-nos, lá conseguimos ter uma conta Zoom para trabalhar com eles, e basicamente era tudo à distância, pronto, pois agora aí tivemos de reinventar, também, uma forma de trabalhar porque nós estávamos habituados a ter armários cheios de coisas e aquilo era sempre a base de tudo... não temos esses armários mas temos o armário infinito que é a internet, não é, que tem imensas coisas e que acabámos por, no fundo, inventar novas formas... ahhh eles adaptarem-se inicialmente até... alguns deles adaptaram-se bem, depois o problema que fomos tendo é que, portanto, há pessoas que ainda não têm propriamente acesso... ah ou uns não têm um computador como deve de ser, ou não têm uma boa ligação de internet, e isso é um problema, e continua a ser. No entanto achámos que havia algumas vantagens, que acabámos por descobrir a trabalhar online, de maneira que ainda agora nós estamos em formato misto, portanto, vamos alternando entre presencial e online... ahhh porque entendemos que acaba por nos dar outros recursos que muitas vezes na sala de aula nós não temos porque, eles também gostam muito das tecnologias mas não temos um computador ou um tablet por cada criança, não é, portanto, ao trabalharmos no ZOOM conseguimos mete-los "agora vamos pesquisar qualquer coisa no google e vamos procurar vídeos ou imagens para qualquer coisa", não é... Dá para fazer coisas interessantes, eles gostam muito de fazer aqueles quizzes tipo o Kahoot, chegámos a fazer scaperooms virtuais, sei lá, temos feito debates, temos feito pequenos trabalhos tipo posters ou assim que nós antes fazíamos, por exemplo, com uma cartolina e agora fazemos com powerpoint, muda-se a maneira de fazer, mas acabamos por estar a fazer coisas semelhantes.

12. Quais foram as suas melhores atividades que considera que já fez para estimular a imaginação e criatividade?

Ahhh eu acho que foram as peças de teatro, que é uma coisa que desde a pandemia deixámos de fazer mas, que fazíamos todos os anos no final do ano em que eles escreviam os textos, faziam tudo, escolhiam o tema, escreviam os textos em torno disso, faziam os figurinos, era sempre um caos, aquilo corria sempre pessimamente até correr bem, ou seja, eu achava sempre que a peça não ia acontecer até, se calhar, 30 segundos antes dos pais entrarem no anfiteatro da Lusófona para assistirem... ahhhh e as peças de teatro são muito interessantes porque nós percebemos como eles utilizam a dramatização para explorarem, às vezes, questões e problemas, ou inquietações que têm.. ahhhm as peças de teatro é uma forma de expressar as emoções, coisas que muitas vezes não conseguem facilmente expressar na realidade, então através da fantasia é uma forma emocionalmente segura de se expressarem.... Ahhh e eu lembro-me de uma peça em particular em que nós pensamos “bem eles conseguiram encontrar metáforas muito interessantes”, havia vários planetas diferentes e havia um planeta, que acho, que era o planeta “repeat” em que as pessoas eram obrigadas a dizer sempre as mesmas coisas, da mesma maneira, de forma repetitiva e começámos a pensar “hummm onde é que eu já vi esta descrição?”, lembro-me que aquilo era governado pelo ditador que era o Pause Hitler, que tinha um comando que comandava toda a gente e as obrigava a repetir as coisas, depois havia ali uma personagem que salvava a situação. Depois havia outra peça de teatro que era muito gira, que eles criaram três personagens que eram diferentes críticos, que era o crítico construtivo, o crítico destrutivo e não sei o que, depois cada um tinha um nome diferente. E era no diálogo daquelas personagens que se chegava a uma resolução de como é que se deve olhar para as coisas que se faz, etc... e eu pensei “isto é mesmo interessante” porque eles são quase todos altamente perfeccionistas, muitíssimo autocríticos ... ah e conseguiram de repente ali criar aquela dramatização de diferentes formas de lidar com a critica, de lidar com as falhas e aquilo... sei lá, as peças de teatro realmente eram muito trabalhosas mas acho que foram as atividades que mais me marcaram, porque eram mesmo o espelho dos problemas deles e das inquietações que sentem, das angústias existenciais daqueles miúdos.

13. De que modo as suas experiências/vivências influenciam o seu trabalho na promoção da ICI?

Pois, eu realmente só depois mais tarde é que fiz um bocado esse exercício um bocado mais retrospectivo porque percebi do ponto de vista pessoal que já tinha sido criativo, deixei de o ser e depois, mais recentemente, voltei a tentar, ou voltei a descobrir a

criatividade, acho eu, e acho que era criativo em criança porque o meu pai é professor de educação visual e tive a sorte de ele me dar oportunidades de ser criativo, que me comprava materiais, pintávamos conchas, fazíamos colagens com recortes das revistas e dos jornais, ao fim de semana íamos fazer uma atividade com barro ou seja lá o que fosse, e eu achava que isso não tinha tido impacto, ou seja, nunca tinha pensado muito sobre isso e agora retrospectivamente pensei “eu acho que gosto disto” porque realmente sentia-me bem, sentia-me livre quando podia fazer aquelas coisas, depois acho que com a experiência e com a educação que é altamente convencional... e só depois na faculdade com estes miúdos e com o clima da ANEIS, que é muito mérito da Sara Bahia, que é uma pessoa altamente promotora da criatividade e que basicamente fez uma carreira a tentar mostrar que é possível todos sermos criativos e promovermos a criatividade ao máximo uns nos outros, e acho que ela me ajudou um bocado a soltar estas amarras do conformismo que a escola acaba muitas vezes por nos trazer... então tenho a sensação que fui percebendo que não tenho nada que seguir uma forma de fazer as coisas, realmente, acho que a coragem dela em ser diferente sempre foi inspiradora, e hoje em dia sinto-me muito melhor por conseguir, sempre que possível, tentar ser criativo, não é fácil, por exemplo, às vezes numa investigação, num artigo temos que escrever de determinada maneira, as frases não têm que ser bonitas, têm que ser úteis e claras... e por isso, muitas vezes, tenho que ir buscar escapes e outras formas de pôr a criatividade em prática, e tenho conseguido ir encontrando felizmente e acho que por isso é que eu continuo, apesar de cansado, a fazer as atividades com os miúdos, aqui há uns tempos fiz a Odisseia das Emoções, que é um livro que fiz, porque precisava mesmo ter um escape criativo. A criatividade não é uma coisa estanque, podemos reanimá-la na nossa vida.

14. O quão importante é o seu papel na promoção da imaginação e criatividade na vida destas crianças?

Eu por norma assumo que não sou nada até, muitas vezes depois, ou mais tarde receber um telefonema de um miúdo que já tá na universidade, ou seja o que for, e que se lembra de como foi marcado pela ANEIS e por ter estado no programa, ou por um pai ou uma mãe que nos vem dizer como é que eu fiz a diferença, e acho que é aí que nós percebemos o impacto porque no dia a dia não percebemos assim muito claramente, não é... mas depois nós percebemos “Epá realmente...” devíamos sentir aqui alguma responsabilidade porque não é indiferente aquilo que nós dizemos, aquilo que fazemos, não é... ahhh por isso, eu tento existir para eles, no fundo para lhes mostrar que é possível para eles terem, pelo menos, um sítio onde são aceites pelas características

que têm e, no fundo, que tudo aquilo que eles quiserem imaginar e pensar e fazer é permitido.

15. Se pudesse mudaria alguma coisa no ramo da educação?

Quer dizer, eu dá-me a sensação que a educação quase que tinha que ser implodida e contruída de novo porque... a educação é feita de pessoas e as pessoas pensam de determinadas formas e tendem em pensar dessas determinadas formas de forma mais ou menos estável no tempo, muitas vezes aquilo que acontece é que o mundo muda muito rapidamente e as pessoas não, e não há propriamente uma renovação, também, muito rápida, neste caso das escolas, o corpo docente como sabemos também já está muito envelhecido, e portanto acham que persistindo formas de ver o mundo que já estão datadas... aquilo que quase todos os alunos dizem é que a adesão à realidade da escola é muito baixa, da escola digo no sentido da educação, é também os professores, os pais, os alunos, a comunidade, tudo isso reforça uma maneira de fazer as coisas que, lá está, é anacrónica, e às vezes nós metemos a culpa toda nos educadores, professores, seja o que for e esquecem-nos muito do papel... há muitas vezes que os pais têm em replicar determinadas formas de pensar na escola, e eu oiço pais a queixarem-se, por exemplo, que tão em grupos de pais que acham horrendos porque vêm os pais constantemente e obsessivamente a preocuparem-se com os testes e com as datas e sentem-se péssimos pais porque se esqueceram que havia um trabalho de casa ou um teste qualquer e.... e nós pensamos, como é que pudemos culpar, depois, a escola, no sentido dos professores e educadores, se há coisas que os próprios pais reforçam esta maneira de pensar, este ciclo de conformismo, muitas pessoas estão a contribuir para o problema e poucas pessoas a contribuir para a solução de reformar a educação para a tornar mais útil... toda a gente pensa sobre a educação e identifica quais são os problemas, que a escola não prepara suficientemente os alunos para a vida, não os prepara para a resolução de problemas reais, nós ouvimos inúmeras vezes alunos a dizerem que queriam era aprender a fazer o IRS em vez de estar a aprender astrologia, estamos fartos de ouvir isso, e eu questiono-me, quer dizer se toda a gente diagnostica o problema, o que está a falhar, porque é que não somos tão eficientes a implementar, renovar? Portanto, se calhar, para mudarmos a educação tínhamos de acabar com a escola e pensar que a escola é tudo o que está fora dela e não o que está dentro, ou seja, é os problemas do mundo real, é o que acontece lá fora, se calhar devíamos passar um dia por semana no campo em vez de estarmos dentro de uma sala de aula... Acho que é isso, tem que se abrir mais as janelas da escola para o exterior e não as fechar para dentro, que é as mesmas formas de fazer e pensar que já perduram há décadas.

Anexo D - Quadro de análise das entrevistas

Legenda das categorias:

Caracterização da entrevistada

Formação

Carreira

Imaginação

Criatividade

Estratégias

Modelo/Estudos

Opiniões

Caracterização das crianças

Fatores sociais/familiares

Caracterização/organização da Instituição

Papel do Entrevistado

Exploração do Mundo /autonomia

Barreiras à criatividade

Entrevistada A – Coordenadora e ex Educadora de creche

Entrevistada B – Educadora de Pré-escolar

Entrevistado C – Psicólogo e investigador

Entrevistada A – Coordenadora e ex Educadora de creche

Entrevistada B – Educadora de Pré-escolar

Entrevistado C – Psicólogo e investigador

Blocos	Frases	Análise
<p>Caracterização do entrevistado</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“Sabe eu tenho 52 anos”</p> <p>“gosto de conhecer tudo o que está à volta”</p> <p>“Eu destaco vários momentos e até mesmo desde pequenina, porque isto foi sempre o que quis ser, ... sempre soube ao certo o que queria”</p> <p>“Eu sempre soube que queria esta área de crianças com psicologia pelo meio”</p> <p>“Completamente, sabe que eu tive uma infância maravilhosa, maravilhosa”</p> <p>“portanto eu tive assim uma infância maravilhosa, muito vivida na rua, eu brincava na rua, sempre, eu vinha da escola e brincava na rua, eu literalmente brincava na rua, a jogar à corda, ao elástico, não sei o quê, tudo na rua, vivia no centro da cidade”</p>	<p>- A EA foi um pouco mais aberta à partilha de informações pessoais ao longo da entrevista, mostrando-se uma pessoa com uma vasta experiência de vida.</p> <p>- A EB também partilhou um pouco da sua vida pessoal, dando a conhecer o seu percurso escolar infantil, dizendo que nunca frequentou algum tipo de infantário, segundo as suas palavras.</p> <p>- O EC também não abordou muito a sua vida pessoal, mas deixa-nos a saber que não é um</p>

	<p>“eu sempre fui muito independente, muito muito muito, porque me deram essa liberdade também”</p> <p>“eu não faço drama das coisas que não são drama, sou muito positiva e muito pra cima, muito otimista e acho que as coisas vão sempre ser boas, é evidente, como consigo do covid retirar coisas positivas”</p> <p>“eu tenho uma vida privilegiada não é, é o que eu digo, eu venho trabalhar a pé, portanto vivo aqui ao lado, na Ajuda e faço 20 minutos a pé, é uma maravilha, isto para mim é um luxo e é o que eu digo, eu tenho tudo”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“eu nunca estudei, nunca andei em infantários, nunca tinha tido contacto nenhum com a área”</p> <p>“não frequentei o infantário, eu brinquei muito na rua, eu sou do tempo em que se brincava livremente na rua e foi um bocadinho isso, a liberdade, a possibilidade de ser sempre quem sou”</p> <p>Entrevistado C</p>	<p>grande estudioso da temática abordada pela investigação.</p>
--	---	---

	<p>“também não sou propriamente um estudioso, as minhas áreas de investigação não são a criatividade propriamente enquanto conceito”</p> <p>“Pois, eu realmente só depois mais tarde é que fiz um bocado esse exercício um bocado mais retrospectivo porque percebi do ponto de vista pessoal que já tinha sido criativo, deixei de o ser e depois, mais recentemente, voltei a tentar, ou voltei a descobrir a criatividade, acho eu, e acho que era criativo em criança”</p> <p>“porque realmente sentia-me bem, sentia-me livre quando podia fazer aquelas coisas”</p>	
<p>Formação</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“Portanto eu na altura era bacharelato, nós nem tínhamos licenciatura e eu fiz o bacharelato em educação de infância e depois fui tirar uma licenciatura no ISPA em reabilitação, tanto complementou aqui um bocadinho esta minha área, pois não sabia o que é que me ia aparecer no futuro. Fiz 3 anos de licenciatura no ISPA, fiquei com uma licenciatura e depois toda esta experiência que nos completa, não é?”</p> <p>“No curso tive a sorte de estagiar em todas as faixas etárias, desde berçário até jardim de infância”</p> <p>“por isso é que depois fui tirar reabilitação”</p>	<p>- A EA conta com o bacharelato em educação básica e uma licenciatura em reabilitação. Passou por diversos estágios até seguir para a sua carreira profissional.</p> <p>- A EB obteve a sua licenciatura na área da educação no pré-bolonha, por sua vez realizou um estágio profissional para ingressar na profissão escolhida,</p>

	<p>“É assim é muito importante mas também custa dinheiro não é, ... nós temos também um psicólogo que nós gostamos muito, ele também é professor do ISPA e que às vezes, imagine, queremos fazer uma formação na área e contactamos, ele estuda aquilo e estuda o projeto, planeia e que faz-nos ele a própria formação e outras vezes fora, claro”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“Então eu tenho uma licenciatura em educação de infância no pré-Bolonha, ou seja, muito anterior ao vosso, tirado em 99 a 2003.”</p> <p>“Fiz o meu estágio profissional”</p> <p>“Mas o meu percurso académico também foi muito importante e foi o que me fez ver que é mesmo isto que eu queria,”</p> <p>“certamente estes tópicos não foram umas coisas que me foram ensinadas no curso, de o que é a criatividade, que tipos de criatividade existem, como promove-las,”</p> <p>Entrevistado C</p>	<p>completando ainda que o seu percurso académico é que lhe despertou o interesse verdadeiro pela área.</p> <p>- O EC é formado em psicologia clínica e é aluno bolseiro em projetos. Foi a partir da sua vida académica que estagiou no local que atualmente exerce funções, o projeto ANEIS.</p> <p>- Assim que terminaram os seus estudos, todos tiveram oportunidade de trabalho, as educadoras na sua área profissionalizante.</p>
--	---	---

“portanto a minha formação de base é psicologia clínica, portanto tenho o mestrado em psicologia clínica”

“ahhh por exemplo neste momento estou a fazer doutoramento, depois de ter estado alguns anos como bolseiro em projetos... ah mas sempre tive um pé também nesta área mais da educação e sobretudo ligada aos talentos, às nossas capacidades e por, acho que por inerência depois também a criatividade, ou seja, isto tudo começou ainda quando eu era aluno universitário, portanto logo no segundo ano da faculdade eu comecei a fazer voluntariado na ANEIS, que é a Associação Nacional para o Estudo da Intervenção de Sobredotação... ah aquilo que eu fazia enquanto aluno ainda era apoiar nos programas de enriquecimento”

“isso fez-me continuar a ficar... ahhh portanto grande parte do meu percurso académico estive sempre ligado a isso. Depois mais tarde fiz o estágio profissional de acesso à minha profissão, portanto um estágio da ordem dos psicólogos, lá na ANEIS, portanto isto tudo para dizer que sempre fiquei, desde há, portanto mais de 10 anos ligado a esta área por isto. Depois do estágio continuei... pronto fui à minha vida, continuei a trabalhar como bolseiro em projetos etc., mas sempre a colaborar com a ANEIS nas várias atividades que tem, seja de intervenção, seja também de investigação...”

“mas se formos a contar o tempo em que trabalho entre aspas nestas área das altas capacidades é um bocadinho mais porque, aquilo que eu tava a dizer, porque já tinha

começado a estar integrado em atividades da ANEIS ainda enquanto aluno, portanto aí já são, se calhar, 10 anos em que trabalho com crianças com estas características.”

“e por isso foi muito importante a experiência de estágio profissional, por acaso, marcou-me bastante, porque foi feito nesta área e foi aquilo que me deu a sensação de continuidade, porque aquilo que eu estava a sentir na altura foi, de repente acaba o curso e como é que eu dou um bocado de sentido àquilo que já é a minha experiência, aquilo que são os meus interesses”

“e depois foi necessário, não havendo ofertas de estágio, foi necessário, na verdade, inventar um estágio para fazer, para conseguir ter a acesso à ordem e foi aí que pedi o apoio da ANEIS, para me acolher e criámos um projeto de estágio que eu acho que foi muito interessante e que, se calhar, me permitiu fazer coisas que eu nunca tinha tido oportunidade, nem o tempo de fazer e pude fazer durante aquele ano em que estive a estagiar, e isso foi um momento marcante. Depois acho que o segundo momento mais marcante até agora, portanto também tenho uma carreira relativamente breve, talvez tenha sido depois a entrada na investigação propriamente dita, portanto, nos projetos de investigação e sobretudo agora com a entrada no doutoramento, acho que foi um momento marcante, acho que há um antes e um depois de começar um doutoramento, a todos os níveis, do ponto de vista do desenvolvimento das competências profissionais.... Ahhmm e também aquele choque com a realidade do que é verdadeiramente a investigação pura e dura, por isso é que a minha orientadora logo

	<p>me alertou que ninguém sai do doutoramento nem mais jovem, nem mais bonito e eu ok, já percebi porquêahaha... tem esses dois lados”</p> <p>“talvez por influência da professora Sara que sempre trabalhou muito com o Torrance, lembro-me sempre muito dessa ...”</p> <p>“eu lembro-me de chegar à faculdade e por ser uma faculdade de psicologia, em psicologia não se sabe nada sobre o mundo, quase tudo é ainda probabilístico, quase tudo é depende da perspetiva, nós nunca, quase nunca, respondemos a uma questão que não comece por depende, por exemplo, “o que é que é a criatividade? Bem depende”, pronto é um bocado isto que acontece na parte das áreas da psicologia e portanto, assim que cheguei aos anfiteatros da faculdade isso foi uma sensação estranhíssima, porque “como assim, estas pessoas não sabem nada sobre nada”, porque estava habituado a uma escolaridade que sempre me disse “isto é assim”, mesmo que aquilo seja um conhecimento datado, um conhecimento contestado cientificamente, esta perspetiva científica sobre o conhecimento penso que é uma coisa meramente probabilística, muitas vezes provisória, não é, toda a verdade é provisória”</p>	
<p>Carreira</p>	<p>Entrevistada A</p>	<p>- A EA conta com 27 anos, todos eles feitos na instituição privada em que se encontra até aos dias</p>

	<p>“e tive a sorte de vir parar a um projeto que é a casa da árvore, e comecei... estou aqui desde o princípio, a casa ainda estava em obras e eu fui convidada para vir para cá para a casa da árvore... há 27 anos e então isto começou com um projeto muito pequenino e nós...”</p> <p>“entretanto, nos últimos anos estive só com playgroup.... Entretanto agora saí completamente, agora sou coordenadora já há muitos anos e estou só a coordenar ... quando a escola era muito pequenina dava para conciliar ser educadora e coordenadora, porque eram 3 salas, aqui agora são 7”</p> <p>“mas tive sempre no direto que é o que me faz muito sentido, no fundo quando mostro a escola, quando recebo os pais e quando explico o que é que é realmente o projeto, eu estou completamente por dentro porque já estive muitos anos, não sei dizer, sei lá, 20?! Sempre com bebês, sempre com a primeira infância para mim.”</p> <p>“São os 27, eu acabei o curso e vim trabalhar para aqui, exatamente, exatamente”</p> <p>“mas eu estou a investir num projeto que sei que tem pernas para andar, não é?... uma coisa onde eu vou mesmo investir, portanto, ahhh ahh a mim faz-me todo o sentido, e fez...”</p>	<p>de hoje, sendo que começou como educadora e posteriormente teve a oportunidade de coordenar o espaço que se considera de grande prestígio em lisboa.</p> <p>- A EB conta com 18 anos de carreira profissional, passando por várias instituições e estabelecendo-se até aos dias de hoje numa IPSS na zona do Barreiro, teve ainda oportunidade de coordenar o espaço por 2 anos e por questões pessoais decidiu descer de cargo novamente e manter-se como educadora.</p> <p>- O EC seguiu após o curso para a coordenação do projeto que se viu envolvido durante todo o seu percurso académico, a ANEIS. Continua a estudar e a tirar</p>
--	--	--

	<p>“Há 27 anos, como já falámos.”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“Vou fazer 18 anos.”</p> <p>“Eu ainda não tinha acabado o curso e já tinha trabalho”,</p> <p>”Eu comecei por uma instituição particular, entretanto fui colocada também a nível estatal e estou atualmente numa IPSS, portanto tive o prazer de experimentar as 3 vertentes da educação de infância”.</p> <p>“e eu tive a sorte de trabalhar num particular, mas tinha paralelismo pedagógico, tinha uma tabela de remuneração, tinha progressão na carreira, o meu tempo de serviço foi todo contabilizado até hoje, portanto eu trabalho desde 2003 e a partir do momento em que entrei ao serviço foi sempre a contar”</p> <p>“então eu fiz um 1 ano e meio, 2 anos em creche, por isso é que digo 18 anos, é os contados”</p>	<p>doutoramentos, publicando ainda um livro de sua autoria “Odisseia das Emoções”. Tem, portanto, 7 anos de carreira depois do mestrado e 10 anos de investimento no projeto já falado.</p>
--	---	---

“eu trabalhei em pré-escolar, mas sempre em sítios com paralelismo pedagógico”

“Nesta instituição vou fazer 9 anos em janeiro”

“nesse ano eu vim agarrar isto como coordenadora, tive 2 anos como coordenadora da instituição, mas por condições pessoais deixei, tinha dois filhos muito pequenos na altura.... Ahhh e então estou aqui à 9 anos como educadora”

“e no sítio onde eu fiquei era um sítio com um contexto económico mais desfavorecido, o que me permitiu trabalhar mais com as crianças...”

“Eu acho que essencialmente as maiores aprendizagens eu tenho feito aqui, apesar de, eu acho que o facto de ter passado por já as 3 possibilidades privadas em que há um ensino muito mais controlado, controlado é esse o termo, nós temos as crianças, nós também temos os pais.”

Entrevistado C

“nunca exerci propriamente psicologia clínica pura, portanto o meu percurso nunca foi muito por aí, foi sobretudo pela investigação, portanto sou psicólogo e investigador

“ahhh portanto sempre tive mais ligado a projetos de investigação, durante grande parte da minha carreira, se é que se pode chamar assim, que é relativamente curta”

“ahh e atualmente continuo, agora neste caso a coordenar com a professora Sara a delegação de Lisboa da ANEIS e também , pronto pertenço aos órgãos sociais, a essas coisas todas da ANEIS a nível nacional e... mas sobretudo aquilo tudo que faço continua a ser”

“continuar nesta área, apesar de não ter assim muito tempo e isto acarretar muito esforço pessoal às vezes, mas pronto, é, acho que é essa a razão pelo qual continuo na área”

“De carreira tenho, ou seja, de carreira propriamente dita desde o final da faculdade, ou seja, desde que terminei a formação, portanto isto foi em 2015, portanto tenho 7 anos, quase, de carreira neste âmbito”

“Exatamente, neste projeto há cerca de 10 anos”

“Boa pergunta, porque foi uma coisa, na verdade, muito natural, ou seja, eu fui ficando... ou seja, aquilo que me motivou a entrar na área, na verdade, foi uma coisa completamente, para ser franco, completamente, não diria aleatória, o que aconteceu

	<p>foi, neste caso a professora Sara foi minha professora e dizia que tinha estas atividades aos sábados e que convidava todos a irem experimentar... e eu fui,”</p> <p>“apesar de cansado, a fazer as atividades com os miúdos, aqui há uns tempos fiz a Odisseia das Emoções, que é um livro que fiz, porque precisava mesmo ter um escape criativo”</p>	
<p>Imaginação</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>Nada menciona sobre o assunto</p> <p>Entrevistada B</p> <p>Nada menciona sobre o assunto</p> <p>Entrevistado C</p>	<p>- Neste bloco apenas um entrevistado respondeu quais as suas visões sobre a temática da imaginação. Este entrevistado abordou a temática com vários saberes e ideologias, apresentou um leque de informação variada e desejada, indo ao encontro da questão principal da investigação. Aborda a imaginação com ideias únicas e interessantes, enriquecendo esta pesquisa.</p>

	<p>“Quando eu penso na imaginação, penso naquelas nuvens, naqueles balões de pensamento... no fundo uma pessoa imaginativa dá-me a sensação que é uma pessoa que tem muitas nuvens dessas e essas nuvens são diferentes, têm cores diferentes, têm formas diferentes... ahm são ricas , são variadas, essa é a capacidade de imaginar enquanto forma de ter muitas ideias não é, e essas ideias têm de ser diferentes e acho que a imaginação tem uma segunda conotação que é, que está muito associada à representação mental, que é a capacidade de... imaginar é a capacidade de ver qualquer coisa que não existe, que não está lá, não é, independentemente dos sentidos nós conseguirmos ver na nossa, assim só na nossa cabeça qualquer coisa que pode existir ou que pode não existir e isso é que é o fascinante da imaginação e eu acho que é nesse sentido que se cruza com a criatividade, porque a partir do momento em que nós estamos a imaginar coisas que não existem”</p> <p>“e realmente dá a sensação, de acordo com a investigação pelo menos que eu conheço, dá-me a sensação que é uma das principais dimensões, parece que ter a capacidade de ter muitas ideias, lá está, ter muitos balões de pensamento é importante para a criatividade, porque realmente se estivermos preocupados com esta questão de ter ideias que são válidas e que são relevantes, quanto mais ideias tivermos mais provável é termos uma boa ideia,”</p>	
<p>Criatividade</p>	<p>Entrevistada A</p>	<p>- No que concerne à temática da criatividade as entrevistadas A e B</p>

	<p>“criatividade é diária, não é... e quando nós pensamos em criatividade nestes bebés, é deixá-los ir e deixá-los voar”</p> <p>“Quando nós pensamos em criatividade é deixá-los,”</p> <p>“portanto para nós criatividade é deixá-los descobrir e explorar à maneira deles”</p> <p>“como disse a criatividade não é sempre emergente”</p> <p>“a criatividade é isto não é, é eles estarem lá fora e juntam os tronquinhos e saltam os tronquinhos, fazem barreiras, vão buscar as cadeiras e empilham, não sei o quê, apanham um saco de folhas e uns pauzinhos, quer dizer tudo isso é criatividade”</p> <p>“e é isto a criatividade cada vez mais, é evidente, portanto é deixá-los ir... agora nada estereotipado”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“criatividade já está dependente, acima de tudo, das vivências das crianças... porque ela existe, não é, mas se não forem estimuladas não serão descobertas... se não se</p>	<p>focam-se bastante na parte de deixar as crianças serem livres e autónomas, contruir a sua própria perspectiva de criatividade.</p> <p>- A EB aborda, ainda que poucos, alguns tipos de criatividade no ponto de vista de Taylor.</p> <p>- O EC dá-nos as suas informações e visões, destacando ainda um autor muito importante da temática criatividade, o Torrence, evidenciando algumas das dimensões da criatividade segundo a sua referência. Este entrevistado mostra-nos a sua visão da definição de criatividade e da importância da mesma.</p>
--	--	---

tiver a oportunidade de contactar diversos, como é que eu hei-de dizer?, diversos instrumentos, diversas experiências ela não será estimulada”

“A criatividade e a estimulação eu não acho que seja uma coisa que consigas estimular de forma diretiva, ela tem que ser de forma natural, intrínseca”

“por exemplo aqui a criatividade expressiva, que como diz “apoia-se na liberdade do criador em expressar os seus sentimentos e emoções, de forma livre e espontânea, de modo a não influenciar os resultados”

“criatividade inovadora”

Entrevistado C

“criar algo novo, e a novidade acho que é a essência da criatividade... ahhm na verdade há sempre aquela coisa de que não existe propriamente novidade, ou seja, que toda a criatividade no fundo é uma reorganização ou uma reinvenção do velho em novo e de certa forma, sim, no fundo, se calhar a criatividade é um bocado como o mundo físico, não é, com os mesmos átomos, com os mesmos blocos, nós podemos fazer milhares, milhões, infinitas formas, infinitos seres, infinitos objetos, se calhar, a criatividade também é isto, é conseguir pegar com os mesmo blocos básicos e fazer

coisas completamente novas, pelo menos aparentemente... E depois quando penso na criatividade, penso sempre muito, acho eu”

“das dimensões da criatividade que ele define (Torrence), porque realmente fazem sentido, eu acho que aquilo está bem pensado concetualmente, nunca se consegui propriamente utilizar aquela teoria, por exemplo, para criar formas de avaliar a criatividade, sejam muito muito muito válidas, acho que isso ainda não se conseguiu, acho que até se desistiu um bocado dessa tentativa hoje em dia... Mas essencialmente a ideia que a criatividade é fazer uma coisa que é original, faz sentido obviamente, é a primeira coisa que acho que a gente ou dadas pessoas se lembram, só que essa originalidade não pode ser só em frequência estatística, não é, não pode ser só uma coisa que é rara, alguém teve uma ideias que poucas pessoas têm, isso é importante”

“por definição, também tem que ter uma utilidade para, ou seja, seja para o próprio ou seja para os outros, pode não ser aquela utilidade social, no sentido de inventar a nova, sei lá, a nova Google, mas pode ser uma utilidade até nas coisas quotidianas, por exemplo, inventar uma nova forma de dobrar a roupa para fazer a mala de viagem”

“ahhm depois a ideia da fluência parece ser também muito importante”

“que esta aí eu já não sei propriamente se é tão essencial para a criatividade, ou se é quase mais uma fase do processo criativo, que é depois realmente conseguir ter ideias

	<p>que também são ricas, a capacidade de elaborar, a capacidade de acrescentar pormenores, no fundo enriquecer depois aquela ideia, não é só ter uma ideia em geral e já está, é a capacidade de depois conseguir desenvolver”</p> <p>“Sim, sim, como já falámos, se calhar quando estava aqui a falar de criatividade foquei-me aqui mais no processo, aliás não, se calhar foquei-me mais até nos produtos criativos, há pessoas que se focam mais nas características da pessoa criativa, não é”</p> <p>“Por exemplo, quando se avalia a criatividade e se pergunta, sei lá, quantos usos diferentes é que conseguem inventar para um objeto, uma colher, ou um tijolo, seja o que for... ahm é tentar que essas ideias envolvam diferentes conceitos, no fundo que sejam verdadeiramente distintas, tenham vários significados, várias perspetivações.”</p> <p>“A criatividade não é uma coisa estanque, podemos reanimá-la na nossa vida.”</p>	
<p>Estratégias</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“Portanto nós começamos por aí, porque o que é importante nestas idades é brincar, também saber socializar, mas no início o saber brincar”</p> <p>“importante estar na rua, que é o que nós dizemos, oiça tá frio veste um casaco”</p>	<p>- Para a EA, e segundo o lema da sua instituição, as estratégias mais utilizadas para a promoção da imaginação e criatividade na primeira infância passa por dar muita liberdade e autonomia às</p>

"temos sempre as nossas atividades plásticas pensadas para estas idades... pintar com as mãos que é fundamental, que era aquilo que estávamos a dizer, o contacto com muitos materiais, muita natureza, muito o trabalho das sensações, dos sentidos que é fundamental nestas idades e a todas as nossas faixas etárias... ahh e depois é perceber, é assim não temos 5 crianças de 1 ano a pintar, temos duas, temos um bibe daqueles do IKEA para se sujarem à vontade e depois deixamo-los explorar à vontade, e depois o que fazemos é dar folhas muito grandes para que eles possam pintar, até fora da folha se for preciso.. ahhh e depois materiais à descrição que eles usam ou não, dependendo da sua vontade, imagine, desde esponjas e até podem querer pintar só com as esponjas, ou até podem querer pintar só com as mãos e depois é deixá-los voar"

"tintas à descrição, eles escolhem, tenho crianças que num dia nem querem pintar como é óbvio, outros nem gostam de pintar, outros nem conseguem esperar e há outros que querem pintar duas vezes."

"é uma coisa que tem que ser respeitada todos os dias, que é o tempo que cada criança, e eu tenho que ter a sensibilidade e o cuidado de perceber se há uma criança, imagine, que está a fazer uma construção, uns leggos, um brincar, não sei o quê, claro que ele não quer vir pintar... eu ofereço, não é, mas ele, às vezes nem chegamos a oferecer, ele... é tão importante a observação e perceber que eu não vou tirar aquela criança

suas crianças. Para esta educadora o importante é brincar, é respeitar o ritmo de cada criança e não conduzir atividades que não sejam do interesse momentâneo da criança. Todas as salas da instituição são desprovidas de materiais plásticos, apostando assim numa vertente de materiais montessori. Para esta educadora as atividades consistem muito em desenvolver os 5 sentidos humanos.

- Para a EB, esta mostra-nos que também é muito apologista da liberdade e autonomia das crianças, planifica o seu dia de acordo com as vontades das crianças, e que normalmente leva um objeto ou uma história e as crianças a partir daí inventam e

	<p>daquele momento em que ele está em pleno, está completamente envolvido, para vir pintar... amanhã pinta ou faz a atividade proposta, quer dizer, temos que ter esta sensibilidade não é, e perceber... isto não é trabalho para mostrar aos pais, isto é para ser vivido por eles (crianças), há bebês, nós temos bebês às vezes, então quando temos as esponjinhas no verão eles pintam os braços e não pintam a folha, eles pintam-se... é aquilo que ele quer fazer, portanto é dar-lhes este tempo não é, ahhh e depois lá está, nós temos a nossa rotina planeada com as pessoas que vêm de fora ou com a nossa planificação do dia, que depois também temos que ter a capacidade de ser muito... De ser alterada e ajustada, ou seja, eu tou a pensar fazer uma digitinta neste dia, pronto, e já tenho a coisa preparada e coiso e não sei o quê, chega um criança que veio da quinta do avô com um saco cheio de laranjas, as laranjas não ficam para amanhã, a digitinta é que fica, não é, pronto estou a falar de bebês de um anos, as coisas têm que ser vividas no momento e bora lá fazer uma salada de frutas, um sumo de laranja e aquilo é vivido o momento... é que uma criança vem com um saco de laranjas e ah e tal põe aí, como assim? Não é amanhã, é agora no momento, é mais uma oportunidade de trabalhar criatividade de outra forma, mais livre, se bem que aqui as nossas crianças são muito livres e temos sempre em conta a opinião deles, o estado de espírito para trabalhar numa atividade ou não... agora eu não vou cortar, isso é horrível, eles são bebês pequeninos, vêm felizes da vida e nós temos que ter esta sensibilidade"</p> <p>"fazemos a junção das salas com os mais pequeninos, com as salas de dois dois"</p>	<p>criam as atividades alusivas ao que lhe foi apresentado, apostando na promoção da imaginação e criatividade de forma livre e autónoma. Esta educadora teve ainda a oportunidade de participar num congresso de Arte-Terapia com uma colega, para mostrarem o projeto que executaram com as suas crianças, projeto esse que incluía livros, música, histórias, pintores, etc.</p> <p>- Com o EC as estratégias já são um pouco diferentes, no entanto têm sempre espaço para serem livres e autónomos, visto serem crianças altamente dotadas. Este entrevistado em conjunto com as suas parceiras de projeto reúnem-</p>
--	--	---

	<p>"mas depois aproveitamos e fazemos muito a junção de outras idades, jardins sempre misturados, crianças de 2 dois anos sempre misturados, sempre sempre, há uma sala que um dia vai fazer um dia de culinária e convidamos sempre a sala do lado, portanto estamos sempre a trabalhar umas com as outras"</p> <p>"os tais jogos, os de encaixe, os lottos, os jogos de, aqueles mais de matemática, de altura, tamanhos, tudo isso, são completamente diferentes"</p> <p>"instrumentos da sala, nossos, feitos pela educadora é completamente diferente, o mapa do tempo que aparece na sala de dois anos, os mapa das presenças, o conceito de grupo, de quem vem, de quem não vem, as próprias fazem a chamada, põem o amigo que não está ou o amigo que já chegou, ou as tarefas que são planeadas com a própria educadora"</p> <p>"Mas pronto, a forma como o próprio dia está planeado é completamente diferente, o tempo de duração da atividade, a própria escolha das histórias da biblioteca"</p> <p>"pensado de forma à faixa etária em que eles estão e depois claro"</p> <p>"o jogo simbólico"</p>	<p>se sempre, via telefónica ou presencial, e formulam atividades desafiantes, atividades viradas para as ciências, tecnologias, atividades que sejam capazes de agarrar este tipo de crianças e jovens, são atividades desafiantes e promotoras de muita imaginação e criatividade, seja a resolução das mesmas ou a própria construção da atividade que seja possibilitada para as crianças formularem, algumas com problemas da sociedade atual, que envolvem robótica, ciências, ou até mesmo passeios fora da instituição.</p>
--	---	---

"Imagine, nós temos o dia da pintura planeada, a sala de dois anos, lá está, o começar a cortar, a tesoura, o rasgar, colar, imagine que há um dia de rasgagem, colagem e não sei o quê, não interessa, os 2 anos são duas crianças, os 4 anos se calhar são quatro, isto depende um bocadinho e depende da atividade e eles"

"imagine, estão a fazer uma rasgagem ou uma coisa com folhas do outono, com não sei o quê, pronto, não interessa, e estão 4, sobram 10 não é"

"pronto também é matemática, dividem perfeitamente as coisas e são eles que arrumam diariamente, nós ahh as salas de 1 ano muito com eles, mas eles sabem, já nas salas de 2 anos, nós praticamente orientamos mas eles já arrumam tudo sozinhos, mas é tudo muito lúdico, não se obriga uma criança a arrumar, também é divertido arrumar, no fundo lá está, estas coisas do "ah enganei-me, ah o não sei quantos pôs no sitio errado" é muito engraçado, não é, esta dinâmica que depois se cria, tudo a cantar, tudo lúdico, portanto tudo é divertido... é bom também arrumar, a bagunça total e depois bora lá, não é, portanto todas as atividades são planeadas em função das idades deles e as salas organizadas, e os tais mapas de registos são feitos em função das idades deles, claro que é diferente... há coisas que são idênticas é evidente, há atividades que são idênticas, aliás nós juntamos muitas vezes grupos de 1 e 2 anos e planeamos, mas uma atividade que dê para os dois não é.... Que são os fantoches, uma digitinta, eu digo digitinta que é uma coisa que eles adoram fazer, a massa mágica, aquela da farinha maizena, maravilhosa, mas pronto é isso."

“Nós convidamos muitos os pais para virem fazer atividades connosco”

“chamamos muitas vezes os pais”

“então convidei-a para vir explicar, crianças de 2 anos e meio não é, o que é que era o trabalho dela, e pensando também ao mesmo tempo que há muitas crianças que odeiam ir ao médico, isto tudo é passado dos pais, o medo é aprendido, portanto eu achei que também era uma boa forma de lhes mostrar o que é que é isto afinal de ser médico e não sei o quê, então combinámos as duas, fizemos uma sessão com os bebés, fui buscar bebés às outras salas todas, cada um tinha o seu bebé, a mãe fez uma série de coisas, trouxe umas coisas verdadeiras, umas seringas, uns auscultadores, nesse dia estávamos 12 crianças e decidimos então bora lá montar um hospital... então era a médica a ensinar como é que tratava e passando também sempre para eles, :”vocês também quando vão, o que é que o doutor vê? Vê os ouvidos, o vosso coração...” tudo isto passando o paralelismo e eles com os bebés a fazer as coisas e não sei o quê, bem foi assim uma coisa... bem depois o feedback que isto teve, ela fez questão de vir de bata para desmistificar o medo da bata branca, trouxe um símbolo para todos, ahh eu pedi para todos trazerem uma camisa dos pais para fazer as batas, pus o símbolo que a mãe trouxe, portanto no fundo eles eram os doutores...”

	<p>“o próprio espaço e felizmente os próprios materiais que lhes damos”</p> <p>“quanto mais lúdico e quanto mais divertido, quanto mais leve for melhor chega a estas crianças”</p> <p>“num momento de digitinta há um balde de leggos que foi para o chão, há um balde de blocos lógicos que foi para o chão, há um canto com um molhe de livros de está no chão, portanto, no fundo, coisas atrativas de forma a que eles também possam recorrer a esses, no fundo diversificar um bocadinho os cantinhos da sala no momento da atividade de forma a que eles também ... você basta pôr a cozinha que está assim e meter assim que eles vão todos para ali, é automático,”</p> <p>“nós temos aquela hora por exemplo, mas depende do grupo, às vezes é preciso uma hora e um quarto e outras vezes só 45 minutos, tudo depende muito do grupo”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“por exemplo nós lemos uma história sobre um crocodilo que tinha 5 metros e eles quiseram logo fazer o crocodilo, e então fomos fazê-lo em escala real e fomos ver quantos deles cabiam no crocodilo de 5 metros, e a partir daí, desse livro, surgiram imensas potencialidades de trabalhar a criatividade com eles, e então, eu acho que em</p>	
--	--	--

todo o lado, se tiveres um ambiente estimulante diariamente estás a estimular aquela capacidade de forma intrínseca.”

“seja na promoção de uma atividade ou um momento mais livre”

“e é muito por aí que eu trabalho com a minha sala”

“deixá-los ir, deixá-los ter a liberdade e autonomia que necessitam para fazer as coisas”

“ou que eu lhes mostro, é muito engraçado quando às vezes num momento de conversa em grande grupo eu trago algo que já tenho em mente e mostro-lhes e”

“o contacto com diversos autores, escultores, pintores, fazer a questão de divergir não é, e de que as crianças percebam, por exemplo a professora de música não se limita a cantar com eles, trás vários tipos de música e faz teatros, jogos dançados, constrói músicas, tudo isto são fatores para estimular muito mais a sua imaginação e criatividade”

“claro que às vezes está planeado um jogo que trabalha a matemática, ou um passeio à rua que trabalha a matemática, como por exemplo ir ao parque e ver quantas árvores há, quantas são do mesmo tamanho, por aí, é uma coisa que vais dizer que está direcionada para a matemática porque foi projetada para isso, mas é claro que tudo

isto trabalha a imaginação das crianças, a sua criatividade... é muito por aí, eu creio que todas as atividades passem pela promoção disso, até mesmo num momento só de conversa, no momento da manhã em que todos falamos sobre o que fizemos no fim de semana, olha como pudeste observar aqui comigo neste momento que partilhas-te connosco, o Tomás contou que tinha ido ao deserto, e que daí os outros pegaram nisso e fizeram uma história e perguntas maravilhosas como ouviste, isto tudo, até estes pequenos momentos trabalham a criatividade.”

“e como viste nós fazemos o nosso dia a dia em conjunto, não venho com uma coisa extremamente planificada para depois falarmos e eles não estarem para aí virados, eu crio um momento de conversa em que todos participam e escolhem o decorrer do dia, claro que já venho com as minhas ideias, mas não me preocupo nada se querem ou não fazer trabalhos, porque isto não é para mostrar aos pais, é para eles se sentirem bem, no seu ambiente.”

“até porque a ideia de um, vai ser sempre recebida pelos outros e depois a partir daí fazemos um teatro, uma atividade, uma canção, uma sessão de conversa e partilha de ideias,”

“e eu também dou “ideias”, que já são planeadas, mas é uma oportunidade de propor aquilo que já queria fazer de modo a observar a abertura deles”

“e até mesmo um momento que brincadeira na rua é uma maneira de estimularem a sua criatividade.”

“Este e o da tela também é muito interessante, aquele que viu a apresentação, que abordou pintores, música, teatro,”

Entrevistado C

“ahh e com o facto de termos que fazer assim atividades mais fora da caixa, levar os miúdos a desenvolverem a sua, lá está, a sua imaginação,”

“miúdos deviam era estar a passear e a brincar, que é o que eles acabam também por fazer muitas vezes connosco mas pronto”

“Bem há uma preocupação que já falámos à pouco, que é um pouco a compensação, não é, no sentido de tentar colmatar muitas vezes aquilo que os alunos identificam como o que lhes falta na escola e isso aí depois passa pela estimulação, desafios, dar-lhes voz, permite-lhes experimentar, explorar as suas ideias, desenvolver os seus projetos, explorar os seus interesses, acaba por ser muito por aí”

“ahhh e depois, lá está, que é o que acaba por ter aqui uma dimensão também de desenvolvimento de, muitas vezes de competências mais pessoais, mais humanas, de

consciência social, de desenvolvimento emocional e desenvolvimento ,também, de competências de criatividade e pensamento crítico, e acho que é aqui muito que entra a questão da criatividade e da imaginação.”

“Em termos de estratégias, bem para já acho que começa no clima, não é, o clima tem que ser criativo, a sala de aula não pode estar com as carteiras todas em fila... ahhh pronto nós desenvolvemos estas atividades numa universidade, não é, na universidade Lusófona que nos cede uma sala com um armário, onde nós temos tudo e mais alguma coisa, portanto acho que isso faz parte também do clima criativo, é termos um armário cheio de tudo e mais alguma coisa, não é, de todos os materiais possíveis... Ahhhh e a ideia é criar ali um contexto de liberdade, portanto, em que eles realmente sintam que não têm aquela estrutura, que acabe por ser um colete de forçar, não é, portanto,”

“eles trabalham muito neste contexto mais colaborativo, e por isso, grande parte das sessões são baseadas num problema, pode ser um problema que nós lhes lançamos”

“por exemplo, nós já tivemos sessões em que partimos de uma base geral que era os objetivos do desenvolvimento sustentável e com base naquilo eles tinham de pensar “ok o que é que isto quer dizer?” e na prática como é que isto se transforma não é, ou até as alterações climáticas “como é que isto traduzem problemas concretos? O que é isto? O que leva a isto? São os transportes? São os modelos de produção?”, o que é que leva realmente a isto, portanto encontrar e definir o problema para depois encontrar

soluções. Nas outras vezes nós damos um problema já pré-definido, por exemplo na última sessão, que é aquela que eu me lembro melhor, o problema era, eles tinham de conseguir levar um ovo sem se partir, portanto, o edifício da Lusófona tem vários andares, os corredores têm assim umas varandas de acesso às salas, e eles tinham de conseguir lá de cima da varanda do 2º piso fazer com que o ovo chegasse intacto ao chão sem se partir, aquele chamado “egg drop challenge”

“Muitas vezes temos atividades artísticas, mas tentamos, também, fazer muitas atividades científicas”

“por exemplo o ano passado tentámos fazer projetos mais de longo termo em que eles tinham que pegar numa questão social e tentar criar uma solução para isso, uma forma de resolver um problema que eles identificassem no mundo... ahhh no fundo para os aproximar, também, um pouco da resolução dos problemas mais reais, também é importante...”

“por exemplo, estou-me a lembrar de, também, recentemente no contexto da pandemia termos pegado na ideia do novo normal, não é, o que é que é isto do novo normal? É uma oportunidade de reinventarmos uma forma de viver que é diferente, portanto, nós levámos-lhes algumas imagens, por exemplo, a preto e branco de cidades, de paisagens vazias, em que não havia muitas pessoas, que foi um bocado o que aconteceu depois com a pandemia, e agora tivemos de reinventar como é que vamos

voltar a viver aqui nestes espaços, portanto, vamos inventar uma nova vivência para estas imagens, eles desenharam com lápis de cera e coisas assim por cima, recoloriram aquelas imagens que eram a preto e branco, inventando outros usos para aqueles espaços... ahhm e no fundo acho que passa muito por aí, no fundo pensar em diferentes formas de olhar para uma mesma coisa. “

“lá conseguimos ter uma conta Zoom para trabalhar com eles, e basicamente era tudo à distância,”

“porque nós estávamos habituados a ter armários cheios de coisas e aquilo era sempre a base de tudo... não temos esses armários mas temos o armário infinito que é a internet, não é, que tem imensas coisas e que acabámos por, no fundo, inventar novas formas...”

“No entanto achámos que havia algumas vantagens, que acabámos por descobrir a trabalhar online, de maneira que ainda agora nós estamos em formato misto, portanto, vamos alternando entre presencial e online... ahhh porque entendemos que acaba por nos dar outros recursos que muitas vezes na sala de aula nós não temos porque”

“ao trabalharmos no ZOOM conseguimos mete-los “agora vamos pesquisar qualquer coisa no google e vamos procurar vídeos ou imagens para qualquer coisa”, não é... Dá para fazer coisas interessantes, eles gostam muito de fazer aqueles quizzes tipo o

	<p>Kahoot, chegámos a fazer scaperooms virtuais, sei lá, temos feito debates, temos feito pequenos trabalhos tipo posters ou assim que nós antes fazíamos, por exemplo, com uma cartolina e agora fazemos com powerpoint, muda-se a maneira de fazer, mas acabamos por estar a fazer coisas semelhantes.”</p>	
<p>Modelos pedagógicos/ estudos</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“as fundadoras da escola trouxeram uma ideia dos estados unidos, portanto elas tinham vivido nos estados unidos, e fez o playgrupo...”</p> <p>“Eu na altura era a Maria Ulrich e eles eram muito por esta liberdade, autonomia, criatividade, pronto era muito a base.”</p> <p>“portanto o que é que nós fazemos, a nossa planificação, nós temos perguntas qual o modelo que trabalhamos, nós não temos modelo, isto é primeira infância, nós estamos por dentro dos vários modelos que existem e depois vamos buscar um bocadinho a um, um bocadinho a outro, que é o que nos faz sentido a nós Casa da Árvore e vamos adaptando.”</p> <p>“É mais na nossa experiência sem sombra de dúvida,”</p>	<p>- A EA afirma não se reger por nenhum modelo, dando a conhecer qual o que estudou. Aborda o facto de não terem um só modelo e por isso ir buscar informações e estratégias a vários modelos/estudos existentes. Acima de tudo, é muito baseado nas suas experiências.</p> <p>- A EB funciona com o MEM, movimento de escola moderna, e a sua instituição não tem um modelo pré-definido, mas utiliza métodos que o MEM defende.</p>

	<p>"não há sempre a necessidade de fazer disto o nosso dia a dia, então vamos pela nossa experiência, pela vontade das crianças"</p> <p>"... não vale a pena grandes teorias e estarmos cheios de teórica"</p> <p>Entrevistada B</p> <p>"sei que o vygotsky é um grande pioneiro desta área..."</p> <p>"lá está o MEM"</p> <p>"A instituição não tem projeto pedagógico definido"</p> <p>"Movimento da Escola Moderna"</p> <p>"que o MEM defende"</p> <p>Entrevistado C</p> <p>"influenciado pelas definições do Torrance"</p>	<p>- O EC é muito influenciado pelo autor Torrence, fala sobre o little c e big c, acompanhando-se ainda de uma leve abordagem sobre as soft-skills.</p>
--	--	--

	<p>“que é aquilo que depois alguns autores falam, da criatividade do C grande e do C pequenino, a dor C pequenino que é estas coisas do dia a dia, que às vezes nós podemos ser criativos a fazer coisas do quotidiano e que também é importante...”</p> <p>“portanto é também uma das dimensões do Torrance, que é ter muitas ideias”</p> <p>“e portanto esta ideia da fluência parece que é um dos preditores da criatividade, parece-me ter muitas ideias, e depois a questão da flexibilidade, que é aquela coisa que, ou seja, quando nós estamos a tentar ter ideias, nós podemos ter muitas ideias diferentes mas elas estarem todas aqui à volta”</p> <p>“portanto a flexibilidade é aquela ideia de conseguir ter ideias diferentes, mas que muitas vezes pertencem, digamos, a mundos diferentes”</p> <p>“Depois há outra dimensão que é a elaboração”</p> <p>“e há alguns estudos que mostram realmente como existe um potencial para a criatividade, muitas vezes com um pico nesta altura, durante o pré-escolar e 1º ciclo que depois vai tendo um declínio ao longo da escolaridade...”</p> <p>“as chamadas soft skills que se fala imenso, as competências do século XXI”</p>	
Opiniões		

Entrevistada A

“Uma das grandes diferenças do nosso curso é que era muito mais prático, o vosso realmente é mais teórico e eu percebo que vocês, que queiram, não saibam bem se querem estar como educadoras ou como professoras primárias, que no fundo tenham um curso mais abrangente e que depois possam decidir faz muito sentido, mas... ahh, mas acho que às vezes vocês são muito teóricas... aparecem aqui muitas estagiárias com um caderninho na mão a tirar notas... é assim, não! Bora lá, mãos na massa as notas tiram-se no fim, é um estágio de observação, mas um estágio de observação é quando estamos envolvidos na sala, não é? Como é obvio, se não estamos a perder tempo literalmente, se vocês já têm tão pouco tempo de prática, é uma pena chegarem-me aqui miúdas... é o que eu digo, explorem, aproveitem, divirtam-se, invistam, ahh arrisquem, vocês estão cá para isso, depois no final falamos e tirem as notas que quiserem... agora sentar-se numa cadeira... quer dizer para mim não faz qualquer tipo de sentido, mas pronto, mas eu acho que isso até é também aqui um bocadinho aquilo que as faculdades passam e elas seguem à risca também aquilo que as faculdades lhes pedem, ou depende também depois das orientadoras”

“... nós fazíamos uma coisa na minha altura, que fazia tanto sentido, porque é assim, crianças toda a gente gosta, não é? Mas uma coisa é gostar de crianças, um ou dois, outra coisa é estar numa sala com 20 ou 15 crianças, e nós tínhamos... era um estágio obrigatório, fazia todo o sentido, em setembro antes de começar o curso e as inscrições

- Com o decorrer da entrevista a EA começa por dar as suas opiniões sobre a diferença do ingresso no mercado de trabalho da educação na sua altura e agora, dizendo que na sua altura era muito fácil sair do curso e já ter trabalho na área, coisa que nos dias de hoje é muito difícil de acontecer, comparando os tempos e as oportunidades. Informa ainda que a primeira infância é a sua paixão, é o que lhe mais interessa, dizendo ainda que não gosta do ensino público e que ter entrado no ensino privado foi o melhor que lhe podia ter acontecido. Dá-nos a sua opinião sobre os jovens de hoje em dia e mostra o seu descontentamento com a falta de empenho e abertura dos profissionais para

	<p>nós tínhamos 15 dias chamados de estágio probatório, ou seja, colocavam-nos numa instituição... os primeiros 15 dias de setembro era logo a adaptação, era brutal, aquilo era um choque, incrível... portanto haviam lá pessoas que não continuavam, ficavam por ali, já não seguiam, não é?! Era uma prática utilizada espetacular”</p> <p>“É assim, eu sempre tive um fascínio pela primeira infância, acho... acho que estes anos são cruciais para o desenvolvimento da crianças”</p> <p>“e sempre foi o que me fascinou foi a primeira infância... não o berçário, mas a parte de 1, 2 anos é me move... então os dois, é o reboliço, a parte das birras, a afirmação, a negação, começar a falar... é um fascínio é um fascínio para mim...é assim fascinante mesmo.”</p> <p>“É assim, no meu tempo à 27 anos atrás nós escolhíamos os sítios onde queríamos trabalhar, não tem nada a ver, o mercado de trabalho era muito maior,”</p> <p>“aliás eu estou mais a falar no ensino privado, eu nunca quis ir para o público, o público não me fascina nada tem muitas coisas com as quais eu não me identifico, por isso eu gosto muito do privado e dou-me muito bem aqui, sou muito feliz aqui, venho trabalhar muito feliz todos os dias, que é isso que me completa e agradeço diariamente, sem sombra de dúvida.”</p>	<p>com a primeira infância, resultado da última pergunta da entrevista que visava saber o que mudaria na educação.</p> <p>- A EB começa por nos explicar o porquê da escolha da sua área, dando seguimento para a mesma abordagem da primeira entrevistada, qual a facilidade de entrada no mercado de trabalho na sua altura e nos dias de hoje, pela qual esta responde que na sua altura foi fácil e que hoje em dia também considera o mesmo, sendo que refere a existência de instituições desprovidas de documentos legais para o seu funcionamento, falando sobre tabelas salariais ilegais e injustas, e que são este tipos de instituições que se aproveitam das</p>
--	--	---

	<p>“porque no fundo eu acho que a própria faculdade onde estamos a estudar influencia-nos muito”</p> <p>“porque era realmente fácil arranjar, e condições de trabalho, que eu acho que isto é essencial, para mim é assim... é assim claro que em toda a parte é evidente, mas eu acho que só quem está por dentro, é que você sabe o que estou a dizer, percebe que trabalhar nesta área sem condições é um desgaste, é uma coisa... desmoraliza muito mesmo, muito”</p> <p>“tem que ser miúdas novas como você, com esse espírito, que entrar nos sítios e está feito e a pessoa adapta-se e cala-se... não, vocês têm que vir com coisas novas”</p> <p>“a mim o que me faz sentido é a forma como as pessoas que estão aqui convivem com eles,”</p> <p>“o contacto com a rua, a natureza é o melhor que há não só para as doenças mas para todo o desenvolvimento das crianças como é óbvio,”</p> <p>“Não há tantas formações como eu gostaria ou com a qualidade que espero, quer dizer eu se calhar também já sou um bocadinho mais exigente porque também tenho outra experiência, não é, mas também é preciso perceber isso, se vão fazer uma formação para uma aluna que acabou agora o curso ou para uma pessoa que já trabalha na área</p>	<p>profissionais mais novas. Esta educadora refere, também, que ser educadora não é só gostar de crianças, é de saber gostar e lidar com todo o meio envolvente que requer ser uma, seja a instituição, os trabalhadores, as crianças, etc., para finalizar, de acordo com a última pergunta da entrevista, que já foi referida acima qual é, esta mostra novamente o seu descontentamento sobre as instituições ilegais e as instituições que não valorizam os seus trabalhadores, finalizando com a falta de valorização do trabalho das profissionais de creche.</p> <p>- O EC começa por revelar a importância que as crianças deste projeto têm para si. De forma</p>
--	--	--

	<p>há vários anos, é completamente diferente... mas pronto estou sempre dentro, a pesquisar e sempre a ver.”</p> <p>“o que é que é mais importante? Uma criança que não veio a uma aula de motricidade ou uma criança que teve a sorte de ir tomar o pequeno almoço com o pai? Óbvio ahah, tomar o pequeno almoço com o pai! Por amor de deus, vai ter escola uma vida inteira!”</p> <p>“ escolas, maior parte o que estavam a fazer era, havia prolongamento para os pais porque coitadinhos precisavam que as crianças saíssem mais tarde,”</p> <p>“Claro que é completamente diferente uma sala de 2 anos, a forma como a educadora se organiza e como trabalha com um grupo de 2 anos,”</p> <p>“portanto tenho a certeza que as minhas vivências me trouxeram muito para aqui e perceber o quanto é importante ser respeitado, esta individualidade, autónomos, criatividade, rua...”</p> <p>“mas há outra coisa que também é muito importante, que é também o saber estar em casa e o saber brincar em casa, mas estar em casa com qualidade e brincar em casa com qualidade... saber estar em casa, porque os miúdos hoje em dia dizem “hoje é dia de quê?”, hoje é dia de quê? Como assim? É tao bom acordar e bora fazer panquecas, todos de pijama, tudo para a cozinha e não sei o quê, faz parte não é, isso</p>	<p>sucinta fala um pouco da sua vida académica, passando para algumas opiniões sobre a imaginação e criatividade, dando Joana Vasconcelos como exemplos.</p> <p>Conta-nos também um pouco sobre algumas performances das suas crianças e jovens pela instituição, posteriormente mostra-nos a sua visão sobre a sua importância na vida daquelas crianças e pais, evidenciando palavras humildes e genuínas. Para finalizar, como as restantes entrevistas, dá a sua opinião sobre o que mudaria na educação, dando azos a uma conversa sobre a mesma depois do término da entrevista.</p>
--	---	--

	<p>é muito importante... ver um filme em família, bora aproveitar e fazer uma sessão de cinema, fazer umas pipocas... tudo isso é... à que ser criativo não é,"</p> <p>"mas é assim, também temos que lutar para ter as coisas, as coisas não aparecem do ar, agora, percebo que as pessoas hoje em dia se sintam cansadas e que há determinados trabalhos que exige muito, mas cabe-nos a nós também fazer escolhas, e quando se é mãe é isso e nem toda a gente tem que ser mãe nem pai, atenção, nem toda a gente, tem que se ser por vocação e por querer e sentir que é a escolha certa."</p> <p>"para mim aquilo que mais importante é, é as pessoas que ainda não perceberam, que acho a maior parte que é as pessoas acham que trabalhar na primeira infância é literalmente cuidar e trabalhar na primeira infância é muito mais além disso, muito mais, as pessoas acham que é muito mais fácil eles estarem todos em sintonia e estarem sempre todos a trabalhar em grande grupo e não conseguem perceber que é o oposto, para já nunca vão chegar individualmente a cada criança, não é"</p> <p>"porque aquilo do trabalhar em massa e em bloco não resulta, não resulta, para já não conseguimos chegar a eles, ponto número um, e depois as pessoas perceberem que é a brincar que eles aprendem, é a brincar, não vale a pena estar a ensinar as cores, os tamanhos, os números... não vale a pena, tudo é lúdico, tudo tem que ser a brincar e"</p>	<p>- No geral, opiniões de visões, interesses, incómodos, vivências pessoais e profissionais que nos leva a conhecer mais profundamente os entrevistados, dando oportunidade de criar momentos de conversa fora do formato de entrevista, criando outro tipo de ligação.</p>
--	---	--

“infelizmente eu acho que na primeira infância não há muito esta capacidade de “como é que se pinta com as crianças?”, como? Claro que não se pinta com todas as crianças ao mesmo tempo, lá está, é o que eu digo, um a um, dois a dois”

“Infelizmente para a primeira infância ainda há muita pouca abertura, para o jardim de infância não, já se vê coisas maravilhosas, mas na primeira infância ainda se vê muito pouca coisa com esta abertura e as pessoas perceberem o quanto é, como é que se chegam a estes bebés... as pessoas investem pouco ainda”

“Pronto, agora mais para a frente, sem ser a primeira infância é este ensino, sou completamente contra este ensino, completamente, não tem nada a ver com as crianças que temos hoje em dia,”

“Mas pronto da primeira infância era muito isto, acho que as pessoas estão pouco despertas para a primeira infância... e o quanto isto é rico, meu deus, o que eles nos dão, que maravilha... nós temos de pensar que os nosso bebés vão sair daqui com 3 anos para uma sala de jardim de infância completamente autónomos, e são, comem sozinhos, não têm fraldas, vão à casa de banho, vestem-se, despem-se, completamente autónomos,”

Entrevistada B

“Eu acho que a motivação de ter escolhido este curso foi essencialmente ter uma parte de mim que pudesse continuar a ser criança até já na idade adulta, e esta foi a forma de me aproximar mais disso, ... era um dos empregos onde eu não tinha que crescer eventualmente, podia continuar a ser infantil”

“portanto na altura eu acho que era mais fácil encontrar-se trabalho a nível particular, sendo mais difícil o ingresso no estado.”

“Eu não acho que seja complicado nos dias de hoje, contudo, o rastrear o que é bom do que é menos bom, porque infelizmente nós temos muitos estabelecimentos abertos que não estão legais, que não são do conhecimento do ministério da educação, que não têm alvará, que não fazem paralelismo pedagógico, e isso tudo é uma das coisas que as educadoras devem ter em mente quando procuram trabalho”

“existem muitas instituições que não têm tabelas, não têm tabelas salariais e pagam às educadoras o mínimo possível e isso também não é legal.... Pois é mesmo por isso, por não terem conhecimento disto, é que estes senhores se aproveitam de quem acaba o curso”

“muitas instituições não têm, muitas instituições não oferecem ao trabalhador condições que deveriam de ter, quando se sai com uma formação académica superior,

e é uma das coisas que acontece sim. É fácil, é fácil, mas tem de se estar de olho aberto porque é um mercado muito fragilizado.”

“mas há uma coisa que vocês miúdas novas têm que perceber, ser educadora não é só gostar de crianças, eu não fui só pelo gostar, fui pelo desafio, porque gostar todos gostam, mas há uma diferença entre lidar com 2 ou 3 crianças, agora com grupos de 15 e 25 crianças, é que depois não são só as crianças, são os pais, é o desafio diário com as crianças e com os pais, é as colegas do trabalho que tens que lidar, isto de ser educadora envolve muita coisa, mas aqui é onde eu me encontro”

“que eu me identifico com os ideais, que me sinto ouvida enquanto profissional e que não sinto que as minhas colegas me estão a querer tirar o lugar, mas a partilha é que nos faz crescer a todas e então estás à vontade, mas isto não acontece no mercado de trabalho a todas as colegas.”

“acho que é isso que influencia, e o facto de me apaixonar todos os dias e enquanto houver essa possibilidade de me apaixonar por aquilo que eu faço a minha prática vai ser sempre influenciada.”

“quero lá saber se eles são os melhores pintores, se são os que têm mais trabalhos, que têm o dossier cheio de trabalhos, a mim o que me importa é ver a criança feliz,”

“Acima de tudo era mesmo o reconhecimento do trabalho dos profissionais de creche, era o que eu mudaria, porque o resto nunca vai ser fácil de mudar porque é feito por pessoas que pensamos todos de maneira muito diferente... a educação está concebida, acima de tudo, por pessoas que não são da área da educação, que não põem a mão na massa, mudaria o facto de não ouvirem os profissionais, talvez se ouvissem mais talvez tivéssemos uma educação melhor, acho que sim, acima de tudo valorizar os profissionais nas diferentes áreas, não haver diferenças entre o público e o privado... os trabalhadores do privado são tão importantes como os trabalhadores do público, ahhhmm não há igualdade, no tratamento, no reconhecimento, não há, nem pelo trabalho do estado, passa pelo estado não reconhecer educadoras de creche como educadoras, porque não lhes reconhece o tempo de serviço e está mais que provado que o tempo mais importante de todos é esse, dos 0 aos 3 anos, que é quando eles mais absorvem coisas, dos 3 aos 6 eles aprendem, têm lá as bases, é aplicar, é a aplicabilidade, enquanto dos 0 aos 3 é a interiorização. Acho que é um bocadinho isto, acho que se reconhece muito pouco a educação de infância, não posso falar dos outros níveis porque eu não reconheço mas acho que se dá muito pouco valor, e é um trabalho pesado, muito pesado e há pessoas que pensam que as crianças são as ovelhas e eu sou o pastor, que estou aqui só para os aturar um X de horas e está feito.”

Entrevistado C

“eu por algum motivo senti alguma... tive a sensação de que fazia falta alguém se preocupar com aqueles miúdos”

“... acho que me preocupa mais se eles são realmente felizes ou não, pronto, isso acho que é o mais importante, e o facto de perceber que há muitos que não são preocupados, e perceber que há muitas pessoas que não querem saber se eles são felizes ou não leva-me a ser teimoso e”

“Por acaso eu destacaria assim como momento essencial, acho que foram mesmo, logo a seguir ao, portanto, no final da... após finalizar a formação, foi este momento de: “ok, o que é que eu agora faço com este canudo giríssimo que eu tenho, que a universidade de lisboa me conferiu?”, foi assim um momento de vazio... ahm agora o que é que eu vou construir com base nisto”

“não me estava a identificar com muitas coisas que estava a encontrar na altura, aquilo foi muito complicado, que a psicologia é uma área muito difícil profissionalmente”

“portanto são precisas muitas más ideias às vezes para se chegar a uma boa, que se calhar para grande parte das pessoas não é intuitiva porque acham, por exemplo, que aquela coisa da inspiração tem que, sei lá, um escritor quando escreve algum poema aquilo cai-lhe assim, acham que eles não têm de apagar e escrever frases que se calhar

são, usando a expressão moderna, são “cringe”, se calhar não são interessantes nem bonitas”

“é um bocado como se a Joana Vasconcelos de repente tivesse achado piada realmente a embrulhar cães de loiça em napperons e depois toda a sua carreira fosse ahaha, agora é um cão de loiça, agora é um caranguejo de loiça, agora é não sei o quê de loiça, depois é sempre muito a mesma coisa,”

“A pressão para o conformismo eu acho que é muito forte na educação, e muitas vezes privilegia-se muito o estar certo desde ponto de vista de...”

“e, aliás nós se calhar até temos esta experiência nós próprios,”

“Nós só somos obrigados a existir por causa da escola e por causa das falhas da escola, acho eu”

“propriamente no contexto da sala de aula e isto é até um bocado ilógico porque tendo em conta todos os quadros de referência que eu conheço em termos de competências,”

“e não é fácil, de facto, eu também não me considero na posse desse conhecimento todo , é uma descoberta que vamos tentando fazer, mas é que apesar de tudo já existe

algum conhecimento e alguma investigação que nos mostra pelo menos o que é que não devemos fazer,”

“e acho que colaborativamente é mais fácil chegarmos a ideias originais porque cada pessoa acrescenta sempre qualquer informação que combinada dá qualquer coisa nova...”

“Pois não foi fácil porque no início ninguém estava propriamente preparado para isto e mesmo no ponto de vista técnico não tínhamos grandes recursos para fazer face aos desafios... depois com o tempo fomos conseguindo adaptarmo-nos,”

“eu acho que foram as peças de teatro... era sempre um caos, aquilo corria sempre pessimamente até correr bem, ou seja, eu achava sempre que a peça não ia acontecer até, se calhar, 30 segundos antes dos pais entrarem no anfiteatro da Lusófona para assistirem ... Ahhh e eu lembro-me de uma peça em particular em que nós pensamos “bem eles conseguiram encontrar metáforas muito interessantes”

“sei lá, as peças de teatro realmente eram muito trabalhosas mas acho que foram as atividades que mais me marcaram, porque eram mesmo o espelho dos problemas deles e das inquietações que sentem, das angústias existenciais daqueles miúdos.”

“e eu achava que isso não tinha tido impacto, ou seja, nunca tinha pensado muito sobre isso e agora retrospectivamente pensei “eu acho que gosto disto” ... depois acho que com a experiência e com a educação que é altamente convencional... e só depois na faculdade com estes miúdos e com o clima da ANEIS, que é muito mérito da Sara Bahia, que é uma pessoa altamente promotora da criatividade e que basicamente fez uma carreira a tentar mostrar que é possível todos sermos criativos e promovermos a criatividade ao máximo uns nos outros, e acho que ela me ajudou um bocado a soltar estas amarras do conformismo que a escola acaba muitas vezes por nos trazer... então tenho a sensação que fui percebendo que não tenho nada que seguir uma forma de fazer as coisas, realmente, acho que a coragem dela em ser diferente sempre foi inspiradora, e hoje em dia sinto-me muito melhor por conseguir, sempre que possível, tentar ser criativo, não é fácil, por exemplo, às vezes numa investigação, num artigo temos que escrever de determinada maneira, as frases não têm que ser bonitas, têm que ser úteis e claras... e por isso, muitas vezes, tenho que ir buscar escapes e outras formas de pôr a criatividade em prática, e tenho conseguido ir encontrando felizmente e acho que por isso é que eu continuo.”

“Eu por norma assumo que não sou nada até, muitas vezes depois, ou mais tarde receber um telefonema de um miúdo que já tá na universidade, ou seja o que for, e que se lembra de como foi marcado pela ANEIS e por ter estado no programa, ou por um pai ou uma mãe que nos vem dizer como é que eu fiz a diferença, e acho que é aí que nós percebemos o impacto porque no dia a dia não percebemos assim muito

claramente, não é... mas depois nós percebemos “Epá realmente...” devíamos sentir aqui alguma responsabilidade porque não é indiferente aquilo que nós dizemos, aquilo que fazemos, não é... ahhh por isso,”

Quer dizer, eu dá-me a sensação que a educação quase que tinha que ser implodida e contruída de novo porque... a educação é feita de pessoas e as pessoas pensam de determinadas formas e tendem em pensar dessas determinadas formas de forma mais ou menos estável no tempo, muitas vezes aquilo que acontece é que o mundo muda muito rapidamente e as pessoas não, e não há propriamente uma renovação, também , muito rápida, neste caso das escolas, o corpo docente como sabemos também já está muito envelhecido, e portanto acham que persistindo formas de ver o mundo que já estão datadas... aquilo que quase todos os alunos dizem é que a adesão à realidade da escola é muito baixa, da escola digo no sentido da educação, é também os professores, os pais, os alunos, a comunidade, tudo isso reforça uma maneira de fazer as coisas que, lá está, é anacrónica, e às vezes nós metemos a culpa toda nos educadores, professores, seja o que for e esquecem-nos muito do papel... há muitas vezes que os pais têm em replicar determinadas formas de pensar na escola, e eu oiço pais a queixarem-se, por exemplo, que tão em grupos de pais que acham horrendos porque vêm os pais constantemente e obsessivamente a preocuparem-se com os testes e com as datas e sentem-se péssimos pais porque se esqueceram que havia um trabalho de casa ou um teste qualquer e.... e nós pensamos, como é que pudemos culpar, depois, a escola, no sentido dos professores e educadores, se há coisas que

	<p>os próprios pais reforçam esta maneira de pensar, este ciclo de conformismo, muitas pessoas estão a contribuir para o problema e poucas pessoas a contribuir para a solução de reformar a educação para a tornar mais útil... toda a gente pensa sobre a educação e identifica quais são os problemas, que a escola não prepara suficientemente os alunos para a vida, não os prepara para a resolução de problemas reais, nós ouvimos inúmeras vezes alunos a dizerem que queriam era aprender a fazer o IRS em vez de estar a aprender astrologia, estamos fartos de ouvir isso, e eu questiono-me, quer dizer se toda a gente diagnostica o problema, o que está a falhar, porque é que não somos tão eficientes a implementar, renovar ? Portanto, se calhar, para mudarmos a educação tínhamos de acabar com a escola e pensar que a escola é tudo o que está fora dela e não o que está dentro, ou seja, é os problemas do mundo real, é o que acontece lá fora, se calhar devíamos passar um dia por semana no campo em vez de estarmos dentro de uma sala de aula... Acho que é isso, tem que se abrir mais as janelas da escola para o exterior e não as fechar para dentro, que é as mesmas formas de fazer e pensar que já perduram há décadas.”</p>	
<p>Caracterização das crianças</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>porque estas crianças não sabiam brincar, estavam completamente dependentes do adulto”</p>	<p>- A instituição da EA, tendo crianças apenas de creche, apresenta ter dependentes do adulto, com interesses na brincadeira livre e individual.</p>

	<p>“há crianças que nem gostam de se sujar meu deus, uma criança com um ano e meio não gosta de se sujar, meu deus,”</p> <p>“até porque as crianças tendem a mimicar os nossos comportamentos.”</p> <p>“Não, não vai começar a brincar com os outros, há-de começar a brincar com os outros, primeiro vai começar a brincar sozinho,”</p> <p>“depois a própria brincadeira em grupo começa numa sala de 2 anos,”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“saem dali com cada resposta mais criativa e engraçada”</p> <p>“mas nós somos muito autónomos na minha sala, eles são um grupo espetacular</p> <p>Entrevistado C</p> <p>com um grupo de crianças e jovens que nos procuram porque sentem que lhes falta qualquer coisa no seu percurso educativo, no seu dia a dia, querem estar entre iguais, querem ter atividades estimulantes, desafiantes etc.,”</p>	<p>- A EB refere que as crianças da sala que coordena são crianças engraçadas, com diálogos criativos e muito autónomos. Um dos aspetos que tive oportunidade de presenciar.</p> <p>- O EC salienta que as suas crianças e jovens são um grupo desafiante e que precisa de muita estimulação. São um grupo que tem especial interesse em ciências, tecnologias e robótica. Informa ainda que é um grupo heterogéneo, contemplando apenas uma rapariga, restantes rapazes.</p>
--	---	---

	<p>“muitas vezes eles vão lá porque sentem falta disto porque não lhes está a ser dado durante a maior parte do tempo de vigília que eles têm, que é passado na escola”</p> <p>“porque eles, também, pedem muito isso, depois é um grupo maioritariamente de rapazes, na verdade só temos uma rapariga neste momento e, portanto, eles gostam muito da questão da robótica, gostam muito das ciências, das chamadas ciências puras”</p> <p>“eles também gostam muito das tecnologias”</p> <p>“porque eles são quase todos altamente perfeccionistas, muitíssimo autocríticos”</p>	
<p>Fatores sociais/familiares</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“isto é viável porque é aqui num bairro no restelo, classe alta, média alta – alta, portanto eram pais ou mães que não trabalhavam, ou que tinham empregada e podiam vir a pé”</p> <p>“A escola começou a crescer e, entretanto, os pais começaram a sentir a necessidade de também... de eles ficarem o dia todo e fizemos”</p> <p>“os miúdos hoje em dia têm muita dificuldade porque eu acho também que as escolhas são muito maiores”</p>	<p>- A EA salienta o crescimento da instituição devido à sua procura e redondezas, fazendo referência ao tipo de bairro em que esta se insere. De seguida fala sobre a necessidade de trabalho e entreajuda entre pais, escola e crianças, sendo que ainda existe alguma, pouca, resistência de alguns pais sobre o conceito de</p>

	<p>“Há muitos pais que ainda não perceberam que não, que eles têm que estar sentados numa cadeira a aprender e não, não têm.”</p> <p>“claro que isto é todo um triângulo, não faz sentido se não for desta maneira”</p> <p>“para além do triângulo já falado”</p> <p>“porque realmente no fundo o contributo que os pais nos podem dar, por isso é que isto também faz sentido com as famílias, agora é saber chegar a elas.”</p> <p>“Dá trabalho, os pais são muito comodistas hoje em dia, as pessoas viraram muito comodistas”</p> <p>“hoje em dia os miúdos é tudo computadores porque os pais estão muito pouco disponíveis e eu percebo que as pessoas tenham vida atenção...”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“temos que dar muito mais resposta àquilo que os pais pensam e é onde trabalhas mais para os pais,”</p>	<p>aprender sentado, no qual a instituição não apoia esses métodos, então, pede apoio às famílias para que este triângulo seja respeitado e trabalhado por ambas as partes. Para finalizar assinala a problemática dos trabalhos de hoje em dia, do comodismo e das tecnologias na infância.</p> <p>- A EB reforça, também, esta ideologia do trabalho conjunto entre pais e escola, fazendo face mais uma vez aos entraves que os trabalhos de hoje em dia causam na vida ativa e saudável da criança.</p> <p>- O último entrevistado elabora este bloco, sendo que se trata de uma instituição que dá apoio a</p>
--	--	---

“... alguns contextos familiares atualmente não permitem isto, enquanto que nós temos crianças que fazem visitas a exposições, que vão passear com os pais... então o contexto familiar é a base de tudo”

“porque nós estamos a lidar com a futura geração e nos dias de hoje em que os pais se mostram mais ausentes, não os culpabilizando até porque os trabalhos de hoje em dia exigem mais de todos, é normal que cheguem a casa e não estejam para ter um momento mais pedagógico com os filhos, é comer, ver um bocadinho de televisão e dormir,”

Entrevistado C

“porque mais ninguém, muita pouca gente se sensibiliza para esta causa das altas capacidades, que não é visto propriamente como um problema... ah existe uma negação do problema a nível social e muito particularmente na educação, portanto é visto como uma coisa que não merece realmente atenção, porque a ideia que está na base é muitas vezes: “ ah então se eles têm mais facilidade ótimo, porque é que havemos de nos preocupar em lhe dar uma resposta particular?” , e aquilo que escapa aos olhos a maior parte das pessoas é o sofrimento que muitas vezes está associado à vivência destas características... a sensação de não se integrarem entre os pares, de não se reverem nos outros, de se sentirem um pouco “alienígenas” de certa forma... ahmm e depois outra justificação que muitas vezes é apontada é o desperdício de

jovens e crianças que sentem necessidade de mais do que a escola e a sociedade lhes promovem, ou falta em promover. Elucida para o facto de que as pessoas não levam estes jovens a sério, não compreendendo as suas dificuldades e obstáculos impostos pela comunidade portuguesa. Alerta, também, para a libertação intelectual de professores e profissionais da educação para a aceitação de novas perspetivas, para a abertura novos métodos, novas maneiras de comunicar, de interagir, ensinar e que a falta desta abertura não favorece pessoas criativas, dando a possibilidade de que pessoas com um ambiente familiar promotor de criatividade será a única razão

	<p>capital humano que isto representa, porque efetivamente são pessoas que têm capacidade para fazerem coisas ótimas, quer na escola, quer mais tarde na vida, e que, pelo facto de não serem devidamente estimuladas, encaminhadas e apoiadas, muitas vezes acabam por não realizar o seu máximo potencial e isso é mau, não só para elas, mas mesmo para a própria sociedade que podiam dar outros contributos potencialmente relevantes”</p> <p>“esta ideia de poder haver diferentes perspetivas sobre as coisas não é propriamente transmitida, nós aprendemos o modelo do átomo e é aquilo que é, pronto.. ahhh e por isso dá-me a sensação que ainda não libertámos intelectualmente, se calhar, os professores, os educadores e com isto não conseguimos libertar intelectualmente os alunos... eu acho que isso tem, tem e vai continuar a ter porque não estou a ver propriamente mudança a este nível, vai ter algumas repercussões na forma como os alunos, que vão ser os futuros profissionais, não é, que vão encarar os desafios, seja no mercado de trabalho, seja na vida, no fundo não é.”</p> <p>“portanto se calhar aqueles que vão ser criativos vão ser aqueles que têm, porventura, a sorte de terem pais que também são criativos, pessoas próximas que os inspiram para a criatividade, penso que se calhar acaba por ser, essas oportunidades acabam por ter de surgir por outros meios”</p>	<p>pelas quais continua a existir pessoas criativas, tendo famílias que apostam em atividades lúdicas. Este aponta, ainda, para o facto de as tecnologias acabarem por ser um entrave na comunicação, visto que nem todas as pessoas têm fácil acesso a computadores ou internet. Por fim, revela que um dos fatores para ser uma pessoa criativa é a abertura que o seu pai teve para lhe proporcionar momentos lúdicos, indo ao encontro do que foi referido acima.</p>
--	---	---

	<p>“ahhh eles adaptarem-se inicialmente até... alguns deles adaptaram-se bem, depois o problema que fomos tendo é que, portanto, há pessoas que ainda não têm propriamente acesso... ahh ou uns não têm um computador como deve de ser, ou não têm uma boa ligação de internet, e isso é um problema, e continua a ser.”</p> <p>“mas não temos um computador ou um tablet por cada criança, não é, portanto,”</p> <p>“Ahhh eu acho que foram as peças de teatro, que é uma coisa que desde a pandemia deixámos de fazer mas,”</p> <p>“porque o meu pai é professor de educação visual e tive a sorte de ele me dar oportunidades de ser criativo, que me comprava materiais, pintávamos conchas, fazíamos colagens com recortes das revistas e dos jornais, ao fim de semana íamos fazer uma atividade com barro ou seja lá o que fosse,”</p>	
<p>Caracterização/org anização da Instituição</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“nós não tínhamos o dia todo, só tínhamos as manhãs e eles vinham duas, três, quatro ou cinco manhãs, portanto, no fundo para valorizar o que é mais importante desta escola... brincar!”</p> <p>“portanto começamos por a... manhãs, três, quatro... nos dois, três anos de idade”</p>	<p>- A EA conta como era as rotinas da instituição nos primeiros anos onde os dias em que se frequentava o espaço eram limitados e as idades que aceitavam rondava apenas os três e quatro anos de idades, sendo</p>

	<p>“À e depois à parte tínhamos atividades extra curriculares, tínhamos o mini ginásio, karaté, balé, música, inglês, porque na altura não era curricular nas escolas.. ahh, portanto, no fundo, de manhã os mais pequeninos e à tarde os mais crescidos, que eram os meninos aqui da escola da torre”</p> <p>“o inglês começou a aparecer na escola, portanto fomos retirando essas coisas e entretanto conseguimos ficar com a casa do lado, tivemos imensa sorte, ficámos com duas casas germinadas, em que uma era creche e a outra era um playgroup, portanto tínhamos duas salas de playgroup obviamente e tínhamos três salas de creche, exceto o berçário, não tínhamos berçário.”</p> <p>“aqui temos 7 salas e abrimos o berçário... então temos uma sala de berçário, três salas de 1 ano e três salas de 2 anos”</p> <p>“... o primeiro contacto à escola é uma entrevista ao pais, não é, para vir conhecer a escola e o projeto... eu normalmente, ao principio sentava-me, agora não, eu vou andando, eles vão ouvindo, vão perguntando... faz muito mais sentido, no fundo ali o direto, aquela sensação mesmo do que é estar com eles, de assistir, viver mesmo o momento enquanto estamos a conversar, para os pais faz muito bem e muito mais sentido.”</p>	<p>sempre, até aos dias de hoje, uma instituição privada. Era um espaço que tinha várias atividades extra, fora do tempo de trabalho das educadoras. De momento têm 7 salas de creche e optaram pela abertura do berçário, tudo dividido por idades para um melhor controlo de rácio de crianças por sala. Esta instituição leva o primeiro contacto à escola dos pais de uma maneira um pouco diferente do usual, pois não existe reuniões sentadas, a coordenadora apresenta todo o espaço e todas as informações necessárias percorrendo o recinto com os pais ao mesmo tempo, porque o importante é fazê-los sentir, assistir e viver o momento. É um espaço arejado e amplo. Têm duas pessoas por sala, uma</p>
--	---	--

	<p>“e as nossas salas, as janelas estão sempre um bocadinho abertas, sempre, mesmo quando estão a dormir a sesta”</p> <p>“muitas vezes o berçário não vão tanto quanto gostaríamos pelas rotinas deles, pelos horários que são completamente diferentes e às vezes só vão dois e outros três estão a dormir, não é, portanto”</p> <p>“nós temos, a equipa é sempre duas pessoas por sala e depois temos sempre estagiárias, temos uma miúda extra que está sempre numa das salas, pronto uma miúda com algumas dificuldades e nós acolhemo-la, e depois temos também uma auxiliar polivalente que ajuda também cá fora, como no berçário. Somos muito abertas a receber estagiárias, eu então sou... é assim já foi à alguns anos mas eu também não me esqueço dos meus tempos.”</p> <p>“em literatura infantil que é uma área que me fascina imenso, nós temos três professores extras, que também deve estar aí no projeto quando leu, que vêm à escola.”</p> <p>“portanto temos o nosso planeamento semanal,”</p>	<p>ajudante extra com necessidades educativas especiais e aceitam ao longo do ano estagiárias. No que concerne à literatura infantil, dispõem de três professores. Têm um planeamento semanal e uns dos seus objetivos é fomentar o sentido de liberdade e autonomia na primeira infância, visto que é a brincar que se aprende a ser criativo. Fala-nos ainda sobre a sua reorganização com a chegada do covid e para finalizar afirma que tudo é combinado e falado entre pais e profissionais, havendo sempre, também, reuniões no início do ano letivo e outras em novembro para fundamentação do projeto de sala.</p> <p>- A EB começa por contar a história do espaço e como este foi</p>
--	--	---

	<p>“A liberdade de expressão, meu deus ahaha, deixem-nos estar, deixem-nos andar. É muito isto Raquel, o nosso lema e ponto de partida é este, eles têm que brincar e é a brincar que aprendem, que desenvolvem a sua imaginação e criatividade.”</p> <p>“por isso é que a escola é muito aberta e não temos aquela rigidez, “ têm que entrar a esta hora”,”</p> <p>“não não, nós temos uma hora a que começa o dia que é às 10h, que achamos que é um horário razoável para as famílias,”</p> <p>“nós temos uma reunião sempre no início do ano em setembro só com os pais, em que tudo isto é explicado, os pais recebem o calendário, dos dias das atividades,”</p> <p>“ já está a educadora sentada no tapete a fazer o ritual da manhã, quem está, as presenças, quem não está, a história, há portanto aquele momento para começar o dia”</p> <p>“tudo é combinado connosco”</p> <p>“É comunicada aos pais os horários, a rotina da sala”</p> <p>“as salas são divididas por anos de nascimento por questões de segurança social, porque se não trabalharíamos com sala heterogéneas, só que o problema é que depois,</p>	<p>angariado. É uma IPSS que contém muita diversidade, sendo essa uma das características da mesma, dando voz e espaço a crianças que não têm oportunidade nos particulares. É um espaço que defende os seus trabalhadores e tem um projeto educativo onde os profissionais assentam os seus pilares. Cada sala tem o seu plano curricular e a partir daí as educadoras constroem o seu projeto. Tudo é planificado com um propósito e na consideração da entrevistada o próprio funcionamento da instituição é o que promove a imaginação e criatividade.</p> <p>- O EC fala sobre a localização da sua delegação e da principal imagem deste projeto, a</p>
--	---	---

	<p>ou seja, deve saber que há um rácio de crianças em função das idades e dos metros quadrados e se trabalhássemos com sala heterogéneas acabaríamos por ter menos crianças por sala do que aquilo que podemos ter, isto é uma escola privada não é, precisamos de crianças também , para se pagar o que se tem de pagar para a escola sobreviver”</p> <p>“Nós no ano passado fomos obrigados a trabalhar em bolha, mas o trabalhar em bolha é trabalhar em bolha verdadeiramente”</p> <p>“dividimos os nossos jardins, portanto fizemos 6 jardins exteriores, almoçavam sempre separadas e cruzavam-se na casa de banho, e ajustamos os nossos horários todos, ou seja todas as auxiliares entravam às 8h de maneira a que cada criança fosse diretamente recebida pela mesma da sua sala e todas as educadoras entravam às 9h e depois aí é que trabalhamos mais um bocadinho, , e saíamos às 17h ou 17:30h, não havia prolongamentos, porque isso é que é trabalhar em bolha, e nós não reventamos a bolha, a partir das 17:30 a escola fechava e as crianças eram entregues à porta ou ao portão, virámos literalmente porteiras nessa temporada.”</p> <p>“ é muito diferente todas as atividades e a forma como a sala está organizada e a semana planificada, a sala de um e dois anos, os próprios materiais da sala dá aso a outras coisas,”</p>	<p>professora, informando também quando estas sessões tomam lugar durante a semana. Devido à existência de várias sedes, este menciona que vai apenas falar dos métodos da sua, visto que podem mudar de sede para sede. Este projeto tem como grande pilar a inclusão, dando oportunidade de serem ouvidos, de partilharem o mesmo espaço com todo o tipo de pessoas, sejam sobredotadas ou não, pois, esta inclusão é importante não só para os que usufruem do espaço, mas também as famílias dos mesmo. Dar um sentido de igualdade, inclusão, de porto seguro é das dimensões mais importantes para este projeto.</p>
--	--	--

a própria forma de como começam, a rotina tá feita, a rotina de 1 aos 2 “anos é completamente diferente, não é,”

“se um grupo são 14, as nossas salas, duas delas tem 14, outra tem 18 de 2 anos, as salas de 1 ano têm 11, pode ir até 13 mas nós não temos espaço para 13 por causa dos metros quadrado da sala, o berçário pode ir até 10 o nosso só tem capacidade para 8,”

“os próprios pais entram na sala diariamente que é uma coisa que nós fazemos questão, nós tiramos muitas fotografias semanalmente,”

“fizemos uma reunião do projeto pedagógico em novembro, quando o grupo já está todo adaptado e quando as educadoras já conhecem verdadeiramente o grupo e as crianças, muitos vídeos e fotografias sobre o projeto pedagógico, o que é que fazem e ainda vão fazer. Fazemos a reunião de avaliação do projeto pedagógico com os pais, em que não pode vir um dos pais e então aí mandamos os vídeos e fotografias para casa é evidente, não é justo... ahh fazemos um convívio de natal,”

“não fazemos passeios e essas coisas porque nós temos um espaço muito rico, aqui dentro há o que é suficiente para crianças destas idades,”

Entrevistada B

“No final de 2012, a Voz do Operário ganha um concurso, estes equipamentos pertenciam à segurança social, e ganha um concurso que durante 20 anos, a Voz do Operário está a gerir estes equipamentos, nomeadamente Lavradio, Baixa da Banheira e Laranjeiras, são as 3 que a Voz do Operário angariou na Margem Sul. A sede é a Graça em Lisboa, depois existe o Restelo, existe a Ajuda.. ahhh que já têm outras escolas também. A Margem Sul somos só 3 e todas desde 2012, foi nesta passagem...”

“aqui a diversidade é muita, pelas características da Voz do Operário, procuram todos os anos também dar oportunidade às crianças que não têm oportunidade nos particulares e então nós temos muita diversidade,”

“felizmente estou numa instituição que defende os trabalhadores,”

“a instituição tem sim um projeto educativo com os seus pilares, onde assentamos a nossa prática pedagógica,”

“Cada grupo tem o seu plano curricular e aí nós fazemos projeto de acordo com aquilo que temos, a caracterização, os objetivos, a cada 3 meses vamos vendo se foram alcançados ou não...”

“que é aquilo que nós defendemos, não é, este modelo, nós temos a animação cultural,”

“é um pilar da instituição e é isto mesmo”

“o próprio funcionamento em sim é isto, não há nada “agora vamos trabalhar a imaginação e criatividade”, isto tudo o que se faz está direcionado para a promoção disto.”

“Partem através de momentos previstos na agenda semanal”

“tudo é planificado com um propósito”

Entrevistado C

“isso é uma das respostas que a ANEIS tem para estas crianças e jovens que têm altas capacidades ou que têm talentos... ah e que particularmente na delegação de Lisboa que era coordenado e ainda é, agora comigo também , pelo Professora Sara Bahia, que é uma especialista em criatividade, sempre foi muito direcionado para o desenvolvimento do pensamento criativo”

“organização dessas atividades de enriquecimento que são feitas aos sábados de manhã”

“porque na verdade uma das ambições da ANEIS e sobretudo dos programas de enriquecimento é a nossa própria extinção, que é deixarmos de ser relevantes, não ser necessário nós estarmos a abrir um espaço ao sábado de manhã”

“Bem, os programas de enriquecimento da ANEIS, eles são um bocadinhos diferentes a nível nacional, se calhar diria que os de Lisboa são um bocadinho diferentes dos do Porto, os do Porto podem ser um bocadinho diferentes dos de Braga... digamos que cada programa vai tendo as suas áreas fortes e as suas prioridades em termos de intervenção, portanto aquilo que eu vou dizer, se calhar até vou falar mais pela delegação de Lisboa que é aquela em que trabalho.”

“Tem também uma função de inclusão, no sentido em que estamos a tentar demonstrar-lhes que eles não estão sozinhos, aquela ideia que falámos à pouco, de não se sentirem, digamos, perdidos na sua diferença, aquela sensação de não se sentirem “alliens”, não é, que é importante para eles, é importante para as famílias”

“pronto é esta dimensão importante que é estarem entre iguais, que eu até acho que é o mais importante, é eles sentirem-se identificados uns com os outros, terem um porto seguro.. ahhhm quando nós perguntamos aos pais todos eles falam da ideia do porto

	<p>seguro, acho que é o lugar deles, pronto, sentem-se ali identificados e aceites, que eu acho que isso, se calhar, é das dimensões mais importantes...”</p>	
<p>Papel do Entrevistado</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“consequimos chegar muito mais às crianças depois de as observarmos,”</p> <p>“mas realmente cabe-nos muito a nós também investir muito”</p> <p>“estamos cá nós para isso, para os ajudar a ultrapassar as suas barreiras e promover-lhes um ambiente antistress, de aprendizagens livres e espontâneas como assim é a exploração, dar-lhes oportunidade de serem criativos á sua maneira, de trabalharem a sua criatividade, autonomia a seu tempo. Lá está, agora, tudo demora o seu tempo, o respeito pela criança e a observação, que realmente é muito importante, mas isso estamos cá nós”</p> <p>“tenho que estar sempre por dentro, estou sempre a aprender, a pesquisar, procurar informações, uma pessoa não pode parar, temos de nos ir atualizando...”</p> <p>“mas temos que ter esta capacidade de ajuste, e depois também outra coisa muito engraçada é ter a capacidade de perceber que isto no resultou como nós queríamos</p>	<p>- Todos os entrevistados mostram-nos o seu papel na vida destas crianças. Para a EA é necessário saber chegar às crianças, ajudá-los a ultrapassar as suas barreiras e promover-lhes um ambiente antistress. Afirma que tenta estar sempre por dentro de tudo, ou seja, está em constantes formações, observa e procurar saber mais sobre a atualidade, novas práticas. Uma educadora tem que ter a capacidade de ajuste e perceção sobre as coisas, momentos, etc., deve ainda ter um papel de mediadora, de libertadora, de guia e promotora de experiências sabendo sempre utilizar os</p>

	<p>que resultasse, ah e depois perceber porquê... ou o grupo não está para aí virado, ou a própria maneira como eu explico, como propus a atividade, ou a atividade em si”</p> <p>“esta capacidade de também perceber “ isto não resultou”, e na sala com as crianças é a mesma coisa, perceber realmente que eles não estão, que aquilo não lhes chegou e porque é que aquilo não lhes chegou, não é, temos que fazer esse momento de reflexão.”</p> <p>“Lá está, nós aqui somos mediadores não é, que é o que eu digo sempre e estamos aqui para eles acima de tudo, é evidente, primeiro para eles e depois para o pais, é para isso que eu trabalho,”</p> <p>“da comunicação, do respeito, da liberdade”</p> <p>“é dar asas para que as coisas fluem”</p> <p>“o educador tem de ser também o condutor da promoção destas experiências, sem sombra de dúvida.”</p> <p>“e só quando nós chegamos realmente individualmente a cada criança é que eles nos facilitam o trabalho”</p>	<p>melhores meios de comunicação, procurando dar e receber respeito por parte de toda a comunidade. Em geral, dar oportunidade para pensarem o que quiserem, imaginarem o que quiserem e criarem o que quiserem, serem livres e felizes.</p>
--	--	--

“no período e fase de adaptação então é um investimento e dedicação e uma disponibilidade muito grande que tem que haver para se conseguir chegar individualmente a cada criança,”

“agora é preciso envolvimento, é preciso indicação, é preciso as pessoas perceberem o quanto isto faz sentido para estes bebés...”

“portanto dinamizar um bocadinho de forma diferente a sala nesse momento”

“aqueles dois primeiros meses eu tenho que estar no chão dois meses, tenho que estar ali para eles, para se sentirem seguros,”

“disposição que nós temos que ter, diária...”

Entrevistada B

“e que o trabalho decorre mas temos que ter outro tipo de estratégias”

“e depois na escola saber analisar, perceber quais as crianças que não têm tanto estas oportunidades e trazer para dentro da sala... eu acho que é sempre uma oportunidade versus estimulação, e se nós proporcionarmos, nós temos é que a estimular”

“e deve ser uma coisa que nós enquanto figuras educacionais na vida deles devemos sempre priorizar, dar prioridade que o que é importante é deixá-los ser felizes, criativos, não os prender, não lhes formatar o pensamento, a maneira de ver as coisas, se eles querem pintar a relva de rosa que pintem, eles sabem perfeitamente que a relva não é rosa, e pintá-la dessa cor não é um erro, é uma nova forma de ver as coisas... é certo que devemos sempre mostrar-lhes a realidade das coisas, como as coisas são, como podem ser, mas não retraindo o seu pensamento, ou repreendendo constantemente”

“nós promovemos e proporcionamos às crianças diversas atividades culturais, ou seja, concertos, teatros, passeios...”

“Por isto, é muito importante o educador fazer os próprios registos diários, o que pode ajudar muito no decorrer dos próximos dias, porque vou apontado todas as ideias que eles têm, determinados assuntos que eles querem falar, e agarrar nos interesses deles e levá-los para a sala, para que se sintam ouvidos, incluídos”

“o meu papel aqui é guiá-los”

“O meu papel é sempre importante em tudo, o meu e o de todas as educadoras, nós basicamente somos figuras maternas, temos que estar sempre aqui para eles, mas isto na promoção da imaginação e criatividade, como para dar apenas um abraço, colo,

falar sobre o dia... o nosso papel é importante em tudo, não só numa coisa ou outra, em tudo, muito importante mesmo”

“e nós estamos cá para dar o colo, a atenção precisa acima de tudo,”

“é proporcionar-lhe um ambiente pacifico em que ela própria se sinta bem e depois aí sim, se estiverem predispostos a “trabalhar” nós pegamos nessa vontade e tiramos o maior proveito.”

Entrevistado C

“quando nós estamos a promover certas formas de pensamento que levam a produtos criativos também estamos a levar certas formas de ser que promovem a criatividade, não é, que é questão de ser aberto a várias ideias, de muitas vezes tentarmos não ser demasiado autocríticos com essas mesmas ideias, portanto, estarmos abertos àquilo que vem e não nos preocuparmos tanto com a qualidade, mas primeiro estarmos abertos realmente às ideias e depois a seguir julgarmos essas ideias, portanto uma perspetiva mais tolerante em relação àquilo que se pensa, no fundo ter assim uma forma de pensamento mais liberal, não conservadora.”

“porque nós próprios quando pensamos nas atividades também temos de ser criativos e normalmente não somos criativos sozinhos... eu ligo sempre para, neste caso, as colegas que são duas, a Sara Bahia e a Joana Teixeira, psicólogas, e portanto “ o que é que vamos fazer este sábado?” e vamos fazendo assim um ping-pong, cada um vai atirando uma ideia, aquela ideia quando chega à outra pessoa depois é transformada e vem de volta diferente,”

“e muitas vezes nós temos de tentar ir pelas duas coisas, pronto, tentar puxar pelas artes, mas também pelas ciências, também pelas ciências sociais, resolver problemas sociais que também é uma questão importante,”

“ahhh e eu acho que em termos das estratégias é isto e é muito no fundo, levá-los a pensar em novos possíveis, não é, pensar que as coisas não têm de ser como são, que podem ser de formar diferentes,”

“pronto, pois agora aí tivemos de reinventar, também, uma forma de trabalhar”

“eu tento existir para eles, no fundo para lhes mostrar que é possível para eles terem , pelo menos, um sítio onde são aceites pelas características que têm e, no fundo, que tudo aquilo que eles quiserem imaginar e pensar e fazer é permitido.”

<p>Exploração do Mundo /autonomia</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“portanto nós damos as duas oportunidades, eles tanto podem estar no interior como o exterior, pronto, e é rotativo, é completamente rotativo mais tempo na rua, então agora com a situação do covid mais ainda”</p> <p>“... a criança suja-se, a criança troca, por isso é que tem um saco de roupa, a criança troca os sapatos, claro que troca... autonomia,”</p> <p>“crescer é isso mesmo... é como comerem sozinhos e sujarem-se e metem as mãos e não sei o quê, claro eles têm que experimentar... pintar com as mãos, claro que têm que pintar com as mãos”</p> <p>“o facto de os deixarmos ir, serem livres, explorarem, conhecerem o que têm à sua volta já é deixá-los desenvolver estas capacidades. “</p> <p>“para eles é ótimo não é, e depois as portas sempre muito abertas para que possam circular e andar a brincar tanto fora como dentro.”</p>	<p>- Mais uma vez todos os entrevistados encontram-se neste bloco, estes proporcionam momentos de exploração do mundo e autonomia seja nas suas atividades, seja nos momentos não programados. Existe muito a liberdade concebida pelos entrevistados para explorarem o interior e o exterior do espaço, pois o que lhes interessa é fruição do tempo em que as crianças estão no seu espaço. Dão ainda espaço para momentos de crítica sobre o dia e as atividades.</p> <p>- O EC conta ainda uma atividade projetada e concebida pelas crianças e jovens, uma atividade que deu asas à imaginação,</p>
---------------------------------------	---	--

	<p>“mas as crianças acabavam por comunicar umas com as outras através das cercas, ponham na boca e partilhavam brinquedos normal de bebés,”</p> <p>“Imagine, arrumar a sala, ir buscar a fruta, tratar do peixinho ou da tartaruga ou do coelho,”</p> <p>“as de dois já pedem para vir aqui, já escolhem, querem sempre a mesma”</p> <p>“eles organizam-se e têm , lá está, os cantinhos das salas estão feitos assim, tem aquele momento e espaço de quando querem estar a olhar para o infinito na sua, também é importante, não é, portanto as salas estão feitas em que eles próprios se organizem, porque uma sala tem que estar organizada para eles também se organizarem nas brincadeiras, nos seus momentos de reflexão para posteriormente trabalharem a imaginação e criatividade à sua maneira, disposição... a própria forma como se arrumam os brinquedos da sala tem que estar organizada, eles sabem que é a caixa dos carros, que é a caixa dos legos, que é a caixa dos tachos, tudo está organizado para eles quando arrumam,”</p> <p>“as crianças experimentem e explorem”</p> <p>“tudo aquilo são as vivências deles diárias”</p>	<p>criatividade, expressão de sentimentos, liberdade física e psicológica, uma atividade maravilhosa sem dúvida, que acaba por mostrar todo o potencial que uma criança e jovem têm quando são deixados voar nos seus pensamentos e ideias.</p>
--	--	---

	<p>“no fundo é todas as vivências diárias que eles aqui têm,”</p> <p>“todos os dias eles aprendem estes conceitos, tudo é diário, tudo é constante, porque tudo são vivências,”</p> <p>“a partir do momento em que eles se sentem seguros é que eles vão, quando eles começam a ir woow então bora lá,”</p> <p>“Na sala de 2 anos eles é que regem o dia, eles é que se organizam, escolhem para onde querem ir, vão rodando, já são muito autónomos porque também lhes damos muita abertura para isso, sempre.”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“até porque aqui reconheço quando uma criança está a expressar-se livremente, está na sua, e está realmente focada naquele momento sem que a preocupação seja o produto final, mas sim o fruir da atividade”</p> <p>“também é muito interessante porque de facto quando eles estão no seu ambiente, no seu espaço eles são capazes de me mostrar novas perspetivas sobre algo que eles veem,”</p>	
--	--	--

“e uma coisa muito importante na criança é isto, a capacidade de serem assim”

“assim consigo pôr trabalho em prática, mas sem me impor, porque um trabalho imposto nunca é feito com a mesma alegria do que um trabalho que é sugerido em grande grupo, isso é certinho e nós não queremos os miúdos a fazer os trabalhos só por fazerem.”

Entrevistado C

“a ideia é eles poderem, realmente, explorar, experimentar, falhar se for preciso... ahhhm é um clima que procura promover a cooperação, porque entendemos que a criatividade é muito colaborativa, não é só uma coisa que se faz sozinho, enriquece sempre quando eles estão, por exemplo, a trabalhar, eles trabalham quase sempre em conjunto por muito que às vezes até estejam a fazer um projeto individual, são sempre em pequenos grupos”

“ou por outro lado podemos instá-los a procurarem eles próprios definirem um problema”

“e portanto eles tinham de criar objetos que de alguma forma permitisse ao ovo sobreviver, por exemplo, criando uma espécie de sistemas com para-quedas, objetos com amortecedores ou com asas para planarem, enfim eles tinham de inventar

qualquer solução com os materiais que nós lhes dávamos, que eram materiais reciclados, para conseguirem resolver esse problema e isto obriga-os a mobilizar o conhecimento que têm sobre, por exemplo, o que é que é o atrito, sei lá, ir buscar conhecimentos de física para resolver aquele problema”

“em que eles escreviam os textos, faziam tudo, escolhiam o tema, escreviam os textos em torno disso, faziam os figurinos”

“e as peças de teatro são muito interessantes porque nós percebemos como eles utilizam a dramatização para explorarem, às vezes, questões e problemas, ou inquietações que têm.. ahhm as peças de teatro é uma forma de expressar as emoções, coisas que muitas vezes não conseguem facilmente expressar na realidade, então através da fantasia é uma forma emocionalmente segura de se expressarem.”

“havia vários planetas diferentes e havia um planeta, que acho, que era o planeta “repeat” em que as pessoas eram obrigadas a dizer sempre as mesmas coisas, da mesma maneira, de forma repetitiva e começámos a pensar “hummm onde é que eu já vi esta descrição?”, lembro-me que aquilo era governado pelo ditador que era o Pause Hitler, que tinha um comando que comandava toda a gente e as obrigava a repetir as coisas, depois havia ali uma personagem que salvava a situação. Depois havia outra peça de teatro que era muito gira, que eles criaram três personagens que eram diferentes críticos, que era o crítico construtivo, o crítico destrutivo e não sei o que,

	<p>depois cada um tinha um nome diferente. E era no diálogo daquelas personagens que se chegava a uma resolução de como é que se deve olhar para as coisas que se faz, etc”</p> <p>“e conseguiram de repente ali criar aquela dramatização de diferentes formas de lidar com a critica, de lidar com as falhas e aquilo...”</p>	
<p>Barreiras à criatividade</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“Comunicação é fundamental e o respeito, é muito importante mesmo”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“porque de facto nós adultos parece que perdemos essa capacidade de dar uma nova perspetiva às coisas, uma nova vida”</p> <p>“e é isso que nos leva a crescer e a perder este brilho, o facto de nos terem formatado constantemente para a realidade e não nos deixarem voar, imaginar, criar, brincar com as possibilidades e materiais que temos sempre à nossa disponibilidade.”</p> <p>“é muito na base de fazer atividades para mostrar aos professores mas não discutir esta parte sobre a arte, estes processos que existem”</p>	<p>- A EA não apresenta no seu discurso muitas barreiras à criatividade.</p> <p>- Já os EB e EC mostram-se compatíveis nas suas respostas, sendo que o EC propõem mais barreiras à criatividade. Em comum, centra-se o facto dos adultos serem a barreira principal das crianças, visto que todos sofreram um processo de formatação pela vida e escola ao longo dos anos e poucas são aquelas que se escapam, que</p>

Entrevistado C

“mas se essa ideia for completamente absurda perde a utilidade e, a criatividade,”

“não é, se calhar um pintor pode ter uma ideia original que é fazer um quadro em que o céu é cor de laranja, não é, portanto isso pode ser original naquele contexto e depois de repente as outras ideias são pintar o céu de lilás, pintar o céu de amarelo, pintar o céu de vermelho e isso acaba por mostrar que não existe grande flexibilidade, as ideias são muitas mas são muito idênticas, não saem daquela redoma”

“existe uma forma de olhar para as coisas e pronto, essa forma é transmitida como única na educação e isso acaba por matar a criatividade nos miúdos”

“dá realmente a sensação que os alunos vão sendo amassados e enfiados numa forma qualquer, e ok isto realmente é a forma de olhar para as coisa”

“continua a não haver espaço para pensar diferente e se calhar aí a escola falha na sua função de equidade, porque devia de dar a todos a oportunidade de poderem desenvolver determinadas competências, entre as quais a criatividade, e acaba por não acontecer”

fogem do padrão dito “normal”. Sendo maior parte, pelo menos referidos, desses adultos os próprios profissionais de educação, os professores, pois considera-se que estes são os maiores formadores de humanos, visto que estão designados aos programas que têm que lecionar, às vezes desprovido a capacidade do aluno poder dizer que o céu não é só azul, que a terra não serve só para cultivar, entre outros. Uma realidade vivida por estes entrevistados.

	<p>“e no entanto, isso depois na prática não existe ainda na educação como verdadeira prioridade em termos das competências a desenvolver, o que me parece que, se calhar, também parte muito do sentimento de incompetência das pessoas para promoverem a criatividade, como não se percebe muito bem o que é que a criatividade é, também é difícil perceber como é que fazemos acontecer a criatividade..”</p> <p>“mas essas coisas é a pressão para o conformismo por exemplo estávamos a falar à pouco, disto que o céu é azul e acabou.”</p> <p>“porque muitas vezes isso falha na criatividade, pensa-se muito na “creative problem solving”, que é “ok agora temos aqui um problema, vamos resolver” e esquece-se que é importante saber definir um problema, saber enquadrar um problema,”</p> <p>“Pois esse é um mito também, que a criatividade só existe no domínio da arte.”</p>	
<p>Importância da promoção da imaginação e criatividade</p>	<p>Entrevistada A</p> <p>“É um dos pontos principais, para além do triângulo já falado, da comunicação, do respeito, da liberdade, como já fomos falando ao longo do tempo.”</p> <p>Entrevistada B</p> <p>“Eu acho que o trabalho que uma educadora planeia tem que ter sempre em atenção isto, não é, claro que às vezes está planeado um jogo que trabalha a matemática, ou um passeio à rua que trabalha a matemática, como por exemplo ir ao parque e ver quantas árvores há, quantas são do mesmo tamanho, por aí, é uma coisa que vais</p>	<p>- A EA não se alonga sobre a importância que a promoção do desenvolvimento e criatividade exerce sobre as crianças, o mesmo com a EB, sendo que acaba por dar umas luzes da importância que tem através das</p>

	<p>dizer que está direcionada para a matemática porque foi projetada para isso, mas é claro que tudo isto trabalha a imaginação das crianças, a sua criatividade...”</p> <p>Entrevistado C</p> <p>“a ideia é eles poderem, realmente, explorar, experimentar, falhar se for preciso... ahhm é um clima que procura promover a cooperação, porque entendemos que a criatividade é muito colaborativa, não é só uma coisa que se faz sozinho, enriquece sempre quando eles estão, por exemplo, a trabalhar, eles trabalham quase sempre em conjunto por muito que às vezes até estejam a fazer um projeto individual, são sempre em pequenos grupos “</p> <p>“ahhh e depois, lá está, que é o que acaba por ter aqui uma dimensão também de desenvolvimento de muitas vezes de competências mais pessoais, mais humanas, de consciência social, de desenvolvimento emocional e desenvolvimento, também, de competências de criatividade e pensamento crítico, e acho que é aqui muito que entra a questão da criatividade e da imaginação.”</p>	<p>estratégias que utiliza, ou seja, apesar de ter atividades planificadas para um tema em específico, tudo acaba por trabalhar a imaginação e criatividade.</p> <p>O EC aprofunda sobre a importância da promoção da imaginação e criatividade, explorando o que esta desenvolve nas crianças, desde competências de pessoais a sociais.</p>
--	--	---